

Contos e crônicas de um tempo esgotado

Tempo
passado é o
que passou,
uma obviedade. Tempo
esgotado é o que
acabou, uma fatalidade.



Luiz Alevato Grjó

DEDICO PARA

Minha filha IONE, cujo tempo esgotou-se antes do meu, para minha imensa dor, e cuja imagem coloquei na capa.

Minha esposa TÔNIA, que, esgotado o seu tempo, partiu para o Oriente Eterno.

Minha filha MAGDALENA, que vem do meu tempo passado para o meu tempo presente, e vai para o tempo futuro que me resta.

*
* *

ADVERTENCIA: Nos seis contos contidos nesta obra todos os personagens são totalmente fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas será mera coincidência. Exceptuando-se a recitação "A Filomena", os outros textos podem ser reproduzidos no todo ou em parte, desde que citada a autoria. Quanto à Filomena, que me consta ser anônima e que, portanto, não é de minha autoria, não me cabe autorizar ou proibir a reprodução dos 4 versos citados. E, leitor, lembra-te que o que aparenta nem sempre é, e, às vezes, a verdade é o sonho.

*
* *

Desta primeira edição, que veio à luz no ano de 2003, foram tirados apenas 10 exemplares produzidos artesanalmente.

AGRADECIMENTOS: Ao amigo e professor de Informática Alessandro Pereira Carvalho, e ao nosso querido irmão Fernando Tullio Colacioppo Sobrinho, empresário na área de Informática, pela inestimável ajuda na edição desta obra.

PREFACIO

As crônicas aqui publicadas, embora situadas em tempos antigos, foram todas escritas recentemente. Todos os contos, com exceção do *Meia Dúzia de Estórias do Delegado Barbosa*, escrita recentemente, foram escritos em 1983; faziam parte de um projeto que não seguiu adiante. Os contos são todos *datados*, as ações se desenrolam, a mais antiga em 1938 e a mais moderna em 1982. Por isso, quando os transcrevi para o computador a fim de serem editados, não mudei uma palavra dos textos datilografados; afinal, em 1983 eu estava mais próximo do tempo em que se passaram as suas ações, e assim mais capaz de usar o modo de falar da época.

Como diria Cervantes modestamente, eu digo com orgulho (embora injustificado) que os contos são todos fruto de meu parco engenho.

Não sou um escritor profissional, assim peço tolerância aos meus leitores. E, embora um livro não possua esse utilíssimo dispositivo existente nos aparelhos de televisão, que é o botão de desligar, ele sempre, a qualquer momento, pode ser fechado e jogado fora junto com os jornais velhos.

Dois dos contos foram lidos por pessoas amigas, e as críticas não foram favoráveis. Sobre o conto *Contando Para o Tio Joaquim* foi dito que ele termina de repente. Não soube o que pensar sobre a crítica, pois uma vez contado para o tio está acabado o conto. Sobre o outro conto, *A Sucessão*, foi dito que nele, as páginas se sucedem (no texto datilografado eram 29 páginas), e não acontece nada: nem assassinatos, com o sangue correndo sobre a calçada, nem correrias, tiros, capotamento de veículos, nem ações violentas. Interpretei como uma possível incapacidade minha de escrever coisas interessantes; mas, quem o ler, fará o seu próprio juízo.

Perguntaram-me se o que me motivou a editar um livro foi o dito: *Um homem deve casar, ter filhos, construir uma casa, plantar uma árvore, publicar um livro etc.*

Respondi que, em pequena parte, sim. Mas o homem tem um impulso atávico de contar histórias. Por exemplo, quem tem possibilidade de se tornar ator ou atriz, nunca vai desistir de conseguir, por mais que a família ou as circunstâncias tentem impedi-lo. O ator, através da interpretação de seus personagens, está contando histórias.

Mas, com a pergunta, duas coisas me vieram à lembrança; a primeira, um verso da famosa canção *Guantanamera*, que diz: *...antes de morrer quero hechar mis versos del alma...* A outra, um fato que se passou comigo: quando pequeno eu tive uma bábá que ficou agregada à minha família pelo resto de sua vida. Ela era analfabeta, mas muito inteligente. Um dia, eu estava treinando um filhote de cachorro a não latir à toa, pois morava em apartamento e não queria incomodar os vizinhos. Toda a vez que ele latia, eu lhe dava uma pequena pancada na cauda com um jornal dobrado. Isso, evidentemente, não o machucava, mas ele parava de latir, punha o rabo entre as pernas e me lançava um olhar triste e reprovador. Depois de observar o procedimento, minha antiga bábá falou: "Ora, deixe o cão latir. Afinal, é a fala dele". O que ela quis dizer é que até um cachorro tem o direito de se expressar.

PARA	2
PREFACIO	3
A POÇA DAS BRUXAS (CRONICA)	5
O AFRICANO (CRONICA)	8
O DIA DE REIS (CRONICA)	9
CONTANDO PARA O TIO JOAQUIM (CONTO)	12
A FILOMENA (CRONICA)	16
A SUCESSÃO (CONTO)	18
MEIA DUZIA DE ESTÓRIAS DO DELEGADO BARBOSA (CONTO)	
-----	35
UMA MULHER BEM CASADA (CONTO)	46
UMA EXPLICAÇÃO PARA O MISTÉRIO (CONTO)	51
UMA COROA PARA PACO (CONTO)	57

A POÇA DAS BRUXAS

A POÇA DAS BRUXAS

Quando eu voltei a Portugal em 1997 faziam 60 anos que eu lá não punha os pés. Naturalmente fui rever lugares para mim importantes, tais como a aldeia de Penalva, no Conselho de Baião, na antiga Província (hoje Distrito) do Douro, onde meu pai nasceu. A casa onde êle nasceu é muito antiga, eu calculo que tenha mais de 200 anos, e lá está em Penalva com pequenas modificações daquilo que era originalmente. Ela é um sobrado, e, antiga- gamente, em sua parte de baixo funcionava uma venda que tinha várias e largas portas. Na parte de cima ficava a habitação. A casa é toda de pedra, e o acesso à habitação era feito por uma escada externa de um só lance, também de pedra. Poucas modificações foram feitas na casa, como disse anteriormente, nesses 60 anos decorridos entre 1937e 1997. Uma delas foi o telhado, que é totalmente novo, diferente na técnica e nos materiais ainda hoje usados na região. Provavelmente armação de alumínio e telhas grandes, de algum tipo de material plástico. Como sabemos, as construções se arruinam pelo telhado; aliado o telhado as intempéries rapidamente destroem os muros e finalmente nada mais resta da construção. Com o seu novo telhado, estou certo que a casa assim poderá ainda ver passar mais 1, ou talvez mais alguns séculos. Outra modificação foi a construção de um segundo lance na escada, que ficou com a aparência de um "U" invertido. Como serventia, completamente inútil, mas esteticamente deu uma melhor aparência à fachada. Também as largas portas da parte inferior foram retiradas, sendo substituídas por janelas.

De costas para a casa, olhando para o outro lado da rua, vê-se a encosta de um morro, e derramadas por ela abaixo muitas pedras. A disposição dessas pedras e os seus formatos são naturais. Mas para quem olha é inacreditável que assim seja, pois parecem as ruínas derrocadas de um antigo castelo.

Na encosta do morro, em 1997, estava plantado um olival. Posteriormente as oliveiras foram cortadas, e hoje ali estão plantadas ameixeiras e pereiras. O Governo Português subsidiou o corte das oliveiras e o plantio das frutíferas; coisas do Mercado Comum Europeu, dizem. No Mercado sobram azeitonas e faltam peras e ameixas. Isso a mim me causou espanto quando me lembrei que um olival na Europa do meu tempo era um patrimônio. Conheci famílias que tinham um olival e viviam de sua produção. A oliveira leva anos para produzir, mas em compensação vive muito. Na Palestina ainda há oliveiras plantadas no tempo de Cristo e que continuam vivas.

Naquele dia de Maio de 1997, em pé na calçada da casa onde meu pai nasceu, fiquei olhando aquela paisagem na minha frente com enorme emoção. Me ocorreu que meu pai, quando criança, tinha muitas vezes olhado aquelas mesmas oliveiras na encosta do morro, aquele mesmo morro onde pareciam estar as

ruínas de um antigo castelo. Tive uma grande saudade do meu pai, de sua inteligência, do seu bom-senso, de sua sabedoria, de sua bondade, de seus conselhos e, sobretudo, do seu amor.

Lembrei-me então de um relato que meu pai me tinha feito no decorrer da década dos anos 60, sobre fatos com êle ocorridos na venda e em lugar proximo, nos ultimos anos de sua infancia.

Contou meu pai que a venda tinha como fregueses um casal idoso, que tôda a tarde por ali passava, se demorando um pouco para tomar um copo de vinho e jogar algumas partidas de cartas com o meu avô. Uma dessas tardes, estando meu avô e o casal jogando cartas, a meu pai, então um meninote, por estar muito calor, apeteceu-lhe tomar um copo de vinho branco. Julgando os jogadores entretidos, meu pai foi na pipa e encheu um copo de vinho, que tomou. Não contava que alguém o visse, mas o velho que jogava com o meu avô apercebeu-se, e o denunciou. Meu avô tirou o cinto, e deu umas fortes cintadas no meu pai. Êste, com o fundo das costas doendo, falou entre-dentes : - "Deixa estar, que hás de me pagar !". Sabendo que o casal era muito supersticioso, e que tinha muito medo de bruxas, e havendo ali perto um lugar chamado "Poça das Bruxas", por onde o casal teria que passar para ir para casa, meu pai saiu sorrateiro por uma das portas da venda, caminhou para a direita, cruzou a estreita estrada que ainda hoje desce para o Marco de Canavezes, andou pela calçada de um sobrado que ainda hoje ali existe. Ao fim dêsse sobrado há uma estreita passagem com uma vereda calçada de pedras arredondadas, lisas e de tamanhos diversos; parecem seixos rolados, só que são grandes, algumas com quase 2 palmos na maior largura. Pelo lado esquerdo do caminho corre um grosso muro de pedras, pedras grandes e empilhadas de forma irregular. Êsse muro, com perto de 2 metros de altura, serve de contenção a uma leira onde se planta principalmente milho. Do lado direito há um grande campo plano, que se estende em nivel inferior ao caminho, e onde se planta principalmente arroz. O caminho desce em ligeiro declinio, e a menos de 200 metros de seu inicio há uma grande brecha no muro, que penetra no terreno da leira, e onde há uma poça na qual brota em abundancia água cristalina. É a "Poça das Bruxas", que segundo as superstições locais, é ponto de reunião dessas malignas criaturas. Logo apoz a pôça, o caminho segue para a direita, margeando o campo e já no mesmo nivel dêste. A água da pôça irriga permanentemente o campo e, levantada com balde, corda e polé, serve para irrigar a leira. Naquele dia meu pai desceu pelo caminho até chegar na pôça, e escalou com facilidade o muro devido às anfratuosidades deixadas pelo empilhamento irregular das pedras. Na leira, o milho já tinha sido colhido há algum tempo, os caules das plantas, já quasi sêcos, tinham sido arrancados. Junto com as raizes tinham sido arrancados do chão grandes torrões de terra. Meu pai escolheu um dos torrões de terra, que são conhecidos como "torrões de milho", e pôs-se à espreita. Sabia que não teria que esperar muito, pois já começava a escurecer, e o casal jamais passava por aquêle caminho à noite. Meu pai estava numa posição em que não podia ser visto por quem passasse no caminho, mas tambem não podia ver. Mas logo depois ouviu o casal vir vindo, conversando e falando alto para espantar o mêdo. Esperou o som das vozes ultrapassar a pôça, e aí jogou o torrão de milho na água. Ouvindo o som do baque na água o casal soltou gritos inarticulados de pavor e pôs-se a correr,

tropeçando nas irregularidades do caminho e levando tombos. Depois que os gritos se distanciaram, meu pai desceu da leira para o caminho, e foi para casa. Nos tres dias seguintes o meu avô estranhou que o casal de freguêses não tivesse aparecido na venda, pois que nunca faltavam. Mas no quarto dia êles apareceram todos machucados, enfaixados com faixas manchadas de arnica. E contaram os terríveis transe por que passaram, naquêlê entardecer, a caminho de sua casa, e nas alturas da Pôça das Bruxas. A velha contou que, apoz ouvir um tremendo fragor na pôça, uma bruxa lhe pulou nas costas, lhe puxando os cabelos, e a arranhando com unhas enormes. A bruxa devia pesar mais do que dois sacos de batata, suas pernas não aguentavam o pêso, levou vários tombos. Só se livrou dela quando, recuperando a fala perdida com o pavor, gritou : "Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo !" E quando chegou em casa, viu que o seu xale estava em farrapos, certamente rasgado pelas unhas da bruxa. O velho contou que fôra perseguido por uma bruxa, que a cada 3 ou quatro de seus passos, lhe passava uma rasteira, no que êle caia, e ao fim e ao cabo ficou bastante machucado pelos tombos. E disse mais, que quando chegou em casa e foi tirar a roupa, verificou que tôda a sua roupa de baixo, ceroulas, camiseta e meias, estava picada em pequenos pedaços. E note-se, foram picadas as meias dentro das botas, as ceroulas dentro das calças e a camiseta dentro da camisa, coisa de espantar. E acrescentou : -"E ainda há pessôas que dizem que as bruxas não existem. Quanta ignorancia ! ..."

Meu pai, no fundo da venda, escondido atraz de uns caixotes, ouvia o relato de todos aquêles sucessos existentes só na imaginação medrosa do casal, e ria-se à socapa. Daí em diante, dizia o meu pai, passou a encarar sempre com cepticismo os relatos pessoais de encontros com o sobrenatural. Mas acrescentava que não devemos fechar tôdas as portas de nossa mente para a area espiritual, pois há aquêlê dito espanhol : "Yo no creo en las brujas, pero que las hay, las hay".

Naquêlê dia de Maio de 1997, apoz olhar o olival, segui para a direita, cruzei a estreita estrada que desce para o Marco de Canavezes (onde nasceu a famosa Carmem Miranda), segui a calçada do velho sobrado, encontrei a passagem e o caminho calçado de pedras que parecem enormes seixos rolados, segui por êle tendo à esquerda o velho muro de pedra, (o granito enegrecido pelos longos anos passados) e há direita o campo em nivel mais baixo, e finalmente, a perto de 200 metros encontrei a pôça. Tudo exatamente como o meu pai tinha relatado.

Como o meu pai chegou ao Brasil em 1895, os fatos relatados ocorreram antes dessa data. Assim, quando lá estive em 1997 tinham decorrido mais de 100 anos. Mais de cem anos e nada tinha mudado ! E hoje, aos 26 dias do mês de Junho do Ano da Graça de 2002 (Ano 6002 da Verdadeira Luz), deu-me na telha colocar no papel estas memórias, pensando que o papel talvez seja menos efêmero que a minha vida, como a nossa vida talvez seja um pouco menos efêmera que as bôlhas que subiram à tona da Pôça das Bruxas após a agua ser perturbada pelo impacto do torrão de milho naquele crepusculo de mais de cem anos atraz.

Luiz Alevato Grijó

O AFRICANO QUE QUERIA FICAR CORADINHO

Segundo o meu pai, esta era uma anedota que se contava na colônia portuguesa do Rio de Janeiro por volta do ano de 1900. Revela o preconceito existente entre os portugueses contra as pessoas de origem africana, e revela também o preconceito dos africanos contra os portugueses; assim os dois lados se pagavam na mesma moeda ...

Contava o meu pai que perto do cais do porto no Rio de Janeiro havia uma taberna em que se serviam bebidas diversas : cachaça, vinho, "cerveja de barbante" etc. Bem, hoje pouca gente sabe o que é "cerveja de barbante". Naquele tempo a cerveja de boa qualidade, com tampinha metálica, era importada. A nacional , tinha rolha comum na garrafa, e, para esta não saltar com a pressão normalmente produzida pela cerveja, ela era presa com barbante. Surgiu daí a expressão "marca barbante" para designar produtos de baixa qualidade. O mesmo ocorria com a expressão "marca Roskof" . Os relógios Roskof eram comprados em grande quantidade pelas empresas de estradas de ferro para uso dos seus empregados. Esses relógios funcionavam bem e eram muito baratos. Mas eram grandes, pesados e barulhentos, e faziam grande contraste com os relógios finos, extremamente bem acabados e elegantes como os de marca Patheck Phillip ou Omega.

Atrás do balcão, sobre um estrado de madeira, ficava um jovem português de tamancos, com um saco de aniagem (que antes servira para ensacar açúcar) amarrado na cintura à guisa de avental.

Um dia entrou na taverna uma pessoa que trabalhava numa gráfica e era extremamente pernóstica. Era descendente de africanos, e era de raça pura ; assim a cor de sua pele era, como se dizia naquele tempo, preta retinta. Chegou-se ao balcão e falou : "Oh tu das Oropa, galego burro, bota aí pra mim um copo de vinho !"

O português não gostou nem um pouco de ser dessa maneira interpelado, mas não falou nada pois tinha sido cuidadosamente amestrado pelo seu patrão para não brigar com fregueses. Mas ficou irritado, e aproveitou-se de um descuido do freguês que circunvagara os olhos pelo interior da taberna, para encher pelo meio um copo com o liquido sujo que estava dentro da pia e que tinha sido usado para lavar copos. De costas para o balcão e levando o copo à sua frente, foi à pipa de vinho e acabou de enchê-lo, colocando-o depois sobre o balcão.

O freguês levou o copo à boca, bebeu de uma assentada 3 ou 4 goles, depois fez uma careta e falou: "Êta bebida asquerosa! Mas me fais bem! Portuguesinho bebe vinho e fica *coradinho* !". E tomou o resto do liquido que restara no copo

São Paulo, Agosto de 2002.

Luiz Alevato Grijó

O DIA DE REIS

(Para a minha
filha Magdalena)

O dia de Reis tinha um significado especial para o meu pai. Não se trabalhava nem se ia à escola, e ele fazia questão que a família ficasse reunida. Era o dia também em que ele gostava de dar presentes. Ele se perguntava como é que o Natal era no dia 25 de Dezembro, quando foi no dia 6 de Janeiro que os Reis Magos encontraram o Menino Jesus recém-nascido na manjedoura.

A minha mais antiga lembrança nítida do dia de Reis é a do dia 6 de Janeiro do ano de 1931, que eu passei em Portugal, na Quinta do Olival que pertencia ao meu tio J. Pinto Grijó, a qual fica em Santa Leocádia do Douro, Conselho de Baião, perto de Venda Nova e não longe de Penalva, onde o meu pai e todos os seus irmãos nasceram.

Naquele tempo, todo o dia 6 de Janeiro as crianças do lugar vinham às portas das casas a "cantar os Reis", em trovinhas que homenageavam os moradores.

Esperavam ganhar (e eram atendidas) várias guloseimas : castanhas, nozes, avelãs, figos secos, amêndoas, rebuçados, rabanadas, aletria, falachas, pedaços de bolo, etc.

Naquele dia estavam na casa o meu tio acima referido, sua mulher a tia Aura, meu primo Fernando, a minha tia Rosa, meu pai Eduardo, minha mãe Magdalena, e, naturalmente, eu, Luiz.

Nas trovinhas, cada morador era citado pelo seu nome, rimando-o sempre com o nome de uma planta. No caso do meu tio, a rima foi feita com o sobrenome, pois ele nunca revelava o nome. Seu nome era Joaquim (e assim, tradicionalmente a rima seria feita com "alecrim"), mas ele não gostava desse nome e detestava ser assim chamado. Era comum a pessoa que recebia o seu cartão de visita, onde estava impresso "J. Pinto Grijó" perguntar o que significava o "J ponto"; a resposta era: Exatamente o que aí está:J ponto, e ponto". O nome de minha tia Aura era pouco comum, mas a planta que rima com ele rima também com "Laura". Naquele dia as crianças cantaram "erva maura", o que não existe. Mas existe a planta "erva moura" (solarum nigrum), que os espanhóis chamam de "espinacardo", os franceses de "morelle" e os ingleses de "black night shade". Devemos lembrar que em Portugal se usam indiferentemente as palavras "mouro" ou "mauro" para designar o árabe.

O nome *Fernando* é comum em Portugal, mas as crianças tiveram dificuldade em achar uma planta que rimasse. Optaram por *oleandro*, uma rima imperfeita.

Naquele dia, recolhi as letras das trovinhas. Naquela época, não sabia nem ler nem escrever, mas tinha uma excelente memória. Hoje não lembro o que comi no almoço, mas ainda me lembro dos "Reis" que foram cantados há 71 anos atrás no portão da Quinta do Olival.

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do abricó
Vivam todos desta casa
E mai lo senhor Grijó*

*Quem diremos nós que viva
Na folha da erva maura
Vivam todos desta casa
E mai la senhora Aura*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da mimosa
Vivam todos desta casa
E mai la senhora Rosa*

*Quem diremos nós que viva
Na folha verde do nardo
Vivam todos desta casa
E mai lo senhor Eduardo.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da açucena
Vivam todos desta casa
E mai la senhora Magdalena.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do oleandro
Vivam todos desta casa
E mai lo menino Fernando.*

*Quem diremos nós que viva
Na folha verde do anis
Vivam todos desta casa
E mai lo menino Luiz.*

E, para não esquecer ninguém, evitando uma *gaffe*, uma ultima trovinha antes de Ir embora :

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do codesso
Vivam todos desta casa
Cujo nome não conheço.*

Tudo isso era cantado à *capella* por vozes infantis, uma afinadas outras esganiçadas, com uma musica melodiosa, e com uma marcação feita pelo ribombar de um bumbo no qual batia com uma baqueta um menino gordinho, e com um indescritível entusiasmo.

Não sei se ainda, em algum lugar se "*cantam os Reis*". Acredito que em Santa Leocadia sim. De qualquer modo, coloquei no papel estas lembranças, num esforço de preservar essas memórias dos velhos tempos. Como diria Robert Burns : "*For auld lang syne, my dear*".

São Paulo, Janeiro de 2002,

CONTANDO PARA O TIO JOAQUIM

Minha mãe falou : “- Você vai lá e conta para o tio Joaquim o que aconteceu com o afilhado dele. Ele gosta de você, assim quando ele souber você estará lá para consolá-lo”.

Aí eu pensei : “ E porquê eu ? Porquê não um dos irmãos do Raul ? Afinal o “tio” Joaquim não era nem nosso parente, só padrinho do meu primo”. Pensei, mas não disse nada. Minha mãe era uma mulher de opinião, e naqueles anos finais da década de 30 ainda não era costumeiro os filhos contrariarem os pais.

Assim, naquela noite, arrumei a mala e no outro dia de manhã tomei um táxi para a rua dos Andradas para embarcar na “limousine” que fazia a linha Rio a Juiz de Fora. Pousei em Juiz de Fora e, na madrugada seguinte embarquei na “jardineira” que ia para Ubá. Cheguei em Ubá, passava um pouco das dez horas, com tempo de sobra para embarcar no trem que ia para Ponte Nova, que saía de Ubá ao meio dia.

Por mais que eu detestasse, tive que pousar em Ponte Nova naquela noite, pois o trem para o meu destino final saía toda a manhã dessa vila. A única hospedaria existente, perto da estação e em plano mais elevado do que os trilhos da estrada de ferro, era uma espelunca; nos banheiros, quando se acendia a luz, baratas corriam por todos os lados ; as camas tinham pulgas e percevejos ; o chão dos quartos parecia não ter sido lavado nos últimos dez anos e as fechaduras das portas não funcionavam. Antes de me deitar encostei na porta uma cadeira inclinada : 2 pés da cadeira no chão e os outros 2 encostados na porta. Pela alça, pendurei o penico numa das colunas do espaldar da cadeira, enfiei o revolver debaixo do travesseiro e procurei me esforçar para dormir.

No dia seguinte, apos outra viagem de trem, cheguei ao meu destino. Desembarquei na estação segurando a mala, todo empoeirado, uma espessa camada de terra vermelha nos ombros, olhei para o relógio e vi que faltava pouco para o meio dia. Pensei que o compadre Tatão há essa hora já tinha almoçado e voltado para a oficina mecânica. A oficina era próxima da estação, e eu fui andando.

O primeiro que me viu foi o “Marcha Lenta” que falou : “Ara, se não é o Joãozinho !” E gritou para dentro da oficina : “Tatão chega pra ver quem está aqui ! Você não vai nem acreditar !”

Tatão veio do fundo da oficina segurando um carburador desmontado e falou : “Mas é o compadre Joãozinho ! Que alegria ! Mas eu não posso nem lhe abraçar, estou todo sujo de graxa. Ara, o que faz aqui fora de época ? Ainda não é tempo de caçada”

Decidi que só contaria porque tinha vindo quando voltasse da fazenda, após falar com o tio Joaquim, e assim falei apenas que tinha resolvido fazer uma visita ao tio.

Trocamos noticias, confraternizamos, tomei um café com o pessoal da oficina, todos amigos, todos companheiros de caçada.

Depois, eu e Tatão fomos para a sua casa, meu afilhado Joãozinho veio me tomar a benção, a comadre começou a esquentar um arroz e um feijão que sobraram do

almoço, e a fritar uns ovos. Enquanto eu comia o Tatão falou : "Olha, o caminhão da fazenda do Nhô Geraldo está na cidade, você pode ir nele. A fazenda do Nhô Joaquim fica no caminho dele. Mas ele vai sair daqui só no fim da tarde. Se você quiser ir antes eu lhe arrumo um cavalo. Trotão como você gosta; só que cavalo trotão aqui, você sabe, só de charrete ou carroça; e como você não gosta de montar em socado, arrumo emprestada uma sela com a filha do Doutor Juiz; e a sua mala, mando depois pelo caminhão do Nhô Geraldo"

Topei.

Tatão mandou o filho mais velho, Pedrinho, providenciar o cavalo e a sela.

Eu almocei, com o meu amigo sentado na minha frente, do outro lado da mesa. Quando terminei, Tatão colocou quase 4 dedos de cachaça da boa em um copo, que pôs na mesa entre nós dois. Ficamos proseando, dando alternadamente bicadas no copo, até que Pedrinho voltou com o cavalo, já arreado. O bicho era novo e vigoroso, bom de estampa mas de pelagem feia. A pelagem era toda em manchas irregulares, brancas e pardas. Antes de eu montar, já nos tínhamos despedido, Tatão falou com aquele seu jeito manhoso e cheio de malícia:

"Olha, o bicho é manso, mas é passarinho". Com voz irônica, agradei o aviso e montei. Pensei : "O aviso pode ser uma gozação do compadre, mas quem sabe ? São menos de duas léguas, uma hora ou um pouco mais se eu tocar o animal a trote no plano e a passo nas subidas. Uma hora sempre muito atento para não levar um tombo. Mas tudo bem." Aí, eu tive um impulso de agressividade contra o pobre cavalo e resolvi tocar forte até ele demonstrar cansaço. Mas depois de percorrer cerca de um pouco mais de uma légua, tendo já passado a ponte sobre o rio Casca, onde as batidas dos cascos sobre as tábuas ressoaram fortes, o animal ainda se mostrava esperto. Fazia calor, e eu vi que o pescoço dele estava com muita espuma. Sofreei o cavalo fazendo-o andar a passo. O vento que vinha do rio não refrescava, e parecia introduzir dedos úmidos e quentes nas aberturas da minha camisa. Logo que avistei o bambuzal perto da entrada da fazenda, calculei pelo comprimento das sombras que deviam ser umas 3 horas da tarde. Assim, na casa grande, já devia ter terminado o jantar. Aí, eu fiz o animal trotar de novo até a porteira. Logo que passei a porteira, a cachorrada começou a latir, e eu toquei o cavalo a meio galope até às escadas da varanda onde eu apeei com as pernas bambas e o amarrei no travessão de madeira para isso ali existente. Logo o Negro João veio dos fundos, contornando a casa, para ver quem tinha chegado. Nos cumprimentamos, o Negro João com aquele seu jeito humilde, a mão esquerda segurando o chapéu apoiado sobre o peito, e aquele sorriso de dentes grandes e muito brancos. Abracei o meu xará, por quem tinha muita amizade, e subimos juntos a escada e chegamos à varanda sombreada por todas aquelas samambaias pendentes. Tio Joaquim vinha saindo para a varanda pela porta do salão, e se surpreendeu ao me ver. Enquanto nos abraçávamos e trocávamos notícias e cortesias, o Negro João saiu à procura do moleque Zezinho para ajudá-lo a desarrear, enxugar e dar água e milho ao cavalo.

Sentamos na varanda, e o tio me perguntou se eu já tinha jantado, e eu respondi que tinha comido na casa do Tatão pouco depois do meio dia, e que agora a única coisa que eu aceitaria era água. Mas logo a Das Dores veio lá da cozinha, através do corredor e da sala grande, trazendo copos e uma jarra grande com suco de lima.

Tio Joaquim esperou que eu matasse a sede, e então falou: "Que bicho te mordeu menino? Confesso que tive uma grande surpresa hoje, pois não contava com você aqui. De qualquer modo uma surpresa muito agradável, uma grande alegria".

- "A alegria não vai durar, tio"
- "Como assim ? Você não me falou que todos da família estão bem ?"
- "Todos menos o seu afilhado"
- "O quê? O que é que aconteceu com o Raul ?"
- "É uma longa estória, tio"
- "Pelo amor de Deus, me diga o que aconteceu. Ele está doente?"
- "Pior, tio"

Houve uma pausa, tio Joaquim me olhava com uma expressão angustiada. Aí resolvi contar de uma vez. Baixei os olhos e falei :

- "Ele está morto, tio"

Outra pausa. Quando o tio falou sua voz estava rouca, esquisita:

- "Me conta como foi, Joãozinho."
- "Como lhe disse, tio, é uma longa estória"
- "Conte"
- "O tio sabe, o Raul sempre teve sorte. Casou com a Lázinha, moça bonita, prendada e de família rica e poderosa. De presente de casamento o sogro lhe deu uma boa casa, muito bem montada, e um bom emprego na sua grande empresa. Depois o Raul comprou aquele bilhete de loteria, inteiro, e que saiu premiado. Na cabeça, uma bolada gorda. Aí o Raul começou a andar na gandaia, a freqüentar cassinos, a sustentar amantes; parecia que aquele dinheiro todo não ia acabar nunca. Mas acabou. Só que o Raul não parou de gastar. Tomava dinheiro emprestado aos colegas de trabalho e aos amigos a 10% ao mês. Depois pessoas passaram a procurá-lo por que se espalhou o conceito de que, confiavelmente, o Raul sempre pagava em dia o principal e os juros. Ele dizia que tinha contatos importantes que lhe permitiam entrar em negócios muito lucrativos, e parecia que o melhor "panamá" que havia no Rio de Janeiro era emprestar dinheiro ao Raul. Mas na verdade ele emprestava de uns para pagar a outros, e gastava as diferenças a mais que pudesse conseguir. Finalmente chegou um momento em que a dívida cresceu tanto a ponto de ele não mais conseguir dinheiro novo no montante necessário. Aí o Raul procurou os credores e explicou que tinham ocorrido problemas, que a negociação de algumas mercadorias tinha atrasado, mas que tudo estava sob controle e que dentro de 3 dias tudo estaria resolvido. Depois comprou um bilhete de loteria, inteiro. Comprou também um revolver e uma caixa de balas".
- "Jesus !" Exclamou baixinho o tio Joaquim.
- "No dia seguinte, tio, correu a loteria. O bilhete deu branco".

Houve um longo silencio na varanda, depois o tio falou com voz embargada :

- "Oh meu Deus ! E é o segundo caso na família ! A Elisa também se matou".
- "Mas tio", ponderei, "que eu saiba a prima Elisa não se suicidou, ela morreu em coma diabético".

O tio Joaquim balançou a cabeça e falou :

- “Não, realmente a Elisa não se suicidou, mas é como se fosse. Afinal, era diabética, tinha que se manter em uma rigorosa dieta, e você sabe como ela comia... além disso bebia e, que horror para uma mulher, fumava como uma chaminé”.

Nesse momento a Das Dores entrou na varanda trazendo uma bandeja com duas xícaras de café e um prato de biscoitos de polvilho. Café de fazenda, aromático, forte, doce, denso. Café feito com muito pó de café, moído na hora, enchendo o coador; e, em vez de água, garapa fervendo em cima. Eu e o tio, cada um de nós pegou automaticamente uma xícara e um biscoito. Eu dei logo uma mordida no biscoito e tomei um gole de café; mas o tio Joaquim, após olhar fixamente para a xícara por alguns segundos, pousou-a cuidadosamente na beira da mesinha, colocou o biscoito atravessado em cima da xícara e falou:

- “Sabe, Joãozinho, o finado coronel Geraldo, pai do Nhô Geraldo, nosso vizinho de divisa, teve um escravo muito inteligente. Era um velho proseador, e eu, quando era menino, gostava de ouvir as histórias que ele contava e as poesias que ele recitava. Acho que ainda me lembro de todas elas. Agora mesmo estou me lembrando de uma”.

Houve mais um silêncio na varanda. Olhei para fora da varanda, para além da sombra da casa grande, lá para as bandas do riacho onde o sol batia de chapa nas bananeiras, e apertei os olhos devido ao contraste da luminosidade.

De repente, ouvi na varanda a voz tremula do tio Joaquim recitando:

- “O homem que tem dinheiro
Sabendo se conduzir
Vende a terra, compra o céu
E faz escada p’ra subir.
E o que não sabe
Compra o inferno
P’ra nele se consumir”.

Engoli o pedaço de biscoito de polvilho que estivera mastigando, e olhei para o tio Joaquim. Ele estava me fitando com os seus olhos velhos, marejados de lágrimas. Acho que ele estava esperando que eu falasse alguma coisa. Mas eu não tinha nada para lhe dizer, pensei que nada que eu falasse naquele momento poderia ajudá-lo.

Assim, fui tomando devagar o resto de café que tinha na minha xícara, e fiquei calado.

A FILOMENA

Foi num dos últimos anos da década de 1930, já se passaram mais de 60 verões. Eu tinha ido passar alguns dias na cidade de Nova Friburgo no Estado do Rio de Janeiro. Hospedei-me em um sítio, o que hoje se chamaria de uma "pousada". Era uma casa grande, com bons quartos, uma lareira na sala, a qual era dividida em dois ambientes, ambos grandes. Pertencia a um casal de gaúchos, que alugavam os quartos para temporadas de veraneio. Em volta da casa havia uma grande plantação de pereiras, do tipo "pêra d'água", macias, suculentas e deliciosas. Eram muito melhores do que as pêras importadas da Argentina, mas não podiam ser vendidas no mercado da cidade do Rio de Janeiro como brasileiras, pois como tal não tinham aceitação. Assim eram vendidas como argentinas, e eram até muito elogiadas.

Uma tarde apareceu um artista itinerante que se prontificou, a troco de uma gratificação modesta, divertir os hóspedes tocando cavaquinho, fazendo recitações folclóricas ou cantando canções populares. Sua proposta foi bem acolhida, fizemos uma "vaquinha" e logo recolhemos uma quantia que o deixou bem satisfeito. Como na sala existia uma vitrola, dessas que tocavam discos de 78 rotações, afirmou ser capaz de tocar a música de qualquer disco, após ouvi-la uma única vez. Procurei entre os discos existentes, um com uma música que provavelmente ele nunca tinha ouvido antes. A música gravada nesse disco intitulava-se "The Lambeth Walk". Nunca a tinha ouvido antes, e, depois desse dia, nunca mais a ouvi. Coloquei o disco na vitrola, dei corda na máquina, e a coloquei para funcionar. Logo que terminou a reprodução do disco, com incrível fidelidade o artista tocou toda a música. Fiquei assombrado; com meu "ouvido de lata", nunca pude nem sequer assobiar uma música, mesmo que a tivesse ouvido 100 vezes. O artista prosseguiu em suas apresentações, e finalmente recitou "A Filomena", por sinal bem extensa. Terminada a recitação, declarei que repetiria a façanha do artista, não com uma música pois para isso não teria capacidade, mas com versos. Tendo ouvido "A Filomena" só uma vez, iria recitá-la toda, e sem erros. Os presentes riram, duvidando. Mas eu consegui realizar a proeza, e ainda hoje sei de cor todos os versos, e vou aqui escrevê-los :

Cumpanhêro, tu tá vênô nas quebradas do barranco
Aquêlê puntinho branco que a gente nem chega a vê ?

Ali morou Zé Rosêno, nome que a gente dizêno
Fais os valente tremê.

Um nêgo que até morrêno dos Santo num quis sabê.

Pois bem, cumpadre Bastião, conto se vancê quizé

Uns baruio de questão pro móde de uma muié.

Tu conhece a Filomena, a muié do Zé Sucena

Que morou no Catimbó ?

Pois foi pru móde essa bruxa, que na bôca da garrucha

Quáji fui vê minha vó !

Na noite de São João inventou a tar morena

Assista & Reflita do Club 33

Ir sambar no barracão.

Ruxa o melão, bate o pé, e o samba tava corrêno
Quando chegou Zé Rosêno do sítio do Catolé.
O nêgo era bom de umbigo, magro, bico de xexéu
Foi entrando de chapéu e disse : "Antão que estória é essa ? Vancês mais o
cumpadre João
Dão festa, fazem promessa, e nem cunvida o patrão ?"
Num cuntive a raiva minha, sartei de um sarto e gritei :
"Quar patrão ! Tu é morrinha ! Carrapato, peste, lei
A Filomena é decente, dá festa como se vê
Num cunvida toda a gente, nem se alembra de vancê !"
Pra que eu disse seu cumpadre ! O nêgo sartou pra trais
Bateu c'óas costa nas grade que nem bicho satanás
Que os pobre dos home intenta
Sacou da garrucha e zás, deu-me dois tiros nas venta !
Cresci pra riba do bicho relampegando a guicé !
"Nêgo eu tenho carrapicho , sou fio de home e muié
E não sou como vancê, bicho de pé que se tira
Com espinho de dendê !"
Gritava as muié e os cantadô, e as garrucha adispachava
Gente pra Nosso Sinhô !
No fim de todo o alarido, fui vê cumpadre e antão
Tava acabada a novena
O nêgo tinha fugido c'ó a pobre da Filomena.
Pra donde ? Num soube não !
Fais dois ano seu cumpadre que êste fato acunteceu
O nêgo lá na cidade teve um mar triste e morreu.
Toda veis que oio o barranco cum aquele puntinho branco
Que a gente nunca vê bem
Cumpadre, eu sinto uma pena da pobre da Filomena !
Eu gostei dela tamem !

Naquele distante dia do fim da década de 30, o artista que a recitou informou que "A Filomena" pertencia ao folclore do Estado do Rio de Janeiro, mas eu sempre duvidei. Por muitos dos vocábulos empregados, a mim me parece que teve origem na Bahia, entrou pelo Norte de Minas Gerais, veio descendo e finalmente chegou até Nova Friburgo. Não sei se em algum lugar o seu conhecimento ainda persiste. Mas o seu autor era certamente uma pessoa inspirada. De qualquer modo aqui a transcrêvo com a vã pretensão de que fique "ad perpetuam rei memoriam".

São Paulo, aos 27 dias de Setembro do ano da Graça de 2002.
Luiz Alevato Grijó

A SUCESSÃO

Eram 10 horas da manhã de um sábado do ano de 1960, e Fernando aparentava estar muito cansado; e não era para menos: passara a noite totalmente em claro. Os olhos estavam injetados de sangue, e a barba sem fazer há mais de 24 horas apontava, cerrada, em seu rosto; o terno estava amarrotado, o nó da gravata torto em relação ao botão do colarinho da camisa. Era um homem alto e musculoso, com cerca de 35 anos de idade, a pele queimada de sol, os olhos castanhos, os cabelos, também castanhos, abundantes e crespos, as mãos fortes, grandes e peludas. Suas feições eram regulares, o nariz bem proporcionado, o queixo quadrado com uma covinha, as mulheres o consideravam um homem bonito.

Agora, ali de pé em frente ao tumulto de sua família, rodeado de amigos e parentes, não estava chorando e seu rosto tinha uma expressão passiva e apática. Não que não tivesse sentido a morte do pai, ele adorava o pai; mas durante aquela longa e dolorosa noite ele já tinha chorado tudo o que tinha de chorar, e seu humor tinha passado por inúmeros ciclos que iam da revolta à resignação, à revolta novamente e novamente à resignação.

Ao seu lado estava a sua mulher, Clara, amparando a sogra, Dona Ana. Clara aparentava ter cerca de 30 anos de idade, era de estatura mediana, encorpada, feições pouco expressivas, um tipo comum de mulher; mas era considerada excelente mãe de família. Dona Ana era uma senhora alta e magra, aparentando ter 60 anos de idade, os cabelos grisalhos cobertos com um véu preto, estava completamente arrasada com a morte do marido, e a custo se mantinha de pé, apoiada na nora. Atrás de Fernando estavam seus dois filhos, meninos de, respectivamente, 10 e 8 anos de idade, e, a pequena distancia estava a sua prima Rosita.

Na realidade, o verdadeiro nome de Rosita era Rosalinda, mas ela o detestava, e assim só era conhecida pelo apelido. Era uma mulher muito bonita, sua pele era clara, lisa e macia apesar dos seus 43 anos de idade. Os olhos eram grandes e luminosos, as íris da cor da avelã com finas estrias douradas, e pareciam cambiar de tonalidade nas mudanças de luz. Seus cabelos provavelmente eram de cor castanha clara, mas ela os tingia de louro com toques de cobre. Era alta e esbelta, o corpo muito bem proporcionado. Estava toda de preto, pois também tinha perdido o marido recentemente.

No velório, Rosita também passara a noite toda acordada, ora rezando ao lado de Dona Ana e Clara, ora conversando com Fernando; o seu *charme* os ajudara a passar aquelas longas horas.

Ventava no cemitério, um vento que soprava em rajadas do sudoeste, agitando os ciprestes e empurrando pelo céu enormes nuvens baixas e escuras. Muitos dos presentes, já há algum tempo, lançavam olhares preocupados para o céu, ante a eminência de chuva. Assim, logo que os coveiros colocaram o caixão no tumulto, uma parte das pessoas que ali estavam começaram a se despedir.

Quando os coveiros terminaram de rejuntar a tampa da gaveta, saíram do tumulto, e um deles trancou a porta de ferro trabalhado, dirigindo-se depois a Fernando a quem entregou a chave, que este recebeu e colocou de modo maquinal no bolso esterno do casaco.

Mendes, um dos executivos da empresa que pertencera ao falecido, se adiantou com algumas notas dobradas na mão, e as entregou a um dos coveiros, como gratificação, para que este a dividisse com os seus companheiros.

As pessoas que ainda estavam presentes passaram a se despedir.

Quando Rosita foi dizer adeus a Fernando abraçou-o. Este a puxou para si, e ela, num sentimento misto de ternura e piedade pelo sofrimento do primo, abandonou-se por cerca de 30 segundos naquele abraço. Mesmo através dos tecidos, Fernando sentiu contra o seu peito os seios da prima, redondos e macios, porem firmes; uma estranha sensação o invadiu, surpreendente e forte. Finalmente, ele se separou relutantemente da prima, que se afastou, enquanto Fernando recebia as despedidas de outras pessoas.

Já durante o velório a família decidira que Dona Ana não mais ficaria morando no casarão onde vivera com o marido, e sim que iria morar com o seu único filho. Felizmente Dona Ana e Clara se davam muito bem. Assim, terminadas as despedidas, Fernando, Clara, Dona Ana e os dois meninos entraram no automóvel e o motorista da família os levou para casa.

*
* *

Na segunda feira seguinte Fernando chegou na empresa na hora do costume e foi para o seu escritório; ao passar na ante-sala falou para a sua secretária:

- "Bom dia, Neuza. Por favor, avisa o Mendes que eu quero vê-lo".

- "Bom dia doutor. Fernando. Renovo os meus pêsames".

- "Obrigado. E olha, quando o Mendes chegar, faça-o entrar direto".

- "Sim senhor".

Ele entrou em seu escritório, sentou-se na cadeira atrás de sua escrivaninha, e ficou pensativo. Desde a manhã de sábado aquele abraço da Rosita não lhe saía da cabeça. Bastava ficar alguns momentos sem fazer nada para lhe desfilar pela mente uma parada de fantasias eróticas, muitas delas até sem muito nexo.

Decorrido muito pouco tempo a porta se abriu e o Mendes entrou. Fernando sorriu e pensou: - "O Mendes deve ter chegado hoje mais cedo, e deve ter ficado na ponta dos cascos, louco para falar comigo".

Mendes era um homem baixo e magro, ágil e alerta, cerca de 50 anos, moreno, de feições aquilinas, os cabelos pretos abundantes e só com muito poucos fios prateados. Na empresa, onde era um dos funcionários mais antigos, exercia o cargo de Gerente do Departamento de Controle, e chefiava a Auditoria Interna. Tinha uma excelente memória, e era uma pessoa austera, sem deixar de ser alegre e simpático. Apesar da diferença de idade e do fato de o gênio e os gostos de Mendes serem diferentes dos seus, Fernando tinha por ele uma enorme amizade, apreciava muito a sua companhia e, na empresa, era pessoa em quem mais confiava.

Mendes falou: - "Bom dia Fernando, como passaste de sábado?".

- "Bem, Mendes, obrigado. Tudo bem com você?".

- "Com a Graça de Deus".

- "Por favor, Mendes, senta. Olha, quero te contar uma decisão que tomei: não vou me empossar já na Presidência da empresa. Continuarei como Diretor

Gerente e responderei interinamente pela Presidência. Meu pai ia fazer 60 anos no dia 20 do próximo mês, ocasião em que iria se retirar e eu iria assumir a Presidência. Para essa data falta relativamente pouco tempo, e eu não vejo razão para mudar o que foi planejado por papai. Vou tomar posse na presidência como previsto, só que agora não haverá festa. Vou pedir à Neuza que convoque para hoje às 11 horas uma reunião com os Diretores e os Gerentes de Departamento para lhes comunicar esta minha decisão, mas queria que você fosse o primeiro a saber. E é só, Mendes, a gente se vê mais tarde”.

Mendes levantou-se e falou: - “Obrigado, grato pela consideração”. Depois hesitou, e Fernando falou: - “Há alguma coisa que você queira me dizer?”.

Mendes balançou a cabeça e falou: - “Não, até às onze horas, se Deus quiser”. E saiu da sala.

Depois que o Mendes saiu, Fernando apertou o botão do intercomunicador e falou: - “Por favor, Neuza, venha aqui”.

Segundos depois, Neuza entrou com um lápis e um bloco de anotações e sentou-se em uma das duas cadeiras colocadas em frente à escrivaninha de Fernando, e ele falou:

- “Neuza, quero te pedir 3 coisas. Primeira, convoca uma reunião para hoje às onze horas na sala de reuniões da Diretoria. Só Diretores e Gerentes de Departamento, avise-os já pelo telefone e mande os memos depois. Segunda, procura aliviar ao máximo a minha agenda de compromissos a partir de hoje. Procura passar para outros Diretores tudo o que for possível. Terceira, anota que eu hoje não vou almoçar na empresa. Logo após a reunião, que vai ser rápida, irei para casa e só voltarei lá pelas 3 horas da tarde. E é só, obrigado”.

- “Com licença” falou a moça, e se retirou.

Depois da reunião, Fernando foi para casa, e, já no fim do almoço falou à Dona Ana:

- “Mãe, eu vou mandar o Jerônimo na sua casa, quero que ele me traga o estojo com a espingarda de papai”.

- “Como quiseres, filho. Tudo o que era do teu pai agora é teu. Pretendes caçar com ela?”.

- “Não, mãe. Olha, não sei como te explicar, mas vou tentar. Papai gostava muito daquela arma. Depois de usá-la, ele mesmo a desmontava e lubrificava antes de guardá-la. Eu quero tê-la aqui em casa. Periodicamente quero tirá-la do estojo, montá-la, depois desmontá-la novamente, limpá-la e lubrificá-la e tornar a guardá-la. Quero tocar reverentemente no seu aço e na sua madeira, nos mesmos lugares em que papai tocava, e imaginar quantas vezes ele fez o que eu estiver fazendo. Dá para entender, mãe?”.

Dona Ana balançou afirmativamente a cabeça, e duas lágrimas lhe rolaram nas faces. Fernando, de repente, decidiu que perdera a vontade de comer a sobremesa. Levantou-se, pediu licença e retirou-se da sala de jantar.

Naquela noite Fernando estava na biblioteca mexendo na espingarda que fora de seu pai, quando Clara entrou, já de camisola, se aproximou dele, deu-lhe um beijo e falou:

- "Querido, não vens dormir?".

- "Vou já, meu bem, vou só guardar a espingarda de papai no estojo".

Clara olhou para a arma e falou:

- "Ela é bem diferente da tua, não é?".

- "Sim, querida, a minha é uma Beretta de dois canos remontados".

Fernando gostava de armas, se entusiasmava ao falar delas, mesmo quando o interlocutor não se interessava e nem mesmo entendia o que ele falava, e assim prosseguiu: - "A de papai é uma Ithaca de repetição, tem só um cano, mas leva 5 cartuchos no carregador. Após cada tiro, basta um pequeno movimento da mão e do braço esquerdos para traz e para a frente, para que o estojo do cartucho detonado seja ejetado, e um novo cartucho carregado seja levado à câmara da arma, e ela estará pronta para ser novamente disparada. A minha Beretta tem *choke* fixo em cada cano, a Ithaca tem, na boca do único cano, um dispositivo com um anel de regulagem que permite variar o *choke* de acordo com a vontade do atirador. Mas as duas armas calçam a mesma munição : o cartucho medida 12, câmara 70"

Ele guardou cuidadosamente a arma no estojo, encostou-o à parede, depois passou o braço na cintura da esposa e ambos se dirigiram para o quarto do casal.

*

* *

No dia seguinte, logo ao chegar à ante-sala do seu escritório, Fernando entregou à sua secretária uma página arrancada de uma revista americana com um anúncio de uma maquina fotográfica, e uma folha arrancada de um bloco de anotações. E falou:

- "Neuza, manda o Nunes comprar esta maquina. Diga a ele para comprar também uma lente de 200 mm para ela, mas que seja da mesma marca que a maquina. Neste papel tem uma relação de filmes, peça para comprar 2 de cada. Se a maquina não for encontrada numa ótica, ele que procure nos classificadros dos jornais, pode ser nova ou usada".

Depois ele entrou em seu escritório e se absorveu nos assuntos da empresa.

Após o almoço, quando ele voltou do refeitório, sobre a sua escrivaninha havia um pacote. Ele o abriu, e viu que continha a maquina, a lente e os filmes que encomendara. E pensou: - "É, o Nunes é mesmo eficiente".

Depois ele começou a estudar, muito interessado, o folheto explicativo que acompanhava a maquina.

*

* *

A missa de 7º dia rezada pela alma do pai de Fernando foi na 5ª feira de manhã, e ele teve oportunidade de abraçar Rosita de novo, o que o abalou tanto ou mais do que o abraço no cemitério. Ele convidou Rosita para almoçar em sua casa, mas ela declinou, tinha já um compromisso com a sua filha e o seu genro.

Na 6ª feira Fernando decidiu que iria, no sábado, sair com amigos, com os quais ele e o pai costumavam caçar. Era um grupo que costumava caçar aos sábados na mata atlântica, na periferia da cidade de São Paulo, numa área a cerca de 50 quilômetros da Zona Sul. Quando iam caçar saíam muito cedo, cerca de 4 horas da manhã, e voltavam à tardinha. Assim naquele sábado, eram 4 horas da manhã quando Fernando chegou na casa de Augusto. Gusto, como este era conhecido, filho de espanhol e alemã, geneticamente saíra à mãe: era alto, gordo, careca, louros os cabelos que lhe restavam nas têmporas, olhos azuis, pele muito clara, avermelhada no rosto. Era dono de uma fabrica de balas, e pertenciam a ele a matilha, o caminhão que usavam para transportar equipamento e os cachorros, a Kombi para transportar os caçadores, e o Jipe com guincho usado para safar os veículos que atolassem.

Gusto tinha em comum com Fernando o gosto pela cerveja gelada, ambos pareciam possuir uma incrível capacidade de beber grandes quantidades desse liquido dourado. Mas, ao contrário de Fernando, Gusto não desprezava uma pinga.

Os outros companheiros eram: o Pedro, dono de uma fabrica de doces, era pernambucano, alto e magro: tinha o cabelo abundante, muito crespo e totalmente branco; no rosto tinha uma barba branca bem aparada, mas meio rala; seus traços apontavam a existência em suas veias de varias gotas de sangue africano. Era o mais velho do grupo, com cerca de 75 anos de idade.

O Lemos, gordo e bonachão, era delegado de policia; era ele quem *aliviava* as *prensas* que a Policia Florestal dava no grupo.

O Norival, oficial da Infantaria da Aeronáutica, claro, cabelos louros cortados curtos, alto e atlético; trazia sempre com ele um cabo da Aeronáutica, o Firmino. Firmino era mineiro, magro mas musculoso, de poucas falas, experiente caçador e excelente mateiro; era ele que atuava como cachorreiro para o grupo.

Juntavam-se aos caçadores empregados e executivos da empresa do Gusto, os primeiros para dirigir os veículos, e os últimos para participar da caçada.

Fernando entrou na sala da casa do Gusto tendo pendurada ao pescoço a maquina fotografica com a lente de 200 mm, e viu que os caçadores habituais do grupo já estavam todos presentes. Logo começou com eles a trocar cumprimentos. De repente o Gusto exclamou:

- "Uai ! Fernando, cadê a espingarda ?"

- "Não trouxe"

- "Ora, e porquê?".

- "Estive pensando, Gusto, e cheguei à conclusão de que estamos todos errados. Acho que os ecologistas é que estão certos, não devemos destruir a nossa fauna, devemos, sim, preservá-la. Resolvi que vou continuar saindo com vocês, mas sem levar espingarda. Vou só usar esta câmara. Em vez de matar os animais vou apenas capturar as suas imagens num filme fotografico".

Imediatamente Fernando foi alvo de ditos pejorativos e brincadeiras por parte dos presentes, mas, sem se dar por achado, e após pedir silencio varias vezes, pode continuar falando:

- "Vocês podem dizer o que quiserem, mas são todos uns contraventores. Eu agora vou com vocês mesmo na época em que a caça é proibida, e com a consciência tranqüila. E mais, sem nenhum medo que me tomem a espingarda.

Alem disso, enquanto vocês vão continuar destruindo a fauna, eu irei colecionando as imagens dos bichos, preservando-as para a posteridade, para um futuro despovoado de animais selvagens, destruídos por gente como vocês”.

Aí o Lemos falou, sarcástico: - “Caramba, Fernando! Para nos fazer este sermão podias ao menos ter vindo de batina!”

Mas o Pedro, prático, perguntou: - “Fernando, queres vender a Beretta?”

- “Não, não vendo. Gosto dela e tenho ainda o instinto de caçador; mas não vou saciar o meu instinto atirando nos bichos, e sim, de vez em quando, usá-la para tiro ao prato”.

Aí o Gusto falou: - “Vamos deixar pra lá essa brincadeira do Fernando, que já está ficando tarde. Vamos tomar uma rodada de pinga como saídeira, e vamos embora”.

*
* *

Fernando, seguido poucos passos atrás pelo Pedro, ia subindo uma encosta suave pela margem de uma área recentemente roçada, quando sentiu na bota uma pancada, na altura do tornozelo direito; era como se ali tivesse recebido uma pedrada. Tinha sido bote de cobra, e a jararaca novamente se enrodilhara a pequena distancia, balançando a cabeça e fazendo aparecer e desaparecer a língua bífida. Perto, à sua esquerda, ele viu um longo galho de arvore, que tinha sido, provavelmente, cortado pelo pessoal que roçara a encosta; rápido, o Fernando o pegou, e com ele desferiu uma pancada forte na cobra, o que provavelmente lhe fraturou a espinha, pois o animal de desenrolou e passou a se contorcer. Calmamente Pedro se aproximou, fechou a culatra de sua arma, que sempre transportava aberta como proteção adicional contra disparos acidentais, mirou na cabeça da cobra e disparou, esfacelando-a. Logo abriu novamente a culatra e o extrator automático ejetou o cartucho detonado. Pedro colocou outro cartucho na câmara vazia, depois falou: - “Olha, Fernando, não atirei antes porque achei que ias preferir tirar uma fotografia da bicha; em vez disso, caíste de pau em cima da pobre, e aí eu tive que dar o tiro de misericórdia. Mas quero te dizer que não achei nada ecológica a tua atitude”.

- “Deixa de ironia, Pedro. Essa cobra tentou me matar e eu não tenho sangue de barata; só me salvei da picada por estar de botas. Depois, tem um ditado na tua terra, um provérbio do folclore de Pernambuco, que diz: Nem todo o cabra é da peste, mas toda a cobra é uma peste”.

Pedro riu, e falou: - “Isso aí não me está parecendo do folclore de Pernambuco, está me cheirando mais a folclore do Fernando. Mas deixa pra lá, acho melhor voltarmos, que pela direção dos latidos da matilha a cachorrada está quebrando para o lado da estrada da mina de ouro. Devem ter levantado um veado, e o estão correndo para cima da cilada ou do Norival ou do Lemos”.

Eles voltaram sobre os seus passos, e vinham descendo a encosta quando ouviram um tiro. Naquele dia tinha acabado a caçada, tivesse aquele tiro sido certo ou não. Era costume do grupo caçar só aos sábados, saiam de madrugada de São Paulo, chegavam no lugar da caçada e se espalhavam por varias ciladas; depois o cachorreiro soltava a matilha e tocava a buzina de caça

para avisar os caçadores. Se a matilha levantasse e corresse um veado em direção a uma das ciladas, e ele fosse morto, a caçada acabava. Se ele escapasse, também. Logo depois os caçadores se reuniam em uma espécie de acampamento montado perto dos veículos, acendiam um fogo, davam água e o de comer aos cachorros, churrasqueavam carne e tomavam cerveja gelada transportada em geladeiras de ferro galvanizado com isolamento térmico, nas quais as garrafas iam misturadas a serragem e gelo picado. E à tardinha, voltavam para casa.

Naquele dia o sorteado tinha sido o Lemos; a matilha correria o veado pela picada que desembocava em sua cilada, mas ele se afobara e errara o tiro. Agora ia ter que se resignar com as brincadeiras dos companheiros.

Quando Fernando e Pedro chegaram no acampamento, já ali estavam quase todos os outros caçadores. O Norival perguntou ao Pedro que tiro fora aquele que soara lá para as bandas em que ele estava, e este contou o episódio da cobra. O Norival aí falou: - "Olha, Pedro, tens certeza de que não era uma minhoca?"

- "Só se fosse de Itu, que a bicha era grande", respondeu o Pedro. Depois ele se aproximou do Lemos, pediu licença, pegou a espingarda dele e, muito sério, pôs-se a olhar ao longo dos canos, e falou:

- "È, o Lemos não teve culpa, alguém de safadeza entortou os canos da arma dele".

O Gusto deu uma risadinha e falou: - "Qual nada! Foi o próprio Lemos que entortou os canos para pegar veado na curva... Só que esse passou na reta...".

Cerca de uma hora depois apareceu o Firmino, que à custa de muitos assobios e toques de buzina, tinha arrebanhado a matilha, e chegou com os cachorros já presos, aos pares, pelas trelas. A matilha, com exceção de um, era composta de cachorros de raça chamada *americana*. O *mestre*, de nome Campeão, era porem um mestiço de perdigueiro com *vira-lata*, cachorro inteligente e de faro excepcional. Na ponta de seu focinho as narinas se abriam sob uma volumosa massa de aparência fofa, negra e sempre úmida. Nessa caixa preta estava o segredo do seu faro, que lhe permitia rastrear com precisão e presteza qualquer veado que tivesse recentemente passado na trilha em que ele andasse.

Sentado em uma cadeira de armar, que tinha sido transportada no caminhão, Fernando observava Campeão, que demonstrava cansaço, e estava deitado a pequena distancia. Fernando teve vontade de tirar uma fotografia do cão, levou a câmara ao rosto, assobiou e chamou: - "Campeão! Aqui Campeão!"

O animal primeiro levantou as orelhas, depois a cabeça e olhou para Fernando; viu um objeto estranho apontado para ele, levantou-se com o rabo entre as pernas e resolveu sair de fininho, lançando um olhar desconfiado sobre a sua própria pá. Fernando bateu uma chapa, e chamou de novo: - "Aqui Campeão!"

A reação do animal foi passar do passo ao trote, e ir se refugiar debaixo do jipe.

O Gusto deu uma risada e falou: - "Olha aí, pessoal! Depois que o Fernando virou a mão, nem o Campeão quer mais conversa com ele!"...

Fernando pensou: - "Deixa estar, Gusto! Tu me pagas quando eu revelar esta foto..."

O sábado seguinte Fernando apareceu de novo na casa do Gusto, levando na mão um enorme envelope de papel manilha. Depois que ele cumprimentou todos os presentes, o Gusto falou:

- "Uai, Fernando! Cadê a maquina fotográfica?"
- "Não trouxe"
- "Estou vendo que não estás te esforçando muito para preservar em imagens a Fauna Brasileira"
- "Não, eu vou deixar isso para o Dalgas Frisch. Mas olha aí, pessoal, no sábado passado eu tirei uma foto do Campeão. Ficou ótima, nela o Campeão mostra nitidamente as suas virtudes, a sua coragem, a sua autoconfiança... Ficou tão boa que eu acho que o Gusto vai querer enquadrá-la e pendurá-la na parede. Assim mandei fazer uma ampliação 30 x 40".

Fernando retirou a fotografia do envelope e passou a mostrá-la a todos. Na foto era tão clara a expressão de medo e de desconfiança do cachorro que todos, com exceção do Gusto, deram risadas. O Gusto não riu, pensando nas gozações futuras que a foto ensinaria.

Depois Fernando alegou que tinha um compromisso naquele sábado, assim não poderia ir com os outros companheiros à caçada. Sob protestos dos amigos, começou a se despedir. Antes de ele sair o Gusto falou:

- "Olha aí, Fernando, pelo menos toma uma pinga com a gente. Essa cachaça no garrafão eu mesmo trouxe de Piracicaba, é especial, tu vais gostar".
- "Obrigado, Gusto, mas tu sabes que eu não bebo cachaça. Ainda mais essa aí, que eu acho que foi a que matou a mulher do sargento...".
- "Qual nada" falou o Norival, irreverente, "essa daí foi a que matou a sogra do padre...".

Todos riram. Fernando saiu e voltou para casa.

Quando ele chegou em casa Clara ainda estava dormindo. Depois de tirar a roupa e por o pijama, ele procurou se enfiar suavemente sob os lençóis, para não acordar a mulher. Mas o seu peso, comprimindo o colchão, provocou vibrações. Clara se mexeu e ele perguntou baixinho:

- "Clara, estás dormindo?"

Ela respondeu sonolenta: - "Não, meu amor, estou acordada".

Fernando pós a mão no braço de Clara, ela estremeceu e subitamente ficou completamente desperta; e ele falou: - "Então vem cá".

*
* *

No dia 20, às 8 horas da manhã, no refeitório da empresa, com a presença de todos os empregados, realizou-se a rápida cerimônia de posse de Fernando na Presidência. Depois da posse, os Diretores e outros funcionários graduados fizeram fila para cumprimentá-lo. Quando o Mendes o abraçou ele pediu: - "Passa depois na minha nova sala, precisamos conversar".

Quando Fernando se dirigiu para o escritório da Presidência, Mendes o seguiu. Ao chegar à ante-sala Fernando sorriu, aparentemente sem motivo, esperou o Mendes se aproximar, colocou uma mão sobre o seu ombro e o fez passar à sua frente enquanto falava com a secretária da Presidência:

- "Dona Catarina, vou conversar com o Mendes, não quero ser interrompido".

Já dentro da sala ele falou: - "Senta, Mendes". E ele próprio se sentou na cadeira atrás da escrivaninha. Depois de uma pequena pausa Fernando falou:

- "Olha, Mendes, como eu assumi a Presidência, precisamos resolver quem ficará como Diretor Gerente em meu lugar. Eu estava pensando no Maia, mas, naturalmente, quero ouvir você primeiro; eu não nomearei ninguém que você não aprove".

Mendes pareceu desconcertado, e falou com voz levemente insegura:

- "Mas eu pensei que tu me escolherias para Diretor Gerente. Tu sempre me disseste que tens a máxima confiança em mim. Eu sou antigo na empresa e me sinto altamente qualificado".

Fernando sorriu, parecia muito divertido com o desconcerto do Mendes, e falou: - "Um pequeno engano seu, Mendes".

Mendes fez um visível esforço para engolir o seu desapontamento e a sua frustração, e falou:

- "Peço desculpas, eu não devia ter dito o que disse. Agora tu és o principal responsável pelo andamento da empresa, e eu te darei o meu total apoio no que decidires. Realmente o Maia é o melhor nome, e eu te agradeço a tua gentileza por me consultares. É, Fernando eu acho que sonhei mais alto do que eu devia...".

- "Mais dois enganos seus, Mendes. Em primeiro lugar eu não te consultei por gentileza, e sim porque não posso nomear nenhum diretor que você não aprove; e em segundo lugar você errou no sinal. Não é mais, Mendes, é menos. Você sonhou de menos".

- "Como assim? Eu não estou entendendo".

- "Para você entender, Mendes, vou ter de te contar uma porção de coisas. É uma estória que começa antes do meu nascimento. Quando o meu pai e a minha mãe se conheceram, ambos eram de famílias muito ricas. Minha mãe tinha irmãos e irmãs, mas meu pai era, como eu, filho único. Como você sabe, meu pai era um homem muito ambicioso, e tinha 3 objetivos na vida: mais dinheiro, mais poder e uma família grande. Quando se casaram construíram uma enorme casa no centro de um grande terreno que foi todo ajardinado. Quando eu nasci, a alegria de papai foi imensa; afinal sua expectativa era a de que começara a escadinha de meninos e meninas que iriam brincar nos jardins de nossa casa. Quando eu tinha 2 anos de idade, mamãe engravidou de novo, e meu pai não cabia em si de contente. Mas alguma coisa não deu certo, os detalhes eu não conheço; Você sabe, essas coisas não se comentam com os filhos, nem mesmo depois que eles crescem... Só sei que mamãe abortou e ficou estéril. Posso imaginar a decepção de papai... Aí papai fez um ajuste nos seus objetivos que passaram a ser: mais dinheiro, mais poder e a conquista da afeição e o encaminhamento na vida de seu único filho. Você sabe como papai era extremamente simpático para com todas as pessoas; imagine como ele o foi para com alguém que ele, deliberadamente, procurou conquistar. Quando eu atingi 7 anos de idade e entrei na escola, ele já era o meu ídolo. Eu adorava papai, você nem pode imaginar...".

- "Ora", atalhou o Mendes, "eu sei o quanto gostavas de teu pai".

- "Não Mendes, você não sabe, mas eu vou te dizer. Você me conhece, sabe que eu sou uma pessoa sempre bem humorada. Quando acordo, depois de uma noite bem dormida, acordo alegre, com vontade de cantar. Depois que papai se foi,

isso ainda acontece, mas só até eu me lembrar que ele morreu, e aí o resto do meu dia fica estragado. Quando alguma coisa boa me acontece, quando leio um artigo interessante num jornal, o primeiro pensamento que me ocorre é: *preciso contar ao papai*. Aí eu me lembro que ele se foi, e fico com vontade de dizer uns palavrões; e não houver crianças ou mulheres por perto, eu digo mesmo...”.

Houve um breve silencio no escritório, depois Fernando continuou:

- “Como eu estava te contando, aos 7 anos de idade eu entrei na escola, e logo ao trazer o meu primeiro boletim para casa eu descobri que as notas baixas não agradavam papai, e as boas notas o faziam feliz. Daí em diante, desde o primário até a faculdade, meu incentivo para estudar era a possibilidade de trazer notas boas para casa. Enquanto em sua maioria os meus colegas eram incentivados pelos pais com promessas de brinquedos, bicicletas e automóveis, meu único incentivo era poder entregar ao meu pai os boletins escolares e vê-lo sorrir, feliz, com as minhas boas notas.

E eu sempre me colocava entre os 3 primeiros alunos de cada turma, embora em cada classe sempre existissem vários colegas mais inteligentes do que eu. Você sabe, na Faculdade de Administração de Empresas eu me formei em segundo lugar na minha turma. Perdi o primeiro lugar para o Isaac, mas esse peste era considerado um gênio mesmo pelos professores”.

Houve um outro silencio na sala, dessa vez mais prolongado, durante o qual o Mendes pensou:

- “Não estou entendendo, o Fernando está divagando. O que tudo isso tem a ver com uma conversa que começou com a indicação de um nome para Diretor Gerente? Ele deve estar com um problema, precisando desabafar com um amigo, o melhor é eu ficar calado e ouvir”.

Depois, Fernando continuou:

- “Você sabe, Mendes, eu fazia tudo para agradar papai. Veja o meu casamento, por exemplo. Casei com a Clara porque ela era o tipo de mulher que papai aprovava. Não que eu me arrependa de ter casado com ela, eu adoro a Clara. É uma esposa e mãe perfeita. Mas também é uma mulher em que tudo em sua relação com o marido é absolutamente previsível, e eu sou o tipo de homem que necessita de aventura e de romance. Mas você sabe como papai desaprovava qualquer tipo de relação mais ou menos permanente fora do matrimônio. Também eu tinha que trabalhar, não podia perder tempo com namoros, essas coisas... Assim, minhas aventuras tinham que ser com essas meninhas descartáveis que aceitam sair com um homem em troca de um bom programa, que incluía um jantar num bom restaurante e uma esticada numa boate da moda. Só que o que sobrava para o dia seguinte era frustrante. Não que eu não me adaptasse aos ambientes que essas moças gostam de freqüentar e às pessoas com quem elas se enturmam. Aprendi a sua gíria, até às vezes me surpreendo falando: *é isso aí, bicho!* e outras besteiras. Mas para mim, nenhuma dessas transas foi satisfatória, e eu não acredito que o serão no futuro. O que eu preciso, Mendes, é de tempo para mim mesmo, para tocar meus projetos particulares. Com meu pai vivo isso não seria possível, eu teria assumido hoje a presidência e depois iria me matar de trabalhar para não decepcioná-lo. Mas agora, Mendes, o que vai me motivar? Dinheiro? Mas esta empresa dá um lucro enorme, é como se fosse uma mina de ouro... Além disso nós temos uma enorme quantidade de

imóveis, ações de empresas de capital aberto, jóias, ouro, dólares, contas numeradas na Suíça... Você sabe, Mendes, um montão de dinheiro... Quanto ao poder, ele não me atrai”.

Fernando calou-se por uns momentos e, de repente, as coisas que ele contara começaram a se arrumar no cérebro do Mendes como as peças de um *quebra cabeças*, e ele começou vagamente a entender, só que não conseguia acreditar.

E Fernando prosseguiu: - “É isso aí, Mendes, eu assumi a Presidência na data marcada por papai, como ele queria. Até aí eu fui... afinal, uma última homenagem... Mas não vou continuar, não é o que eu quero, e hoje não tenho mais nenhum motivo para querer”.

- “Mas tu não podes fazer isso”, atalhou o Mendes.

- “Posso e vou fazer. Naturalmente não vou abandonar o patrimônio de minha família aos azares da sorte. Para isso vou tomar três providências básicas: vou contratar uma empresa de auditoria externa, que mensalmente deverá apresentar um relatório, e isso, naturalmente, sem eliminar a nossa auditoria interna. Vou contratar uma empresa boa, pagando bem. Como essa é uma despesa dedutível, isso em termos percentuais, pouco influirá no lucro líquido após o Imposto de Renda. Depois vou constituir um Conselho de Diretores para a empresa, do qual eu serei o Presidente. Esse Conselho se reunirá uma vez por mês para analisar o relatórios das auditorias interna e externa e os resultados da empresa no mês anterior e tomar as decisões corretivas no rumo dos negócios. E finalmente, vou empossar na Presidência da empresa um homem competente e de minha inteira confiança: você”.

Mendes se recuperou de sua surpresa e falou: - “Mas isso é absurdo! Tu vais trabalhar só uns dois dias por mês. O que vais fazer o resto do tempo?”

Fernando sorriu, se recostou na cadeira, colocou as duas mãos abertas sobre o próprio peito, fechou os olhos se lembrando de Rosita, e falou: - “Ah Mendes!... Vou me dedicar a alguns projetos pessoais. Eu tenho um, altamente prioritário, cujo cronograma está atrasado cerca de 20 anos. Vou chamá-lo de Projeto Pessoal Prioritário, ou P.P.P.”.

- “Eu posso ajudar?”

Fernando reabriu os olhos e falou: - “Não Mendes, já te disse que este é um projeto pessoal, eu tenho que tratar dele pessoalmente, e você não imagina com que prazer”...

Depois Fernando retirou as mãos do peito, endireitou-se na cadeira, fez uma cara séria e disse: - “Olha, Mendes, eu só vou sair da presidência da empresa depois de contratada a firma de auditoria e constituído o Conselho. Mas quero que você abandone já amanhã o teu cargo. Amanhã de manhã você me apresenta um nome para Diretor Gerente e outro para gerente do Departamento de Controle. Você a partir de amanhã passará a ser meu assistente até a hora de assumir a Presidência. Você pode preparar os memos necessários, amanhã eu assino. Mas fica desde já entendido que é você quem irá convidar os escolhidos para os dois cargos. Você também precisará de uma sala nova para a Presidência, porque eu vou ficar com esta aqui que era de papai. Vou ficar também com a sala de reuniões da Presidência, que servirá para as reuniões do Conselho. Contrata uma firma de arquitetura para resolver o problema do teu futuro escritório e da tua

sala de reuniões. Construa ou adapte, o que for melhor. Procura também escolher ou contratar uma secretaria para você, porque eu vou ficar com a que era de papai. Dona Catarina é precisamente a secretária com as qualidades que eu hoje acho importantes: ela é velha, veste-se de forma conservadora, e é muito eficiente e discreta. Só eu sei o que eu sofri com aquela boazuda da Neusa na minha ante-sala, entrando a toda a hora no meu escritório, me servindo café, sentando em uma das cadeiras em frente da minha mesa e cruzando as pernas... Pior do que o sofrimento do cachorro que morreu de fome na porta do açougue”...

Mendes riu da ultima frase de Fernando, depois ficou sério e falou: - “Tu tens certeza de que eu tenho condições de assumir a Presidência? Veja bem, eu me sinto amplamente capacitado para assumir o cargo de Diretor Gerente, mas a Presidência... Eu praticamente não tenho relacionamento com políticos e com outros dirigentes de empresas, tu sabes, eu nunca tive tempo para essas coisas”.

- “Ora, Mendes. Não te preocupes. O dia em que a empresa necessitar de fazer um *lobby* ou um trabalho de relações publicas, contratamos uma firma especializada. Elas trabalham com profissionais, e um presidente de empresa, por mais qualificado que seja, será sempre um amador nessa área. Para mim o importante é tua qualificação dentro da companhia, e a confiança que você me inspira. Mas não quero te prender mais, você tem que começar a tomar providencias. Até logo Mendes, e obrigado”.

- “Obrigado eu; mas tu podes estar certo de que vou fazer tudo para não te decepcionar. Até logo”.

-“Claro que estou certo! *Ciao!*”

Mendes saiu da sala, e Fernando abriu uma gaveta da sua escrivaninha e dela retirou um pequeno pacote, embrulhado em fino papel de presente, colocando-o sobre a mesa. Depois se recostou em sua cadeira, meio de lado, o braço esquerdo sobre a borda do tampo da escrivaninha, as pontas dos dedos da mão esquerda tocando levemente o pacote, e começou a pensar consigo mesmo:

- “Ah! A Rosita! Quando fiquei garotão como me apaixonei por ela! Mas ela já estava casada com o Adolfo. Ah! Aquele filho da mãe do Adolfo!... Advogado cheio dos truques, mulherengo, farrista, jogador e pinguçõ!... Se os pais da Rosita não tivessem forçado o casamento com separação total de bens, o Adolfo a teria deixado de tanga!... Não consigo me esquecer do casamento da filha única deles. Foi uns dois meses antes dele morrer. O Adolfo entrou na igreja de braço com a filha, e de pilequinho. Deu vexame. A noiva, praticamente, teve de arrastá-lo pela nave da igreja e pelos degraus do altar. O Adolfo ia tropeçando no tapete, nos degraus, oscilando e se amparando na filha. No dia em que o Adolfo morreu, ele tinha ido a Mogi tratar de assuntos de um cliente. Antes de voltar para São Paulo, resolveu entrar num bar e tomar umas e outras... Na volta para S. Paulo, antes de chegar na Anhanguera, dirigindo em alta velocidade, ele perdeu a direção do carro, entrou na contra-mão e bateu de frente num caminhão. E deixou a Rosita, esse divino manjar branco, viúva, sozinha e desamparada... Que desperdício!...”

Fernando sorriu, endireitou-se na cadeira, estendeu a mão direita para o telefone, apertou o botão bloqueador da extensão da secretaria, e ligou para a prima, convidando-a para almoçarem juntos. A principio Rosita relutou em aceitar, mas

concordou quando Fernando afirmou que o assunto a tratar era importante. Depois ele ligou o intercomunicador e falou: - "Dona Catarina, eu vou sair; por favor, avise o meu motorista".

Depois se levantou, vestiu o paletó, pegou o pacote e o colocou no bolso. E, ao passar na ante-sala, deu um *até logo* muito animado para a secretária.

Logo que o carro estacionou junto ao meio-fio em frente ao prédio em que residia Rosita, e o motorista veio abrir a porta para Fernando saltar do veículo, o porteiro do edifício teve a sua atenção despertada pelo tamanho e luxo do automóvel. Fernando saiu do carro, dirigiu-se ao porteiro a quem pediu que avisasse a prima de que chegara. Logo Rosita desceu do seu apartamento, e os dois primos se cumprimentaram com um beijo em cada face. Sentaram-se ambos no banco traseiro do carro, enquanto o motorista, que já tinha sido previamente instruído quanto ao endereço a que se destinavam, pos o veículo em movimento.

No trajeto, Rosita perguntou que assunto importante era esse sobre o qual Fernando lhe queria falar, mas ele respondeu que preferia abordá-lo durante o almoço. Assim, conversaram sobre banalidades até chegarem ao restaurante.

O restaurante escolhido fora *O Aquário Encantado*. Era situado fora do centro, em uma quieta rua de um bairro tranqüilo, e geralmente só tinha muito movimento no horário do jantar. Quando os primos entraram no salão, havia muito poucas pessoas além dos empregados. O salão era grande e, no seu lado esquerdo, em toda a sua extensão, não havia parede, e sim um imenso aquário de vidro, cujo fundo estava decorado com muita arte, e no interior do qual muitos peixes nadavam.

Não havia janelas no salão, e a luz que o iluminava passava através da água e das paredes de vidro do aquário. Reflexos de luz dançavam pelo teto e sobre as mesas, e essa iluminação criava um clima indefinido e inusitado, um clima de aventura e de romance.

Fernando escolheu uma mesa junto ao aquário, ambos se sentaram e deram o pedido ao *maitre* após consultarem o cardápio.

Era a primeira vez que Rosita ia aquele restaurante, e aparentemente ela estava gostando, estava alegre e animada. Depois de observar tudo em torno, e fazer alguns comentários sobre a decoração do fundo do aquário, e sobre os peixes que nele nadavam, ela falou: - "Afinal, primo, estou curiosa para saber sobre que assunto queres me falar".

- "Olha, Rosita, em primeiro lugar eu me sinto na obrigação de agradecer a tua atenção e o conforto que você me proporcionou e à minha família por ocasião do enterro de papai".

- "Imagine! Não fiz mais do que a minha obrigação".

- "Não, Rosita, você não sabe o quão importante foi para mim a tua presença nessa ocasião, eu não sei nem como agradecer".

Aí Fernando tirou do bolso o pacote que tirara da gaveta de sua escrivaninha, e, entregando-o a Rosita, falou: - "Assim, querida prima, trouxe para você este pequeno presente para me ajudar a te dizer *muito obrigado*".

Rosita pegou, curiosa, no embrulho e falou: - "O que é?".

- "Abra e veja". Rosita desembalhou o pacote, que revelou conter um estojo de jóia. Ela o abriu, e sobre o veludo preto do seu interior viu um colar de perolas. O colar não era muito grande, e as perolas eram cultivadas. Porém, evidentemente,

ele tinha sido montado por um grande joalheiro. As perolas eram lindíssimas, ricas em brilho e em tonalidades nacaradas, provavelmente escolhidas entre lotes de centenas de perolas finas, até serem emparelhadas em numero suficiente para compor um colar de beleza incomparável. Mas o que fez os olhos de Rosita brilharem foi à vista do fecho: o fecho era de platina, com belíssimo lavor, e incrustado de brilhantes de *pura água*.

Rosita exclamou: - "É lindo, Fernando! Mas é uma peça de muito valor, eu acho que não devo aceitar".

- "Você me fará uma desfeita se não aceitar. Mas se essa for a tua vontade, a ela eu me curvo. Mas, por favor, deixe-me ao menos colocar o colar no teu pescoço para ver como fica".

Ele levantou-se, retirou o colar do estojo e o colocou no pescoço da prima. Rosita estava com um vestido de seda estampado em cores suaves com motivos chineses, e o colar combinou admiravelmente.

- "Prima, o colar ficou lindo em você! Porque não vais ao *toilette* de senhoras e te olhas no espelho? Eu espero".

Rosita estava excitada, levantou-se e foi ao *toilette*. Quando se olhou no espelho sentiu que seria impossível recusar o presente do primo. Quando voltou ao salão e se sentou à mesa, ainda fez uma tentativa para devolver o colar, mas logo cedeu à insistência do primo para que o aceitasse. Ela estendeu o braço sobre a mesa, colocou a sua mão sobre a do primo e falou:

- "Insistes tanto que eu vou aceitar, nem sei como te agradecer". Rosita retirou a mão, e ele sentiu um impulso de prendê-la entre as suas, mas pensou: - "Calma, devagar que a caça é arisca". Depois falou: - "Ora, prima, não precisa. Não imaginas como fiquei contente por teres aceito. Depois, ter esta oportunidade de te ver, de conversar com você... Não podes imaginar o quanto isto é importante para mim. Neste período tão difícil após o falecimento de papai eu preciso ver e conversar com uma pessoa da minha família que me entenda e a quem eu dedique uma estima muito especial, e essa pessoa é você. Eu preciso te ver e conversar com você freqüentemente durante este período crítico, isto será muito importante para a minha sanidade mental".

Enquanto Fernando falava, houve uma quase imperceptível alteração nas feições de Rosita, e ele como que sentiu que perpassava na mente da prima uma duvida sobre se tudo aquilo não seria a preparação de uma *cantada*. E ele apressou-se a acrescentar: - "Olha, Rosita, vou te falar francamente, se eu tivesse uma irmã, eu não poderia gostar mais dela do que eu gosto de você".

A palavra *irmã* desarmou e enterneceu Rosita. Ela começou a sentir uma mistura um pouco confusa de pena, estima, ternura e vontade de ajudar o primo.

O *garçom* se aproximou para servir o almoço, que transcorreu num clima intimo e agradável para ambos. Antes de saírem do restaurante, Fernando conseguiu marcar um próximo encontro.

Nas duas semanas seguintes eles passaram a se encontrar duas vezes por semana, ora indo tomar um sorvete numa sorveteria, ora um chá numa casa de chá. Fernando sempre se portava como um cavalheiro, mas sempre fazendo o máximo de *charme* para a prima. E, de cada vez, antes de se separarem, Fernando conseguia marcar dia e hora para um próximo encontro.

Na terceira semana começaram a aumentar muito as preocupações de Rosita com a continuidade daqueles encontros e com a forte atração física que sentia pelo primo. Assim, após alguma reflexão a respeito, antes de comparecer ao encontro seguinte, tomou a resolução de que seria a última vez em que se encontraria sozinha com ele.

O primeiro encontro dessa terceira semana foi numa terça-feira; Fernando foi buscar a prima na sua residência e a levou a uma casa de chá em cujo salão as mesas eram encostadas na parede, de um só lado, e separadas umas das outras por repartições de madeira. Não havia cadeiras, e sim bancos. Os bancos e as repartições de madeira estavam completamente cobertos de inscrições, umas talhadas a canivete, outras escritas com esferográficas, e algumas até com *baton*; eram desenhos de corações transpassados por setas contendo iniciais e datas, frases amorosas etc.

Dos lugares onde Fernando levava a prima, este fora o de que mais gostara, pela relativa privacidade criada pelas repartições de madeira que separavam as mesas.

Naquele dia, logo ele percebeu que a prima estava inquieta, e falando menos do que nos encontros anteriores. A certa altura da conversa, ela falou, um pouco hesitante: - "Primo, eu acho que não devemos continuar nos encontrando, assim... eu quero dizer assim sozinhos e com tanta freqüência...

a verdade é que não estamos fazendo nada de mal... sabes... só amizade... eu tenho a certeza de que somos como irmãos... mas alguém pode maliciar...o que é que a Clarinha vai pensar"...

Fernando ainda procurou demover a prima, mas achou que uma demasiada insistência poderia assustar ainda mais Rosita. Mas tentou ainda marcar mais um encontro, o último, segundo ele alegou. Rosita hesitou, depois disse que naquela semana tinha um encontro com a filha, o qual ainda não tinha dia e hora marcados; mas prometeu, que após um contato com a filha, lhe telefonaria para marcar um novo encontro. Ele aparentemente conformou-se, e a levou para casa. No dia seguinte de manhã Rosita telefonou para o escritório de Fernando e lhe disse sem muitos preâmbulos: - "Primo, quero te dizer que não vamos ter novos encontros. Vamos nos ver em festas, reuniões sociais, ou na tua casa quando a Clarinha me convidar. Quando nos encontramos ontem eu já estava decidida, mas não tive coragem de te falar. A nossa amizade continua a mesma, eu realmente te tenho muita afeição. Por favor, quero que me ajudes nesta minha decisão, é a melhor para nós dois, precisas acreditar".

Fernando surpreendeu a prima não insistindo e aceitando a decisão de Rosita; ambos se despediram, e, ao desligar o telefone, ele pensou: - "Droga! Ela percebeu! Ela até que também está afim, mas tem escrúpulos... e está querendo tirar o time de campo... Agora, eu não posso marcar bobeira; se marco, danço. Tenho que atacar! Tenho que dar uma de carcará: cair em cima de repente e pegar!".

Pelo interfone ele avisou a secretária de que iria precisar do carro com motorista imediatamente. Levantou-se, foi até um armário que tinha no escritório, abriu a porta, pegou e vestiu o seu paletó, e saiu.

Quando ele chegou no prédio de Rosita, o porteiro, que já o conhecia, o deixou subir. Ele chegou na entrada social do apartamento da prima e tocou a

campainha. A empregada abriu a porta e o deixou entrar. Nesse momento Rosita apareceu na sala, vinda do corredor de circulação do apartamento. Enquanto Fernando cumprimentava a prima, que se mostrou constrangida, a empregada fechou a porta e fez menção de se retirar da sala. Aí Rosita falou:

- "Maria, espera um pouco. O doutor Fernando não vai demorar, o assunto que temos a tratar é muito rápido, e assim logo tu o acompanhas até à porta".

Fernando, sem a menor cerimônia, sentou-se numa poltrona e falou: - "É verdade, prima, o assunto é muito rápido; mas como eu tenho bastante tempo até o meu próximo compromisso, pensei que talvez me oferecesses um chá".

Rosita hesitou, depois pareceu conformar-se e falou: - "Maria, por favor, faça um chá e também algumas torradas. Quando estiverem prontos, nos sirva aqui na sala".

Logo que a empregada saiu da sala, Fernando se levantou de repente, agarrou a Rosita e lhe deu um beijo na boca. Rosita, a principio, ofereceu alguma resistência: colocou as mãos nos ombros do primo e os cotovelos no seu peito. Mas logo as suas mãos largaram os ombros e subiram para a nuca, e ela começou a corresponder ao beijo. Aí Fernando começou a beijá-la no pescoço, enquanto ela estremecia, gemia e exclamava: - "Ai!... No pescoço não que eu fico toda arrepiada!... Ai!... Que assim eu não agüento!... Ai meu Deus!... Que eu não sou de ferro!... Ai Fernando!... Que eu não sou de ferro! Ai meu amor!... Ai meu querido...".

*
* *

No dia seguinte de manhã Fernando entrou na ante-sala de sua secretária assobiando, cumprimentou-a efusivamente, e entrou no seu escritório. Logo Dona Catarina também entrou com a pasta do primeiro expediente da manhã. Mal Fernando acabou de despachar o expediente, o telefone tocou, a secretaria atendeu, depois desligou o aparelho e falou: - "Doutor Fernando, estão na portaria três senhores da empresa de auditoria externa".

- "Por favor, dona Catarina, a senhora deve ir buscá-los e trazê-los para a ante-sala. Peça a eles para esperar uns minutinhos, que eu preciso falar com o Mendes. Avise o Mendes, e depois vá buscar os cavalheiros. Sirva-lhes um café e faça-lhes um pouco de sala. E, dona Catarina" - aí o Fernando piscou um olho, irreverente - "sobretudo encante-os com o seu *charme*. Tá?".

- "Sim senhor" respondeu seca a secretária, e saiu.

Quando o Mendes passou na ante-sala, já lá estavam as pessoas da empresa de auditoria externa, aguardando a hora de serem atendidas.

Eram três cavalheiros de paletó e gravata, cada um com uma pasta executiva preta no colo. Quando Mendes entrou no escritório de Fernando encontrou-o em uma postura na qual ele nunca o tinha visto antes: Fernando estava recostado em sua cadeira, os dedos das mãos entrelaçados atrás de sua nuca, e os dois pés em cima da escrivaninha. Logo que viu o Mendes, ele tirou os pés de cima da escrivaninha e falou, muito animado: - "Entra Mendes! Bom dia! Senta! Senta!".

- "Bom dia! Estás hoje muito alegre" falou o Mendes, e sentou-se.

Logo que o Mendes se sentou, Fernando levantou-se e começou a andar pela sala enquanto falava: - "Claro que estou contente! Você nem imagina! Sabes, o meu Projeto Particular Prioritário, o meu P.P.P., teve ontem o seu cronograma colocado r i g o r o s a m e n t e em dia".

- "Ora, não sei de nada. Nem sequer me contaste que projeto é esse".

- "Não precisas saber; o importante é que o cronograma está em dia, e eu estou muito feliz. E o que é melhor, Mendes, o projeto prossegue, e às mil maravilhas". De repente. Para espanto do Mendes, Fernando alteou a sua forte voz atenorada e cantou, usando a melodia de uma canção popular:

- "Às mil maravilhas! Às mil maravilhas!".

O som da voz de Fernando, assim alteada, certamente estaria passando para a ante-sala, e Mendes não pode deixar de sorrir ao pensar nos três senhores engratados que ali estavam. Mas logo Fernando ficou sério e falou:

- "Olha, Mendes, está aí o pessoal da empresa de auditoria, e certamente estão trazendo o contrato para ser assinado".

- "Eu os vi quando passei na ante-sala".

- "Pois é. Eu vou mandar eles entrarem. Os termos do contrato já estão acertados, e é só assinar. Mas eu queria que você estivesse presente".

Logo Fernando chamou a secretária e mandou entrar as pessoas que o estavam aguardando. Foi tudo relativamente rápido; todos se cumprimentaram, Fernando e Mendes leram o contrato, depois todos assinaram rubricando todas as folhas, Fernando ficou com uma cópia, e todos se despediram trocando bons desejos.

O pessoal da empresa de auditoria saiu, dona Catarina se incumbiu de os acompanhar, e Fernando ficou de novo sozinho com o Mendes.

Mendes novamente se sentou, mas Fernando ficou de pé, e, andando pela sala falou, muito animado: - "Amanhã vai ser um grande dia! Emposso os membros do Conselho, assumo a respectiva Presidência, e emposso você como Presidente da empresa. Estou contente demais!".

Depois parou de andar, esticou dramaticamente o braço direito com o dedo indicador apontado para o Mendes, e falou: - "Vou te dizer o que vamos fazer! Não vamos esperar até amanhã para comemorar! Vamos sair agora, vamos beber juntos um caminhão de cerveja gelada!".

- "Mas" - ponderou o Mendes - "eu tenho trabalho a fazer esta tarde".

- "Nada tão importante quanto comemorar comigo! Vamos!".

E Fernando, alto e musculoso, tomou pelo braço o Mendes, baixo e magro, e o conduziu pela porta afora.

MEIA DUZIA DE ESTÓRIAS DO DELEGADO BARBOSA

Isso foi há muitos anos, em torno de 35 antes da passagem do século XX para o século XXI. Naquele tempo o Doutor Barbosa era o titular do 13º Distrito Policial de uma cidade brasileira (qualquer uma, desde que suficientemente grande para ter, pelo menos, 13 distritos). Pertencia a uma família rica e poderosa na cidade, e também ilustre. Seus antepassados eram aparentados da família imperial brasileira, e seus parentes ocupavam posições de destaque na sociedade, eram juizes, médicos, dentistas, advogados, arquitetos, donos de colégios e políticos. Mas o Barbosa era só um policial. Desde menino gostava de contos e romances policiais, o que deu rumo à sua profissão. Era um policial competente, sua delegacia era, na cidade, a que apresentava um dos mais altos índices de casos resolvidos. No início de sua carreira nunca tomou parte em torturas, e depois que se tornou delegado titular, nunca permitiu tortura dentro de sua jurisdição. Embora uma pessoa simples, ele tinha muito carisma; as pessoas que o conheciam logo gostavam dele. Mas era sujeito a impulsos, que o faziam tomar atitudes inusitadas.

Corria o mês de Fevereiro e fazia muito calor. Naquele dia, como ocorria com certa freqüência, o Barbosa almoçou num pequeno restaurante perto da delegacia. Como entrada comeu um salpicão de galinha, prato que ele adorava. À tarde, sentiu-se mal: dor de cabeça, náuseas e mal estar. Pediu ao *prontidão* para dar um pulo na farmácia e comprar aspirina e bicarbonato de sódio. Enquanto isso, ele telefonou para um médico conhecido, que atendia com hora marcada, para agendar uma consulta. A enfermeira informou que naquele dia não seria possível, mas que lhe marcaria o primeiro horário do dia seguinte, às dez horas da manhã. Ele concordou. Chegaram os remédios, ele os tomou e, logo após, passou muito mal. Pensou em ir ao pronto socorro, e falou que ia precisar da viatura. Mas logo sentiu uma cólica violenta, teve de correr para o banheiro, onde ficou por mais de meia hora, suando frio, e se desonerando. Depois disso, se sentiu muito melhor e desistiu de ir ao pronto socorro. No dia seguinte acordou praticamente bom, e pensou em desmarcar a consulta; mas depois ele pensou: "Eu marquei, eu vou".

O Barbosa chegou pontualmente ao consultório, se apresentou à enfermeira, depois se sentou. Fazia muito calor, a sala era abafada, as cadeiras eram simples, de madeira. O medico se atrasou mais de uma hora, e o Barbosa se aborreceu. Quando o medico chegou, o Barbosa resolveu lhe dar um susto: deu-lhe voz de prisão e o conduziu à delegacia, onde lavrou um Boletim de Ocorrência (fictício) em que o acusava de *tentativa de lesões corporais culposas contra as nádegas de uma autoridade*. E justificou: "Naquele calor, mais de uma hora sentado numa cadeira dura, não há rabo que agüente!".

*

* *

O Barbosa dormia pouco; não mais de cinco a seis horas por noite. Assim ele sempre chegava cedo na delegacia, muitas vezes bem antes da troca do plantão. Foi o que aconteceu naquele dia. O prédio da delegacia tinha sido construído há pouco tempo, especialmente para servir como distrito policial, ao contrario das delegacias até então existentes, que eram simplesmente casas adaptadas. O Barbosa entrou, passou pelo corredor que o conduziu à sala do delegado de plantão. Esta era quadrangular, relativamente grande, e dividida em duas partes por uma balaustrada de madeira, com uma portinhola. De um lado existiam cadeiras onde se sentavam as pessoas que esperavam para serem atendidas. Do outro lado ficava, sobre um estrado, a escrivaninha do delegado de plantão. À direita da escrivaninha havia uma porta que dava para a sala do escrivão, e à esquerda um portal, sem porta, que dava para a saleta do telex. Quando o Barbosa penetrou na sala, estavam em torno da escrivaninha, conversando, o delegado de plantão, o escrivão e o operador de telex. O Barbosa abriu a portinhola, passou para o outro lado da balaustrada, e após cumprimentar efusivamente os três, se juntou à conversa. Logo depois o carcereiro entrou na sala, deu bom-dia para o doutor Barbosa, e falou dirigindo-se ao delegado de plantão: "Doutor, o *bebum* que nós recolhemos ontem já acordou e está de pé". "Ele está calmo?" "Está sim, doutor". "Então solta".

O carcereiro se retirou, e pouco depois o bêbado apareceu na sala, a caminho da rua. Mas parou e falou, muito humilde: "Alguns dos senhores poderia me favorecer com dois cruzeiros, pois estou a nenhum, e preciso do dinheiro para pegar condução para ir para casa". O Barbosa se indignou: "Cala a boca, seu mentiroso. Que condução que nada! O que tu queres é dinheiro para comprar cachaça!". O bêbado retrucou: "Mas doutor, eu juro..." O Barbosa o interrompeu: "Não jura em falso, seu safado! Seja honesto! Fala a verdade e eu mesmo te dou os dois cruzeiros". O bêbado fez uma cara compungida e falou: "Ah doutor! O senhor tem toda a razão! Mas o senhor não imagina a agonia que eu sinto quando acordo e não posso tomar uma talagada...!" "Tá! Tá!" Interrompeu o Barbosa, "eu vou te dar o dinheiro. Mas tem uma coisa, tu saís pela porta da delegacia, sobes a rua até à avenida, entras à esquerda e andas dez quarteirões; no décimo primeiro, já estás fora da jurisdição do 13º. Se te pego de novo dando *alteração* dentro do meu distrito, vais mofar no xadrez!".

O Barbosa abriu a portinhola, passou para o outro lado da balaustrada, tirou dinheiro do bolso, selecionou dois cruzeiros, e entregando-os ao bêbado falou: "Toma, e agora dá o fora!". O bêbado saiu, e, ante os olhares sarcásticos dos circunstantes, o Barbosa deu de ombros e falou, meio constrangido: "É isso aí... Eu prometi, eu cumpri".

*
* *

O Barbosa andava preocupado. Tinha ocorrido um assassinato na área de sua jurisdição, e depois de 3 meses de investigações, não havia sido encontrada nem a mais tênue das pistas. Toda a manhã o Barbosa reunia na sua sala os

investigadores que vinham relatar o resultado das diligencias feitas no dia anterior. Naquela manhã os investigadores relataram todas as diligencias efetuadas, todas infrutíferas, e saíram. No dia anterior o próprio Barbosa tinha ouvido varias pessoas que tinham sido intimadas a depor, também sem nenhum resultado. De mau humor, o Barbosa, sentado na cadeira atrás de sua escrivaninha, se sentiu frustrado. Algum tempo depois, o *prontidão* passou pela porta da sua sala, que o Barbosa mantinha sempre aberta, e falou: "Doutor, está aí uma senhora que quer lhe falar". "Mande entrar". O *prontidão* conduziu a senhora até a sala, e o Barbosa, cavalheiro, se levantou e pediu a ela que, por favor, se sentasse. Era uma mulher italiana de meia idade, de uma das poucas famílias italianas que moravam na área do 13º. Depois que ela se sentou, o Barbosa retornou à sua cadeira, e perguntou: "Em que posso servi-la, minha senhora?". A italiana respondeu, com forte sotaque: "Ah sinhore dotore delegato! Ché u Giovanni qui non me lachia in pache! Tuda a note in cima de me! Tuda a note in cima de me!". "E o que a senhora quer que eu faça?". "U sinhore dotore fala com u Giovanni. U sinhore dotore ché una otoritate, u Giovanni tem que le iscutá". O Barbosa se indignou. Levantou-se, colocou os punhos cerrados na cintura, os braços na posição das asas de um açucareiro, e falou: "Ora minha senhora! A senhora me respeite! Eu sou um delegado de policia, não um fiscal de f#Φ*s".

*
* *

O Eriberto era um ladrão especializado em roubos a residências, e que morava num bairro dentro da jurisdição do 13º. Foi um ladrão bem sucedido até que resolveu operar no seu bairro. Começaram a ser registradas inúmeras queixas de famílias que saiam fora da cidade para passar o fim de semana, e, quando voltavam, encontravam as suas casas saqueadas. O Barbosa não gostou. Começou a levantar cuidadosamente as impressões digitais encontradas nas cenas dos crimes e a fotografá-las. As que não pertenciam aos moradores da casa eram separadas, e no verso eram descritos os locais em que foram encontradas, e as datas. O Barbosa assinava e fazia o fotografo da policia assinar, bem como dois policiais. Enquanto isso os investigadores do 13º faziam inúmeras diligencias, e até o Barbosa delas tomava parte. Finalmente, numa loja que vendia coisas usadas, foram localizados objetos roubados, reconhecidos pelos donos, e o proprietário da loja foi preso. Por aí se puxou o fio da meada, e para encurtar a estória, o Eriberto foi preso e recolhido à carceragem do 13º. O Eriberto estava frito! Suas impressões digitais conferiam com as que constavam nas fotos guardadas numa pasta pelo Barbosa. Isso alem das outras provas contra ele existentes. Uns dias após a prisão do Eriberto, a mulher dele, Florisvalda, apareceu na delegacia chorando, e falou para o marido que o filho mais novo tinha passado mal, e o medico tinha falado que o menino tinha a *doença azul*. O Eriberto não tinha a menor idéia do que seria essa doença, mas a mulher esclareceu que o medico acrescentara que se o menino não fosse operado iria morrer. O Eriberto ficou desesperado. O Barbosa soube e ficou com pena. Moveu céus e terra, usou a influencia de seus parentes, e acabou conseguindo

que o menino *furasse a fila* para ser internado e operado num hospital especializado em cirurgia cardiovascular. Quando o menino teve *alta*, a Florisvalda apareceu com ele na delegacia para visitar o pai. O Eriberto chorou, e, depois que a mulher foi embora pediu para falar com o doutor Barbosa. Quando viu o Barbosa, ele falou: "Olha, doutor. O senhor me prendeu, mas também salvou a vida do meu filho. Isso não há nada que pague. Eu nunca vou esquecer". Quando o Eriberto foi julgado e condenado, foi transferido para a penitenciária. De lá, algum tempo depois, ele fugiu junto com outros detentos. Na suposição de que ele tentaria ver a mulher e os filhos, a policia montou uma *campana* perto da casa dele, com dois policiais. Três dias depois, no inicio da noite, um dos policiais resolveu ir até um bar próximo comprar sanduíches. Nesse ínterim, o Eriberto apareceu e o policial, que estava perto da casa dele, ficou com medo de enfrentá-lo sozinho. O Eriberto passou pelo jardim da casa, chegou à porta da sala, tocou a campainha, e logo sua mulher abriu a porta e ele entrou. O policial correu para o carro, que estava próximo, e pelo radio pediu reforço. Logo varias viaturas chegaram e os policiais cercaram a casa. Da delegacia, o delegado de plantão telefonou para o Barbosa, informando o ocorrido. O Barbosa falou que, logo que possível compareceria ao local, mas que iria demorar de uma hora a uma hora e meia. E pediu que ninguém fizesse nada enquanto ele não chegasse. O recado do Barbosa foi transmitido pelo radio e levado ao major Firmino, que justo naquele instante tinha chegado e assumira o comando da operação. O muro em volta do jardim da casa tinha um pequeno portão de grade de ferro. Um policial, protegido pelo muro, chegou perto do portão e gritou que a casa estava cercada, e que o Eriberto deveria sair de mãos para cima. Através de um postigo existente na porta da sala o Eriberto gritou que se alguém tentasse entrar à força mataria a mulher e as crianças e se mataria. Um policial sugeriu ao major que, estando o Eriberto gritando através do postigo, estaria atrás da porta, e bem no meio. Logo, se atirassem na porta que é de madeira... O major o interrompeu, severo: "Ninguém aqui vai dar tiro ou fazer qualquer outro tipo de besteira. Há uma mulher e duas crianças na casa. O melhor a fazer é esperar a chegada do doutor Barbosa. Nós temos tempo, e o tempo joga a nosso favor". Depois disso, os minutos começaram a passar lentos. Os policiais conversavam em voz baixa, e a casa permanecia silenciosa. Passou bem mais que uma hora antes que o Barbosa aparecesse com uma garrafa na mão. Ele cumprimentou o major e outros circunstantes, e falou que ia tentar parlamentar com o Eriberto. Dirigiu-se ao pequeno portão de ferro e, quando colocou a mão no trinco para abri-lo, o Eriberto gritou pelo postigo: "Doutor Barbosa não abra o portão que eu lhe mato! Eu estou desesperado, estou com um *trezoião*, eu respeito muito o senhor, mas se o senhor puser um pé no meu jardim eu lhe queimo". O Barbosa retirou a mão do trinco, depositou a garrafa no chão, tirou o paletó e o colocou por cima do portão; depois pegou novamente a garrafa, levantou as duas mãos acima da cabeça, e deu uma volta lenta sobre si mesmo, e gritou em direção ao postigo: "Olha aí, Eriberto, eu estou desarmado. Todo mundo que me conhece sabe que eu nunca uso arma. Eu só quero conversar com você, trouxe uma garrafa de cachaça da boa para tomarmos uma à nossa saúde. Você é um cara legal, não vai atirar num homem desarmado, o que seria uma covardia". Depois, o Barbosa abriu o portão, caminhou pelo cimentado até à porta, e experimentou a

maçaneta. A porta estava trancada. Ele falou através do postigo: "Eriberto, abre aí. Eu só quero conversar com você, e tomar uma à nossa saúde. Não vais me fazer a desfeita de não querer beber comigo, que eu não mereço. Vamos conversar; se, depois da conversa, quiseres sair comigo, saímos abraçados, eu te protejo. Caso contrário, tu me pedes para eu sair e eu obedeço, afinal tu és o dono da casa". Depois de uma pequena pausa, a chave virou na fechadura, a porta se abriu, o Barbosa entrou e fechou a porta atrás de si.

Iniciou-se uma longa espera. Os policiais apuravam o ouvido para ver se conseguiam escutar o que se passava no interior da casa, mas a única coisa que ouviam era o barulho dos ônibus na avenida próxima.

Mais de uma hora passou, e os policiais ficaram inquietos. Um investigador do 13º foi falar com o major Firmino: "Major, faz um tempão que o doutor Barbosa entrou, e nada. E se o Eriberto o matou?". "Você ouviu algum tiro?". "Não, tiro não. Mas se ele o matou com uma faca?". "Ora, não seja pessimista, homem. E deixe de bobagens. Todo o mundo sabe que o doutor Barbosa tem muita paciência, ele deve estar lá, ainda convencendo o Eriberto a se entregar".

Passaram cerca de mais quarenta minutos, e a porta da casa de abriu parcialmente. Houve um momento de tensão entre os policiais do lado de fora. A escolada mulher do Eriberto, protegida atrás da parede da casa, gritou pela fresta: "Ei, vocês aí! Não atirem. Eu vou sair com as crianças". A porta se abriu completamente, e a Florisvalda, levando as crianças à sua frente, saiu. Quando passaram pelo portão, três policiais correram, pegaram as três e as arrastaram para trás de uma das viaturas. A mulher tentava se libertar do policial que a forçava a se manter agachada, falando: "Me deixe. Não tem mais perigo". Um investigador do 13º correu agachado para trás da viatura e perguntou, ansioso, para a mulher: "E o doutor Barbosa?" Ela riu e falou: "O doutor Barbosa? Está lá na sala com o Eriberto, os dois dormindo como dois anjinhos".

É que a cachaça tinha sido turbinada com um sedativo que potencializava a ação do álcool, e vice e versa.

*
* *
*

Num fim de semana, o Barbosa, convidado por um amigo, foi a um churrasco num clube de campo que ficava a uns trinta quilômetros da delegacia. Lá conheceu um dos diretores do clube, e logo se enturmaram. Este o apresentou a outros diretores e ao presidente do clube. Lá pelas tantas ele perguntou se não haveria possibilidade deles alugarem o clube numa sexta feira à noite. E explicou: "Tenho um amigo que faz aniversário, pessoa de uma das melhores famílias da cidade, gente finíssima. A família está procurando um lugar para fazer uma festa em sua homenagem, eu já visitei o clube, gostei muito, é um belo clube; acho que seria o ideal". O presidente do clube falou: "Mas seria um prazer, doutor Barbosa. Olhe, nós nem vamos cobrar propriamente um aluguel. Só o suficiente para cobrir as despesas com horas extras de nosso pessoal, inclusive a limpeza e arrumação no dia seguinte à festa". O Barbosa ficou contente, e anotou o

telefone de um dos diretores, afim de oportunamente combinarem a data da festa. Quando voltou para a cidade começou a contatar os amigos que ele achava que gostariam de participar de uma festa numa sexta-feira à noite. Conseguiu a adesão incondicional de 15 deles à idéia, e marcou uma reunião. Na reunião o Barbosa propôs que ele pagaria o aluguel do clube e se encarregaria de convidar 16 moças; o restante do grupo deveria providenciar os músicos e os comes e bebes. Todos concordaram, e foi marcada uma data. Aí o Barbosa ficou muito serio e falou: "Agora vejam lá o que vocês vão fazer. As meninas que eu vou convidar são moças de família, tudo gente fina. Vocês têm que se comportar". Todos os presentes ficaram muito animados com a informação, e todos prometeram se comportar. E o Barbosa encerrou a reunião.

Ora, dentro da jurisdição do 13º existia uma praça muito movimentada, pois era terminal de varias linhas de ônibus e uma de bonde, e onde, à noite, inúmeras *mariposas* praticavam o assim chamado *trottoir*. Havia uma orientação vinda da chefia da Policia para que periodicamente, em datas incertas, fossem recolhidas ao xadrez, por uma noite, todas as *mariposas* encontradas na praça e nas suas imediações. Essa ordem tinha sido dada na suposição de que essa prática desestimularia o *trottoir*.

O Barbosa tinha dado ordem para que, na noite aprazada para a festa, fosse realizada uma operação policial desse tipo. Eram quase nove horas da noite quando o sargento encarregado da operação entrou na sala do Barbosa e falou: "Desculpe, doutor Barbosa, mas, até agora, nós só conseguimos treze. Vai ser difícil arrumar as outras três, pois as que sobraram devem estar todas escabreadas. Só se nós dermos *batidas* nas casas".

"Não é preciso, treze é um número muito bom. É o mesmo numero do distrito, e isso vai dar sorte".

E o Barbosa desceu para a carceragem. Quando ele entrou, do xadrez levantou-se um coro de lamentações e reclamações, e ele berrou: "Calem a boca, suas pΨ#Os! Ou eu entro aí e encho vocês de porrada!". O burburinho diminuiu e ele continuou: "Vocês hoje vão ter um programa diferente, em vez de passarem a noite no xadrez, nós vamos levá-las a uma festa num clube, com musica, muita comida e bebida, tudo do bom e do melhor. Vocês vão se divertir, vocês vão gostar". A maioria pareceu se conformar, mas houve uma que protestou dizendo que não queria ir. O Barbosa bradou: "Cala a boca você também! E vocês todas, prestem atenção. O clube é longe e não existe condução, nem ônibus nem nada. Quem não se comportar nós não vamos trazer de volta. E chega de conversa". E, virando-se para os policiais: "Está ficando tarde, embarquem o gado e vamos embora".

A festa foi um sucesso. Até as *meninas* gostaram muito. Comeram e beberam, dançaram, se divertiram, e todas até conseguiram faturar *algum* durante a festa.

Mas, como dizia Ibrahim Sued, *em sociedade tudo se sabe*. Assim, nos dias subseqüentes, foram chegando ao conhecimento dos diretores do clube todos os detalhes da festa em que se comemorou um aniversário de um membro daquela família *finíssima*. Eles ficaram indignados, se reuniram e, depois de muito discutir, resolveram nomear uma comissão de 3 membros para ir se queixar do Barbosa ao corregedor. Marcaram audiência, e foram recebidos. Um dos três,

como porta-voz do grupo, começou a contar o acontecido, desde o início, com riqueza de detalhes. O corregedor ouvia com visível e crescente impaciência, até que bradou: "O quê? Vocês alugaram um clube para o Barbosa? Mas vocês são é doidos! Fizeram a besteira de alugar um clube para o Barbosa, e agora vêm aqui para encher o meu saco! Ponham-se daqui para fora, antes que eu perca a paciência e mande prendê-los!".

E terminou assim, de forma melancólica para os diretores de um clube, esta estória do delegado Barbosa...

*
* *
*

O Barbosa era muito amigo do José, que recentemente tinha se separado da mulher e estava vivendo sozinho num pequeno apartamento de quarto, sala, cozinha e banheiro, num prédio situado dentro da jurisdição do 13º. A ex-mulher do José era de uma família da cidade, mas este era de fora, todos os seus parentes viviam muito distantes. Naquele dia o Zé fazia aniversário, e o Barbosa pensou que ele se sentiria muito só, e resolveu lhe fazer uma visita antes de ir para casa. Comprou uma garrafa de *vermouth* importado da Itália, *punto e mezzo*, e foi. Logo chegou no prédio em que o Zé morava, e estacionou o carro. O prédio era novo e possuía três pisos: o primeiro era de lojas de comércio, o segundo era de salas de escritório, e o terceiro de pequenos apartamentos residenciais. O Barbosa subiu dois lances de escada e logo chegou na porta do apartamento do Zé. Tocou a campainha, Zé abriu a porta e foi efusivamente cumprimentado pelo Barbosa. Foram na cozinha buscar gelo, e, em copos altos, prepararam a bebida. O Barbosa tinha chegado disposto a animar o Zé, mas ele mesmo se animou. Enquanto o Zé tomou uma dose de *vermouth*, o Barbosa bebeu três, e muito generosas. Estavam conversando quando o Barbosa reparou num coco que estava sobre um aparador. O Zé falou que um amigo lhe dera o coco, já maduro, e que ele fizera um furo e deixara escorrer a água nele contida. Depois, usando uma seringa de injeção, tinha enchido o interior do coco com uma cachaça de muito boa qualidade. Fechara o buraco com cera, e deixara o coco em repouso. Tinham se passado uns quatro ou cinco meses, ele estava esperando passar um ano para tomar a cachaça, que nessas alturas já estaria bem curtida e uma verdadeira delícia. O Barbosa falou: "Ninguém vai esperar mais nada, vamos é beber já". O Zé deu de ombros, e o Barbosa retirou a cera e, pegando uma jarra de vidro, sobre ela inverteu o coco. Escorreu para dentro da jarra uma quantidade relativamente pequena de líquido. O Barbosa estranhou ser tão pequena a quantidade, e o Zé falou que, provavelmente, uma parte tinha evaporado. Aí, cada um bebeu uma dose, falando simultaneamente *saúde*. O Barbosa ficou maravilhado, e falou que aquela tinha sido a mais gostosa cachaça que já tinha bebido em sua vida; e tomou mais três doses, e a bebida acabou. Depois de fazer novamente grandes elogios à cachaça, o Barbosa falou que ia comer a parte edível do coco. O Zé ponderou que a polpa do coco devia estar impregnada de álcool, e o amigo já tinha bebido *vermouth* e cachaça, três doses de um e quatro de outra. Mas o Barbosa, quando lhe entrava uma idéia na

cabeça, ninguém conseguia tira-la. Foi na pequena área de serviço do apartamento e achou a caixa de ferramentas do Zé. Pegou um martelo, quebrou o coco, e passou a comer a polpa falando: "Mas que delícia!" Ofereceu um pedaço ao Zé, que balançou a cabeça negativamente, e aí falou: "Você não sabe o que está perdendo". Comida a polpa do coco, voltaram para a sala, o Barbosa sentou no sofá e o Zé numa cadeira, e começaram a conversar. O Barbosa estava animado, começou a contar anedotas, e também casos como o do dia em que, no clube de campo *Das Margaridas*, deu uma surra no seu compadre Ivanir no jogo de *bocha*. O tempo passou, e a voz do Barbosa foi ficando pastosa, até que ele falou: "Me desculpe, Zé, mas eu estou com um pouco de tontura, não é nada, eu só vou deitar um pouquinho, logo levanto e vou para casa". E desabou no sofá, e em pouco tempo estava dormindo. O Zé coçou a cabeça, olhando para o amigo deitado no sofá. O Barbosa não chegava a ser obeso. Mas era grande, ombros largos, musculoso, devia pesar uns 80 quilos. O Zé era magro, e achou que não teria condições de carregar o Barbosa por dois lances de escada até à rua. Não tinha telefone, nenhum dos apartamentos tinha. O prédio era de construção muito recente, e naquele tempo era quase impossível conseguir um telefone novo, e um pedido de transferência durava meses, ou até anos para ser atendido. Talvez num dos escritórios ou em uma das lojas, mas, naquela hora, todos estavam fechados. O Zé levantou as pernas do amigo e ajeitou-as sobre o sofá e foi para o seu quarto, dormir.

No dia seguinte, o Zé acordou cedo, levantou-se e foi para a cozinha. Preparou um café bem forte, depois acordou o amigo, oferecendo o café numa caneca. O Barbosa sentou-se no sofá, gemendo, e depois tomou o café. Pouco depois se sentiu melhor, o Zé o ajudou a levantar-se, e depois a descer as escadas, e finalmente entrar em seu automóvel. O Zé foi, a pé, para a empresa onde trabalhava, que era perto. E o Barbosa foi para a delegacia. Lá chegando telefonou para a sua casa, e a sua mulher atendeu, aos prantos, perguntando nervosa sobre o que tinha acontecido e onde ele estava. O Barbosa informou que estava na delegacia, e contou a estória do coco. A mulher falou: "Amor, eu estou muito nervosa, vem para casa já, pelo amor de Deus! Estão todos aqui, meus pais, os teus filhos... Vem depressa!". O Barbosa novamente entrou no carro e foi para casa. Lá chegando viu que não havia ninguém, só um bilhete na mesa da sala: "*Fui para a casa da mamãe. Ana*". O Barbosa ficou confuso, mas pegou novamente o carro e foi para a casa do sogro. Tocou a campainha, o próprio sogro lhe abriu a porta, ele entrou e perguntou: "Cadê a Ana e os meus filhos?" "A Ana está lá em cima com a mãe dela, e os teus filhos foram para o colégio, vão chegar atrasados. Todo o mundo está sabendo da tua cachorrada. A Ana quase engoliu a tua implausível estória do coco, mas eu logo lhe abri os olhos". Aí o Barbosa pensou: "Então foste tu, Judas". E falou: "Eu estou inocente Alfredo, vou te procurar na tua empresa. Vais para lá agora?". "Depois do almoço". "Nos vemos depois do almoço". O Barbosa saiu e foi direto para a casa de uma bailarina, sua amiga, e lhe devedora de muitos favores. O Barbosa parou o carro em frente ao prédio em que a moça morava, saltou, entrou no prédio e no elevador, e foi tocar a campainha da sua *quitinete*. Depois de algum tempo a porta se abriu e a moça, vestindo um roupão, o convidou para entrar. Os dois se beijaram no rosto, como bons amigos, e ela pediu para ele se sentar enquanto

preparava um café. Tomando o café, o Barbosa contou a estória do coco e do seu problema com a sua mulher. A moça riu, e o Barbosa falou: "Olha, Virginia, o caso é sério, não é para se dar risada. Você vai precisar me ajudar amansando o meu sogro, pois foi ele que virou a cabeça da minha mulher".

"Barbosa, existe uma cachaça chamada *Amansa Sogra*, para sogra deve ser muito bom, mas para sogro...".

"Não brinca Virginia, você sabe a que eu estou me referindo. Vai ter que ser de dia, porque à noite você trabalha no cabaré e o Alfredo tem que dormir com a jararaca da minha sogra. Provavelmente amanhã, a partir das onze horas, mais ou menos".

"Certo Barbosa, você sabe que pode contar comigo. Desculpe as brincadeiras, mas não consegui deixar de achar graça na estória toda. Estou pronta para te ajudar mesmo que o teu sogro seja um velho por demais escamoso".

"Não, Virginia, ele não é. Eu sei que você já encarou bem piores. E, por favor, me empresta uma das tuas fotografias".

A moça abriu uma gaveta, e retirou uma foto grande em que ela aparecia numa pose *artística*, e a entregou ao Barbosa. Depois os dois se despediram, o Barbosa deu uma passada na delegacia, e, finalmente, foi almoçar num restaurante. Depois do almoço, foi para a empresa do sogro. Como era conhecido, foi entrando, cumprimentando os funcionários, até que chegou ao escritório do Alfredo. A porta estava aberta, o Barbosa entrou e viu o sogro refestelado numa poltrona, lendo o jornal. O Alfredo levantou-se, os dois se cumprimentaram, e enquanto o sogro se sentou na cadeira atrás de sua escrivaninha, o Barbosa fechou a porta. Depois colocou a foto sobre a mesa. O Alfredo olhou a fotografia, arregalou os olhos e falou: "*Caramba, que mulherão!*" E o Barbosa falou: "Olha, Alfredo, vou te contar toda a verdade, e não me interrompa, que o que eu vou dizer é do teu interesse. Essa mulher vivia dando em cima de mim, e me prometendo que se eu dormisse com ela uma noite, depois faria qualquer coisa que eu lhe pedisse. Depois que saí hoje de tua casa, fui lá e cobreí, pedi que ela passasse algumas horas contigo num motel". (Os olhos do Alfredo brilharam de concupiscência). "Ela concordou, mas tem uma coisa: tu tiras já, já, esse rabo dessa cadeira, vais para tua casa e dizes para tua filha que, embora a estória que eu contei pareça inverossímil, tu te consideras uma pessoa justa, e resolveste me dar uma oportunidade. Assim, procuraste o meu amigo Zé, que não só confirmou a estória do coco, como ainda te levou na casa dele onde te mostrou as cascas do coco cheirando a cachaça, que estavam no lixo que ele ainda não tinha jogado fora. Pões a tua filha na minha casa ainda hoje, e eu amanhã ponho esta lindíssima mulher junto contigo num quarto de motel. E olha, ela é muito mais *charmosa* do que parece na fotografia".

O Alfredo olhou mais uma vez a foto, depois se levantou, decidido, e falou: "Deixa comigo!".

O Barbosa voltou à delegacia e, no fim da tarde foi para casa, lá encontrando a mulher e os filhos. Beijou a todos quando chegou, mas sentiu como se uma crosta de gelo estivesse interposta entre ele e a sua família. A mulher tirou o jantar. No fim da refeição, o filho subiu para o seu quarto para estudar, a filha foi para a sala assistir televisão e a mulher foi para a cozinha lavar a louça. O Barbosa subiu para o seu banheiro, e depois de escovar cuidadosamente os

dentes e a língua, colocou na boca uma pastilha de menta. Quando esta derreteu completamente, dirigiu-se para a cozinha onde entrou silencioso como um gato. Agarrou repentinamente a mulher, deu-lhe um *amasso*, beijou-a na boca, e ainda sussurrou no seu ouvido: "Ana, quando terminares aqui, vamos subir para o nosso quarto... vamos dormir... juntos...". A Ana estremeceu dentro dos braços do Barbosa, e ficou toda arrepiada. E este sentiu, feliz, que a sua relação com a mulher tinha voltado ao normal.

No dia seguinte o Barbosa ficou na delegacia até perto das dez horas. Saiu de sua sala e, de passagem falou para o escrivão: "Vou sair para uma diligencia, só volto depois do almoço".

"O senhor vai precisar da viatura?" "Não. Eu vou com o meu carro. Até logo!" "Até logo!".

O Barbosa entrou no seu carro, dirigiu-se para a quitinete da Virginia, pegou a moça e se encaminhou para um motel. Lá chegando, parou o carro no estacionamento externo, ao lado do automóvel do Alfredo, que já os estava esperando. Apresentou a moça ao Alfredo, ela se sentou no banco do passageiro do carro dele. O Barbosa pediu ao Alfredo que esperasse enquanto ele ia na portaria do motel pegar a chave do chalé. Logo depois voltou, trazendo na mão uma chave na qual, pendurada por uma corrente de bolinhas, estava uma placa com o numero sete. O Barbosa entregou a chave e falou: "Olha, Alfredo, já acertei tudo na portaria. Quando saíres, é só avisar a portaria pelo interfone e deixar a chave na porta. Mas, se quiserdes, poderás dar uma gorjeta ao pessoal que te servir. Para almoço ou qualquer outra coisa, é só interfonar. Segue a alameda que contorna, pela direita, o motel. O teu chalé é o sétimo, tem um numero grande na entrada da garagem. Entra com o teu carro, depois abre o chalé e fica à vontade. Divirtam-se!".

Enquanto o Alfredo entrava no seu carro, o Barbosa abriu a porta do seu e ficou, de pé, entre a porta e o banco. Ficou olhando o carro do sogro se afastar, até que sumiu. Enquanto isso pensava: "Velho safado e sem vergonha. Hipócrita. Fariseu. Deixa estar, Judas, que se me aprontares outra eu conto tudo para a tua mulher". Depois deu uma leve pancada com a palma da mão no topo da porta do carro, e murmurou, consigo próprio: "Eu prometi, eu cumpri".

Entrou no carro, bateu a porta, deu a partida e foi-se embora.

*
* *
*

Foi-se embora também destes escritos, pois a estória acima é a sexta, e assim completamos a meia dúzia prometida, e eu não pretendo gastar mais tinta com este nosso herói. Apesar de nosso personagem ser um policial, não houve tiros, sangue escorrendo sobre o asfalto, correrias, assassinatos, explosões, capotamentos e outros tipos de ocorrências violentas. Eu pessoalmente acho que a *mídia* apropriada para isso é a televisão, que as mostra nuas e cruas, bem ao gosto de quem aprecia tal tipo de coisas. Para aqueles que tiveram a paciência de ler todas as estórias, pode lhes ocorrer que eu fui omissos, e deixei de contar tudo o que deveria. Eu peço desculpas pelas falhas do meu fraco engenho, mas digo que também foi uma homenagem à inteligência e à imaginação dos leitores, ou

leitoras. Por exemplo: algum ilustre leitor pode pensar que faltou explicar que favor, ou favores, prestou o Barbosa à Virginia; o leitor pode imaginar que ele a livrou de um cafetão cafajeste que, além de a espancar, a estuprava e a explorava; e a partir daí até desenrolar a sétima estória. E a gentil leitora que ficou frustrada com o fato do Alfredo ter se saído tão bem da cachorrada que fez com o genro, pode imaginar que ele sofreu um violento infarto na cama redonda do quarto espelhado do motel. Imagine o escândalo! E a pobre da Ana achando que o seu papai não tinha a menor moral para tentar separa-la do seu marido, o homem que ela amava tanto... E é isso aí, queridos leitores e leitoras, sirvam-se...

UMA MULHER BEM CASADA

Verônica estava sentada num banquinho, na cozinha, e com um ar desanimado. Estava com um vestido velho e sandálias tipo *havaiana*. O vestido devia ter sido bonito, pelo menos alegre, pois era em tecido estampado e multicolorido. Mas, pelas sucessivas lavagens, estava desbotado, as cores escorridas como as de uma aquarela que tivesse apanhado chuva. Contrastando com a roupa caseira, ela estava com o cabelo bem penteado e as unhas feitas. Tinha uma pele clara e lisa, olhos azuis e cabelos louros; de estatura media, era gordinha, mas, apesar disso, tinha o corpo relativamente bem proporcionado. Aparentava entre quarenta e cinquenta anos de idade.

A campainha tocou e Verônica levantou-se, passou para a sala, dirigiu-se ao canto da janela, afastou um pouco a cortina e olhou para fora. Do outro lado da grade do portão de ferro ela viu a Marta segurando um pacote embrulhado para presente e pensou: - "Ah! A Marta! Sempre amiga!".

Naquele rápido olhar através da janela Verônica pode notar que a Marta estava, como sempre, muito elegante; usava um *tailleur* azul muito *chic*, uma *écharpe* branca e um lindo broche que a Verônica lembrou ser de safiras montadas em ouro branco, finamente trabalhado.

Verônica, enquanto caminhava pela sala em direção à porta da frente, pensou que certamente a Marta estaria usando o resto do seu jogo de safiras: brincos, pulseira e colar acompanhando o broche; e também meias sem nenhum fio corrido, e finos sapatos de pelica comprados em uma sapataria cara. Abriu e passou pela porta da sala, caminhou pelo piso de lajotas e abriu o portão de ferro. As duas amigas se abraçaram e se beijaram, e Verônica pode sentir o aroma do perfume que a Marta estava usando, e pensou: - "*Fleur de Rocaille*, e legítimo".

Marta falou: - "Feliz aniversário!".

Verônica agradeceu e perguntou: - "Não queres por o teu carro na garagem?".

Marta respondeu: - "Ora, não é preciso, a rua tem pouco movimento, ele vai ficar bem aí como está, estacionado junto da calçada".

Aí a Verônica a fez passar à sua frente e entrar na sala; Marta, com sapatos de salto bem alto, se movimentava com um andar felino; ela era morena, esbelta e bonita, grandes olhos pretos, um ar de sensualidade que chamava a atenção dos homens, e, mais ou menos, a mesma idade da Verônica.

Depois que entraram na sala, a Marta entregou o presente; era um lindo jogo de toalha e guardanapos, e Verônica agradeceu efusivamente: - "Ai que lindo! Não precisava se incomodar! Muito obrigada, mas muito obrigada mesmo!".

Beijou de novo a amiga, depois as duas se sentaram no sofá.

Verônica se animou. Seus olhos que minutos antes estavam meio parados, agora se movimentavam mais, ficaram mais brilhantes, piscando com

maior freqüência, o rosto tomou um pouco mais de cor. E ela falou: - "Marta, que grande alegria você me deu!. Alegria por te ver, alegria por você se lembrar de mim de uma forma tão gentil. Como vai o Paulo? E as meninas? E o Paulinho? Ele deve estar muito animado agora que passou no vestibular, não?".

- "Todos vão bem, com a Graça de Deus. E vocês?"

- "Ah Marta! Fico contente por você, por ir tudo bem com o teu marido e os teus filhos. Peço a Deus que conserve. Agora nós, Marta, você sabe, no maior sufoco. Ainda que Deus é misericordioso, pois estamos todos com saúde. Depois que o Augusto se foi tudo está tão difícil. A pensão da Previdência é uma miséria, nosso padrão de vida foi p'ra cucuia. Eu vendi o carro do meu marido, vendi o telefone, mandei a minha empregada embora, estava comigo há anos, veja você. Reduzi as despesas a um mínimo. Tive de tirar o caçula e as duas meninas do colégio particular, e ainda tive sorte de conseguir colocar todos no ginásio do Estado. Mas o Junior teve que abandonar a faculdade, ele está trabalhando com o senhor Chico, o despachante que tem escritório aqui no bairro. Nós ainda devíamos 10 anos da prestação da casa, íamos quitar a casa lá para o ano de 1980, mas pelo menos ela está quitada; quitou pelo seguro do B N H quando o Augusto morreu. Se não fosse isso, teríamos que ir morar embaixo de uma ponte... Tantos problemas, Marta! E como o Augusto faz falta! Olha, eu até estou fundindo a cuca! Você sabe, a Priscila é que está me ajudando, me dando uma força, ela tem sido também uma boa amiga. Faço uma sessão por semana, e ela não me cobra nada. Às vezes eu tenho até inveja da Priscila, ela não casou, continuou os estudos, se formou em Psicologia, tem o seu consultório e uma boa clientela, não depende de ninguém. E não tem filhos com quem se preocupar. É, Marta, a Priscila teve sorte".

- "Não é bem assim, Verônica. Realmente a gente não sabe que problemas tem a Priscila. Ela venceu na vida, mas é uma mulher solitária. Acredito até que ela seja feliz assim, mas não acredito que nenhuma de nós duas o fosse nas condições dela. Decididamente, nenhuma de nós duas seria feliz na pele da Priscila. Depois você tem filhos maravilhosos, teve uma vida cheia de amor com o Augusto, acho que você não trocaria por nada as recordações que te deixou o teu marido".

Houve um silêncio na sala, depois a Marta sorriu, fez uma cara maliciosa e falou:

- "Olha, Verônica, você está bonita, quem sabe não aparece um viúvo solitário afim de você, casa de novo, resolves todos os teus problemas, os financeiros..." aí a Marta deu uma risadinha marota e completou: "e os outros".

- "Que nada, Marta. Quem é que se casaria comigo? Precisaria ser alguém de quem eu gostasse, e que também me desse amparo financeiro, enfim alguém que me ajudasse a encaminhar os meus filhos. Isso é difícil, Marta. Fácil seria eu arrumar um homem a quem eu ainda tivesse que sustentar. Deus me livre!"

-“Fácil não é, Verônica, mas também não é impossível. Veja a Neuzinha, por exemplo. Ela perdeu o marido, até antes de você. Nem casa ele deixou, moravam de aluguel. Com cinco filhos, todos ainda estudando, ela estaria frita se não tivesse arrumado aquele casamento. Você vê, ela casou com o Pedro, um velho educado, gentil, rico. Ele dá de um tudo para a Neuzinha e para os filhos dela. E eles são felizes, Verônica, você sabe. Os filhos da Neuzinha adoram o Pedro. E só vendo, menina, o chamego dos dois quando estão juntos! Realmente Verônica, a Neuzinha é hoje uma mulher bem casada, e muito bem casada”.

Houve um pequeno silêncio na sala, depois a Verônica falou. Mas sem muita convicção: - “É, a Neuzinha teve sorte”.

Houve outra pequena pausa, durante a qual a Verônica parecia hesitar em dizer alguma coisa; mas, afinal, falou: - “Olha Marta, me desculpe, mas eu não fiz nada para o meu aniversário. Você sabe... na nossa situação... Por isso não te convidei para que viesses aqui em casa. Aliás, não convidei ninguém, não vou fazer festa. Estava pretendendo só cortar um bolinho à noite, com os meus filhos”. Mas, se você não se importar, vamos passar para a cozinha, vamos fazer umas torradas, esquentar um leitinho e fazer um café. Assim, fazemos uma boquinha”.

- “Ora, Verônica, por favor, não se incomode por minha causa”. - “Que nada, menina, incomodo nenhum”. Aí a Verônica baixou a voz e, em tom malicioso, terminou: “Não posso mesmo me incomodar, não estou no meu período”.

As duas riram, e passaram para a cozinha. A Verônica abriu a geladeira, tirou o leite e o pote de margarina, colocou o leite para ferver numa leiteira de alumínio, pôs sobre a mesa queijo, pão fatiado, a margarina, uma torradeira e a louça necessária. Na hora de fazer o café, ambas decidiram que iriam preferir colocar café solúvel diretamente no leite. Depois que o leite esquentou, se sentaram e começaram a comer e a conversar sobre uma novela de televisão que as duas tinham estado assistindo na televisão, e que recentemente tinha terminado com um final do qual ambas não tinham gostado. A conversa foi morrendo e houve um silêncio na cozinha. Verônica estava pensativa, parou de comer, ficou com uma torrada na mão, os olhos parados. Um carro buzinou na rua, o som chegou na cozinha amortecido pela vegetação do jardim e pelas paredes da casa. Verônica abandonou o seu aparente devaneio e falou: - “Sabe, estava pensando nas nossas colegas de turma no *Sacré Cœur*. Eu, você, a Priscila, a Neuzinha, a Ana, a Beatriz, a Inês, enfim toda a turma. Todas nós ficamos muito amigas até hoje, embora só as que moram mais ou menos perto é que se visitam com mais frequência, como eu, você, a Neuzinha e a Priscila. As outras a gente vê mais raramente, e as que se mudaram de São Paulo a gente às vezes passa anos sem ver. De qualquer maneira sempre fomos, e continuamos muito amigas, todas da nossa turma. E não temos segredos umas com as outras. Estava pensando em te contar o que a Neuzinha me contou, acho que não tem mal nenhum, você é como eu, sabe guardar segredo. Olha, a Neuzinha, na última vez que esteve aqui em casa, me contou como foi o namoro e o casamento dela

com o Pedro. Menina, precisa ver o que ela me contou! Ela disse que depois que perdeu o marido, o Pedro se chegou com um papo macio. Falou que os filhos dele estavam casados, e que depois que ele ficou viúvo ficou muito sozinho. Mas não quis morar com filho ou filha, acha que é coisa que não dá certo. Falou para ela que, com muito respeito, gostava muito dela e que achava que se conhecessem melhor, quem sabe, saía um casamento, o que poderia ser uma coisa boa para os dois. Aí a convidou para irem juntos ao cinema. A Neuzinha pensou rápido que sua situação atual era negra, e róseas as suas possibilidades futuras se casasse com o Pedro. Topou. Foram ao cinema, o Pedro muito respeitador, muito cavalheiro, um papo muito agradável. Depois ele a levou para casa, na despedida deu só um beijinho... e na mão. Continuaram saindo, foram jantar juntos, foram nesses barzinhos intimistas onde tocam musica românticas, dançavam de rosto colado. Nas despedidas ele dava uns apertões... uns beijinhos... você sabe..."

A Marta ouvia tudo com uma expressão divertida, mas não falava nada. A Verônica continuou: "A Neuzinha começou a adorar o papo do Pedro, começou a gostar do Pedro, e quando ele falou de novo em casamento não hesitou, topou na hora. E isso apesar dele ter contado... Porquê, você sabe, ele foi honesto, antes do pedido de casamento ele contou". - "Contou o quê?" Perguntou a Marta, curiosa. - "Te segura, menina! Vais cair dura! Mas eu vou te contar como a Neuzinha me contou. Segundo ela, o Pedro não falou tudo, assim de cara. Ele fez um rodeio. Primeiro falou que, para as pessoas de mais idade, sexo não é tão importante como o amor, a companhia. Aí ele falou que tinha 74 anos de idade, mas não tinha perdido a capacidade de amar, de gostar do carinho de uma mulher". A Verônica fez uma pausa, pareceu ficar mais animada e exclamou: "Marta do céu! Nem te conto menina!". Depois continuou: "Depois ele falou pra ela que já há uns três anos era impotente". - "Pó!" falou de repente a Marta "a Neuzinha teve a coragem de te contar esse particular do marido dela?". - "Contou menina" - "Mas eu acho que não está certo, ela não deveria ter contado. Coisa intimas de um casal não se contam. Cadê o respeito pelo marido dela?"

- "Ora, ela me contou porque me conhece, sabe que nesses assuntos de segredo eu sou um tumulto". - "Mas, se fosse eu, não contaria" falou obstinadamente a Marta, e, com ironia, acrescentou: "Não contaria nem mesmo para você que é um tumulto". - "Ah! Menina! Você ainda não ouviu nada, deixa eu te contar o resto. Imagina ela me contou que é felicíssima com o Pedro, que ele é muito carinhoso com ela, que a abraça, a beija, cheio de chamegos..." Aí a Verônica deu uma risadinha nervosa e, cheia de malícia, continuou: "Até banho juntos eles tomam, sabe, um ensaboa o outro..." - "Como é que pode?" perguntou a Marta. - "Olha, Marta, eu falei sobre isso com a Priscila, ela me explicou que muitos homens depois de uma certa idade, perdem a capacidade mas não a vontade de fazer amor; ela até usou uma palavra que eu guardei: libido. É isso, eles perdem a capacidade, mas a libido permanece. E tem mais, menina! Sabe o que mais a Neuzinha me disse? Ela me disse que o finado

marido dela era até bem assanhadinho, mas não era nada carinhoso. E que no seu casamento anterior nem tudo era um mar de rosas. Nem sempre ela estava afim quando o finado queria. Aliás, na maioria das vezes ela não estava afim. O antigo marido dela chegava sempre cansado e mal humorado do trabalho, jantava, tomava uma cerveja assistindo um pouco de televisão, e ia dormir. De madrugada, quando ela estava dormindo no bem bom, o marido acordava e ela, na maioria das vezes, pensava com raiva: Lá vem ele!”. As duas riram, e a Verônica continuou: “Agora vou te contar uma coisa, você nem vai acreditar! A Neuzinha me disse que agora, às vezes fica fazendo comparações entre o Pedro e o finado. E acha que é muito mais feliz com o Pedro e, se tivesse que escolher entre os dois iria preferir o Pedro. Você pode acreditar numa coisa destas?”. A Marta pensou um pouco, depois falou: - “Olha, no caso da Neuzinha, eu até que posso acreditar” - “Marta, me diz uma coisa, mas me fala com toda a sinceridade. Se você fosse livre, você se casaria com um homem como o Pedro?”.

-“Eu?” exclamou a Marta “Mas Deus que me livre e guarde! E eu lá iria querer casar com um homem que não...” Marta não completou a frase. Ruborizou-se embaraçada. Mas não poderia ter sido mais explícita em sua resposta, mesmo que a tivesse completado.

E foi aí que a Verônica esqueceu as suas agruras, e deu uma gargalhada.

UMA EXPLICAÇÃO PARA O MISTÉRIO

O portão da entrada de carro estava, como sempre, aberto, e *Seu Henrique* entrou com um Fusca novinho, ano de 1980, e o estacionou sob o abrigo. Saiu do veículo e inclinou-se através da porta aberta para pegar a sua pasta de vendedor no banco dianteiro direito. Depois bateu a porta do carro e caminhou em direção à entrada da frente da sala de sua casa. Era um homem alto e encorpado, com perto de 60 anos de idade, a pele clara, os cabelos cortados curtos, ainda abundantes, mas já com muitos fios brancos. No rosto escanhado um grande bigode cuidadosamente aparado. Caminhava empertigado, e tinha aquele ar das pessoas que são prepotentes.

Do lado de dentro Dona Vivi esperava o marido, alertada que fora pelo ruído do carro, mas não abriu a porta: *Seu Henrique* fazia absoluta questão de abri-la com a sua própria chave sempre que chegava em casa.

Dona Vivi era uma senhora de pouco mais de 50 anos, um pouco gordinha, mas ainda bonita, era muito simpática e tinha uma aparência submissa.

Seu Henrique enfiou a chave na fechadura, abriu a porta e entrou. Dona Vivi, carinhosa, beijou o marido e lhe tirou a pasta da mão. *Seu Henrique* foi andando para os fundos da casa em direção ao seu escritório, o quarto onde redigia cartas e relatórios, e envelopava os pedidos que enviava para a sede da empresa para a qual trabalhava. Dona Vivi seguiu atrás, carregando a pasta, o marido entrou no escritório, sentou-se numa das cadeiras ali existentes, ela colocou a pasta sobre a escrivaninha e falou: "Querido você quer alguma coisa? Um suco de fruta?"

"Não quero nada não; eu vou ler o jornal" retrucou e marido; e perguntou: "O Marcelo já chegou?"

"Ainda não" respondeu Dona Vivi.

"Quando ele chegar, mande-o aqui, quero falar-lhe".

"Claro, amor, pode deixar".

Dona Vivi saiu, e *Seu Henrique* abriu a pasta, de onde tirou um jornal dobrado. Mas em vez de lê-lo, colocou-o sobre a escrivaninha e começou a pensar:

"Com que então o Marcelo está namorando a Albertina! Uma boa moça, se der certo eu vou fazer muito gosto no casamento. Todos os outros filhos casados, só falta o Marcelo. O outro filho homem muito bem casado. Das três filhas, duas também bem casadas. Só com a Tereza não tive sorte".

"Porca miséria!" Falou entredentes. Depois continuou pensando: "A Tereza casada com o Nassif, um homem de outra raça, um filho de libaneses católicos, mas que só ia à Igreja um ou outro domingo, e nem cuidava da educação religiosa dos filhos. Um homem que não se dava ao respeito, que levava coisas sérias na brincadeira. Eu naturalmente jamais consentiria nesse casamento, mas fui obrigado a concordar. Obrigado! Não quero nem lembrar do que aconteceu!".

"Maldito turco" Falou novamente entredentes, desta vez com muita raiva. E continuou pensando: "Alem do mais, um homem que é um banana, deixa a mulher lhe dar ordens e lhe responder. Ah! Se a Tereza tivesse a coragem de me

faltar ao respeito! Ela ia ver só! Ora se ia! Ela foi sempre muito rebelde, mas eu torci o pepino, ora se torci!”.

Seu Henrique aí lembrou de novo o desagradável incidente que culminou com o casamento às pressas da filha com o Nassif e teve outro violento impulso de raiva, mas depois deu de ombros e murmurou, falando com os seus botões: “Não quero nem lembrar, melhor ler o jornal”.

Pegou o jornal, passou os olhos na primeira página, lendo as manchetes, virou a folha e logo ficou absorvido nos editoriais da terceira página.

Quando o Marcelo chegou, a mãe o avisou que o pai estava no escritório e queria lhe falar.

Marcelo estava de paletó e gravata, era um rapaz alto e magro, queimado de sol, elegante e simpático, mas não bonito. Tinha um ar marcante de masculinidade, talvez devido às cicatrizes que a acne lhe deixara no rosto, ou às mãos e pulsos peludos que sobressaíam dos punhos da camisa branca.

Ele entrou no escritório, pediu a benção do pai, e sentou-se em uma cadeira. Seu pai entrou direto no assunto:

“Me falaram que você anda arrastando a aza paras a Albertina. É verdade?”

Marcelo sorriu e respondeu: “É pai, eu e a Tina estamos assim... num inicio de namoro”.

Olha filho, eu faço gosto nesse namoro. Faço mesmo! Se sair casamento vocês terão a minha benção. Mas veja lá o que você vai fazer! A Albertina é moça de família. O pai dela é meu amigo, e o avô dela veio da Itália junto com o meu pai. Eu não vou permitir que você tome nenhuma liberdade com ela. Veja lá, heim! Só depois que o padre benzer as alianças...”

“Não se preocupe, pai. Alias, o senhor não tem mesmo porque se preocupar. Primeiro porque a Tina é fanática pela sua teoria, essa de que liberdades só depois do casamento. E também porque as minhas intenções são sérias”.

“Fico contente, mas olha, não brinque comigo que eu não sou de brincadeiras”.

Resolvido aquele assunto que o preocupava, Seu Henrique deixou a conversa resvalar para banalidades, até que Dona Vivi os chamou para o jantar.

Cinco meses depois Marcelo e Albertina ficaram noivos, e um mês depois se casaram.

O casório foi um acontecimento na família. A noiva estava linda! Albertina era uma moça muito bonita, seu rosto possuía uma beleza hierática, e, ainda por cima, seu corpo era verdadeiramente escultural. Vestida de noiva ficou deslumbrante!

Dona Vivi, que tinha entrado de braço com o filho, agora de sua posição perto do altar, olhando através das lágrimas que marejavam os seus olhos, ao longo da passagem central da igreja por onde a noiva vinha vindo de braço com o pai, não pode deixar de pensar que todos os homens presentes deviam estar invejando o Marcelo. Sim, aquela moça linda, meiga, educada, uma moça que sabia cozinhar, costurar, bordar, tocar piano, enfim, que tinha todos os predicados desejáveis numa noiva, certamente poderia escolher o homem com quem quisesse se casar; e escolhera o Marcelo, o seu Marcelo! Esse pensamento a encheu de alegria e de orgulho, e ela aproveitou o fato de estar na Casa do Senhor para pedir a Deus com fervor pela felicidade dos noivos.

Um ano e meio após o casamento, Albertina aumentou a família dando à luz um lindo menino, que foi batizado com o nome do avô: Henrique. O tempo foi passando, *Seu* Henrique e Dona Vivi cada vez gostavam mais da nora e do neto, e eles se visitavam mutuamente com frequência .

Na festa do terceiro aniversário do Henriquinho, à qual, naturalmente, *Seu* Henrique e Dona Vivi compareceram, a Albertina parecia triste. Dona Vivi notou essa tristeza, pegou afetuosamente na mão da nora e perguntou: "Tina, minha querida, alguma coisa te preocupa?" Albertina apertou a mão da sogra e, num gesto carinhoso levou-a aos seus lábios, beijou-a e respondeu: "Não é nada não, Dona Vivi; apenas um pouco de dor de cabeça".

Mas, uma semana depois, cerca das oito horas da manhã, *Seu* Henrique ainda não tinha saído para visitar os seus clientes, a Albertina entrou chorosa na casa do sogro, com o Henriquinho no colo. E contou: O Marcelo estava enrabichado pela Clotilde, uma mulher largada do marido e com dois filhos. A coisa já vinha ocorrendo há algum tempo, ela tinha agüentado o quanto pode, mas agora não dava mais. Na noite passada o Marcelo não tinha nem sequer dormido em casa. Dona Vivi começou a chorar, e *Seu* Henrique primeiro caiu das nuvens, depois se enfureceu. E falou, visivelmente agitado: "Essa Clotilde não presta, é mulher desquitada, todo o mundo aqui na cidade sabe o que ela fez o marido passar. Mas prestando ou não prestando, isso não tem nada a ver. O Marcelo é teu marido, tem que te respeitar, e eu não vou permitir uma coisa destas, onde já se viu!" E saiu batendo a porta.

Quando ele entrou na ante-sala do escritório de advocacia do filho, Lucinda, secretária do Marcelo, o cumprimentou toda amável: "Bom dia *Seu* Henrique, o senhor veio cedo, mas, por sorte, o Dr. Marcelo já chegou. Só um momentinho que eu vou anuncia-lo".

"Bom dia, Lucinda", respondeu seco o *Seu* Henrique, "mas não precisa me anunciar". Passou pela Lucinda com uma certa rudeza, abriu a porta do escritório, entrou e tornou a fecha-la sem mais conversa.

Lucinda ficou perplexa em frente à porta fechada e murmurou: "Eu, heim! O coroa parece baratinado!".

Do lado de dentro, o Marcelo sentado atrás de sua escrivaninha, levantou os olhos de uns papeis que estava lendo, e se surpreendeu com a chegada do pai; mas levantou-se com jovialidade e lhe pediu a benção.

Seu Henrique bufou, mas ficou calado. E o Marcelo falou:

"Pai, o senhor parece nervoso. Sente-se por favor, se acalme e me diga o que é que há. Quer tomar um café?"

Mas *Seu* Henrique não se sentou. Retrucou: "O que é que há seu moleque! Eu lhe digo o que é que há em pé mesmo! Não vou me sentar para lhe dizer o que é que há! A Albertina esteve lá em casa e me contou. Me contou a tua pouca vergonha com essa vagabunda da Clotilde. Onde já se viu uma coisa destas? Se você queria pular a cerca, tudo bem, ora. Mas tinha que fazer com discrição. Ninguém precisava ficar sabendo. Agora, depois de você ter metido os pés pelas mãos desse jeito, eu vou lhe dizer o que você vai fazer. Em primeiro lugar você não vai

nunca mais chegar nem perto dessa desengonçada da Clotilde, uma mulher que nem é bonita, nem sei onde você foi arranjar esse mau gosto... Depois nós vamos pensar num jeito de consertar as coisas na tua casa”.

Marcelo esperou com paciência terminar a tirada do pai, depois falou:

“Pai, o senhor se sente, vamos conversar com calma”.

Iludido pelo tom conciliatório do filho, *Seu Henrique* se acalmou e se sentou, o mesmo fazendo o Marcelo. *Seu Henrique* aí falou: “Tens razão filho, vamos nos acalmar, vamos pensar com calma numa maneira de contornar toda a situação com a Albertina”. Mas Marcelo retrucou em tom respeitoso, porém firme: “Pai, pelo amor de Deus, procure me entender. Nestes últimos meses eu tenho estado num dilema terrível, mas finalmente cheguei a uma decisão: não dá mais, eu vou largar a Tina e vou viver com a Clotilde. Deixe-me lhe explicar, eu...”. Mas não houve tempo para nenhuma explicação. *Seu Henrique* se levantou muito vermelho e deu um murro sobre a escrivaninha do filho. Os objetos que estavam em cima do tampo pularam, e *Seu Henrique* berrou, furioso: “Uma ova que você vai! Uma ova! Enquanto eu for vivo, eu é quem decido as coisas importantes na minha família. E você vai fazer exatamente o que eu mandar!”

Marcelo se levantou e falou: “Não, pai, o senhor me desculpe, mas a minha decisão está tomada, eu vou largar a Tina; por favor, me dê uma *chance* de lhe explicar”.

Mas o *Seu Henrique* ficou possesso, contornou a escrivaninha e avançou sobre o Marcelo enquanto berrava: “Seu cachorro, eu vou lhe ensinar a voltar a me respeitar!”

Marcelo não reagiu à agressão, mas foi procurando se esquivar dos golpes, movimentando-se na sala e interpondo moveis entre ele e o pai.

Lucinda assustada pelos gritos e pelos ruídos que, embora abafados, chegavam à ante-sala, entreabriu a porta e espiou. Logo saiu correndo, entrou no escritório de contabilidade visinho e gritou: “Pelo Amor de Deus acudam! O Dr. Marcelo está brigando com o pai!”

O pessoal do escritório de contabilidade largou o que estava fazendo e todos correram para a sala do Marcelo, os homens na frente, dispostos a apartar a briga, e as moças atrás, só para espiar.

Tiveram que arrastar o *Seu Henrique* do escritório do filho. No corredor *Seu Henrique* ainda gritou: “E nunca mais ponha os pés na minha casa seu... seu... *mascalzone!*”.

Enquanto os contabilistas levavam *Seu Henrique* até o bar da esquina, onde lhe ministraram um copo de água com açúcar, Lucinda fez menção de arrumar o escritório, mas Marcelo lhe pediu: “Por favor, Lucinda, deixe estar; você está nervosa, pode ir embora para sua casa, eu também não vou trabalhar mais hoje. Por favor, me deixe só, saia e feche a porta”.

Lucinda hesitou, depois se despediu e saiu.

Marcelo ficou andando para lá e para cá durante algum tempo, e, automaticamente, começou a arrumar os objetos deslocados durante o *entreviro* com o pai, e também pegou os cacos do cinzeiro de vidro e os jogou na cesta de papeis. O que ele não conseguiu foi arrumar as suas emoções, e também não soube o que fazer com os estilhaços de sua relação com o seu pai. Depois de algum tempo conseguiu se acalmar, sentou-se novamente em sua cadeira atrás

da escrivadinha e, aos poucos, foi consolidando uma série de decisões. Procuraria as firmas das quais era advogado de partido e os seus outros clientes, e lhes indicaria um colega para dar continuidade às causas em andamento, pois ele iria sair da cidade. Venderia os moveis, depois entregaria as chaves do escritório ao proprietário; não haveria problema, pois o contrato de locação estava vencido. Embora com pesar, dispensaria a Lucinda; mas antes lhe arrumaria um emprego com um colega; isso seria fácil, pois Lucinda era uma moça inteligente, e uma secretária ativa e competente. Aceitaria a oferta que lhe fizera um amigo e iria trabalhar em São Paulo num grande escritório de advocacia. Sim, iria para a Capital do Estado com a Clotilde e os dois filhos dela.

Cerca de sete meses depois destes acontecimentos, chegou a data do aniversário natalício do *Seu* Henrique. Como caiu num domingo, a família decidiu que, naquele ano, a festa seria um almoço, em vez do tradicional jantar na casa do aniversariante.

Tereza, uma das filhas, estava preocupada com o comportamento do marido, Nassif, durante a festa. Uma mulher bonita, Tereza era parecida com a mãe, mas só fisicamente, pois o gênio era completamente diferente. Ela era clara, os cabelos castanho-claros, abundantes e ondulados, um corpo que ainda chamava a atenção apesar dela já ter tido 3 filhos. Era uma dessas mulheres que, quando cumprimentava alguém, tinha um jeito especial de insinuar a sua mão na da outra pessoa, de forma que a sua ficasse envolvida pela da outra. Sua mão era macia, voluptuosa e, geralmente, quando apertava a mão de um homem, este ficava ou excitado, ou levemente embaraçado; na maioria das vezes, as duas coisas juntas.

O marido, Nassif, era moreno, cabelo ondulado, barba cerrada sempre bem escanhada, umas sobrancelhas imensas (uma tentação para as tesouras dos barbeiros, mas que Nassif cuidava para que ficassem intocadas). Ao contrario de muitos homens de ascendência árabe, Nassif tinha feições regulares, um rosto de busto romano. Apesar de ser um pouco gordo, era considerado um homem bonito pelas amigas da Tereza, o que lhe acirrava os ciúmes. Nassif estava sempre de bom humor, era uma pessoa bondosa e alegre, mas era brincalhão e irreverente. Era amável, tinha muitos amigos e um excelente relacionamento com os seus 3 filhos. Mas o sogro não gostava dele, e Tereza, ao lado do marido, no banco dianteiro do carro, a caminho da casa do *Seu* Henrique, ia doutrinando o Nassif, enquanto os filhos, no banco traseiro, riam à socapa.

Nassif guiava calado, e Tereza ia falando:

“Nassif, presta atenção, veja lá como vai se comportar na casa de papai. Você sabe que papai está sempre com você na marcação, e agora vai ser pior, porque ele soube que você visitou o Marcelo em São Paulo na ultima vez que você esteve lá a serviço. Menos mal que ele não soube que você, alem de fazer a besteira de ir na casa do Marcelo, ainda falou para ele que você continuava amigo dele como sempre, que ele era um cunhado que você estimava muito. Se ele souber, vai ser um *Deus nos acuda!* E olha, nada de contar piadas picantes, e nada de fazer comentários maliciosos. Não sei que diabos você tem na voz, parece locutor de tele-jornal, a vinte metros de distancia a gente entende tudo o que você fala”.

E Tereza continuou repisando esse assunto até chegarem na casa do aniversariante. Nassif estacionou o carro junto à calçada, todos saíram do veículo e, já no portão, Tereza fez os filhos entrarem na frente e segurou o marido pelo braço para lhe fazer a última recomendação: "Nassif, pelo Amor de Deus, comporte-se! Estou cansada de passar vergonha!".

Nassif sorriu, e disse com uma ponta de ironia: "Fica tranqüila, mulher. Antes de eu abrir a boca vou me aconselhar contigo sobre o que dizer".

Tereza fez um gesto de enfado, e empurrou o marido para dentro do portão.

À medida que iam chegando os filhos, noras, filhas, genros, netos e netas, o burburinho na casa ia aumentando, com os cumprimentos e a entrega e abertura dos presentes. Quando chegou a hora do almoço, todos foram para o alpendre, que tinha sido aumentado com uma lona apoiada em caibros de madeira, e onde tinha sido improvisada uma grande mesa com cavaletes e taboas.

No início do almoço Dona Vivi se desdobrou, como dona da casa, no atendimento a todos. Depois, quando se sentou para almoçar, notou que o marido estava triste, comendo devagar e melancolicamente. Dona Vivi, entre uma garfada e outra, punha olhos preocupados no marido, mas não falava nada. Finalmente, *Seu* Henrique deu dois ou três suspiros e exclamou: "Oh! Meu Deus!".

As conversas generalizadas em torno da mesa cessaram, algumas pessoas até pararam de comer, e todos desviaram a sua atenção para o dono da casa. *Seu* Henrique falou de novo: "Oh! Meu Deus! Não posso me conformar! Todos nós aqui juntos, mas faltam o Marcelo, a Albertina e o Henriquinho!".

Pedro, o filho mais velho, que estava sentado perto do pai, falou: "Tem razão, pai; eu também não posso me conformar. Não posso mesmo entender como é que o Marcelo foi trocar a Tina, uma moça bonita, prendada e honesta por aquele traste". Para mim é um mistério". E repetiu com ênfase: "Um mistério!".

E foi aí que o Nassif acabou com o tema da conversa e quase acabou com a festa, falando com aquela sua voz forte e sonora:

"Vai ver que a Albertina não é boa de cama".

UMA COROA PARA PACO

Paco estacionou cuidadosamente o automóvel em frente da casa e, antes de desligar a chave do contato, lançou um olhar ao relógio do carro e viu que eram 14 horas e 55 minutos. Depois, recostou-se no banco, as mãos apoiadas sobre o volante, e respirou fundo. Embora fosse curta a distancia que ele tinha percorrido, se sentia cansado. Durante o percurso, por varias vezes a visão do olho direito se tinha embaçado, levando-o a esfrega-lo, como numa tentativa de retirar dele alguma coisa que o estivesse empanando. Paco pensou em quão certa estava a sua intuição ao decidir, já há alguns anos atrás, que deixaria de dirigir quando completasse 65 anos de idade. Aquele Novembro de 1982 chegara, e agora só faltava uma semana e estava tudo arranjado. Dentro de uma semana, no seu 65º aniversário, Feliciano, o melhor motorista da firma *Francisco Hernandez Engenharia e Construções S/C Ltda*, passaria a ser o seu motorista particular; o seu sobrinho e sócio José já tinha providenciado a contratação do substituto do Feliciano na firma. Alias o seu sobrinho tinha insistido para que Paco não esperasse a data aprazada, mas Paco era um homem sistemático, quase tudo na sua vida era planejado com antecedência e executado exatamente de acordo com os planos.

Depois de repousar um pouco, Paco ligou novamente a chave do contato, e apertou o botão que acionava o vidro da porta do lado do motorista até fechá-lo completamente. Depois, desligou e retirou a chave do contato e saiu do carro, dirigindo-se para o portão da casa.

Paco era um homem alto e magro, no rosto moreno e completamente escanhado tinha um nariz adunco, sua cabeleira era grisalha e ondulada, seus cabelos eram mais abundantes nas têmporas e iam rareando para o alto da cabeça. Estava elegantemente vestido: camisa branca de cambraia de linho com abotoaduras de ouro, gravata de seda italiana, terno de tropical inglês muito bem cortado, e sapatos modelo italiano, feitos à mão e do melhor cromo.

Paco apertou a campainha e esperou.

A casa era grande, térrea, no centro de um grande jardim, e com imponentes grades e portão de ferro na frente.

Do lado de dentro alguém abriu um pouco a cortina da janela da sala e espiou. Logo depois uma empregada uniformizada saiu pela porta da sala e veio abrir o portão, cumprimentando: "Boa tarde, Dr. Paco. Dona Ana Maria está na sala com uma visita e vai ter prazer em vê-lo. Por favor, entre".

Paco retribuiu o cumprimento, passou na frente da empregada, atravessou o umbral da porta que tinha sido deixada aberta e penetrou na sala. Ana Maria levantou-se e, com jovialidade veio ao seu encontro. Era uma mulher com cerca de 30 anos, morena, cabelos e olhos pretos, esbelta e bonita, tinha dentes pequenos, certinhos e muito brancos; era muito atraente.

Ela o beijou na face e falou: "Oi Paco! Tudo bem?".

"Com a Graça de Deus" respondeu Paco. "E vocês?".

“Tudo bem, tio”. E aí Ana Maria enfiou o seu braço no braço do Paco e o puxou em direção à poltrona onde estava sentada a visita.

“Paco, quero te apresentar à Inês, uma grande amiga; Inês, este é o Paco, também um grande amigo, acho que vocês ainda não se conhecem”.

Inês, uma mulher mais ou menos da mesma idade da Ana Maria, altura mediana, clara, olhos e cabelos castanhos, um tipo comum, mas com uma aparência simpática, estendeu a mão para o Paco e falou: “Muito prazer”.

Paco sorriu e retribuiu o cumprimento, segurando a mão de Inês com firmeza, mas apertando-a apenas levemente, e retrucou: “O prazer é meu, Dona Inês. Alias é sempre uma satisfação conhecer alguém de bom gosto, o seu vestido é muito bonito”.

Inês, embora fosse uma mulher tímida, não se sentiu embaraçada com o cumprimento. Na voz de Paco, nos seus gestos, na sua presença, havia um tom respeitoso que a deixava à vontade. Ela notou também que Paco, um homem feio à primeira vista, quando sorria se transformava, seu sorriso era *charmoso* e comunicava alegria.

Nesse momento uma menina magrinha, de uns cinco anos de idade, de feições delicadas e cabelos compridos e escorridos, irrompeu pela sala, correu para o Paco e se abraçou a uma de suas pernas exclamando: “Tio Paco! Tio Paco!”.

Paco se abaixou, com alguma dificuldade, seus movimentos tolhidos pela menina agarrada a sua perna. Mas a menina soltou-lhe a perna e o agarrou pelo pescoço, e lhe deu no rosto um beijo ruidoso e molhado. Paco se desequilibrou, colocou um joelho sobre o tapete, apoiou uma das mãos numa poltrona, e falou: “Oi Kátia! Como vai a minha princesa?”. Kátia não respondeu, continuando agarrada ao pescoço de Paco, e este insistiu: “Você vai bem, querida?”.

Kátia não respondeu, mas balançou a cabeça amplamente varias vezes de cima para baixo e de baixo para cima. Paco tirou do bolso um pacote de balas moldadas no formato de bichos e falou: “Trouxe umas balas para você, das que você gosta”.

Kátia soltou o pescoço do Paco, tirou o pacote de sua mão e saiu correndo da sala.

Nesse ínterim Miriam, irmã da Kátia, tinha entrado na sala e ficara observando divertida a posição do Paco, meio ajoelhado e com a Kátia pendurada em seu pescoço. Era uma menina de uns 9 anos, pele clara e rosada, grandes olhos azuis, cabelo alourado, rosto muito bonito, esguia, e alta para a idade, parecia uma modelo em miniatura. Quando a Kátia saiu da sala ela se adiantou, andando com uma graça e uma dignidade intuitivas, deu um beijo no rosto do Paco e falou: “Oi tio Paco! O senhor vai bem?”. Paco sorriu.

“Vou bem, meu anjo. E você”. “Eu também vou bem, tio”.

“E como vai a sua coleção de figurinhas?”.

“Ah! Tio! Estou completando o álbum. Naqueles envelopes que o tio me trouxe anteontem eu encontrei varias que me faltavam”.

Paco enfiou a mão no bolso do paletó e retirou vários envelopes presos por um elástico, formando um pacote, e disse: “Olha, hoje também te trouxe alguns envelopes. Boa sorte!”. A menina pegou o pacote com a mão esquerda, colocou a mão direita no rosto do Paco num gesto carinhoso e falou: “Muito obrigada, tio.”

Olha, a vó está na sala de televisão”. Paco puxou Miriam para si, e deu-lhe um beijo na testa. Depois se levantou, pediu licença e saiu da sala.

Depois que Paco se retirou, Miriam também saiu e Ana Maria falou: “Inês, o que você achou do Paco?”. “Muito simpático, eu gostei dele”.

“Ele é realmente uma gracinha! É um grande amigo de minha sogra, amizade de infância. Com exceção de duas pessoas, todos de nossa família adoram o Paco. Só o meu marido não gosta dele, e tem o filho de minha cunhada que simplesmente o detesta”.

“Ora, e porquê?”. Perguntou a Inês, curiosa.

“Não sei Inês. Antipatia gratuita ou ciúme, eu acho. Mas deixa eu te contar a estória do Paco. Quando a minha sogra era menina, a família dela e a do Paco eram vizinhas e muito amigas. Quando a Lolita chegou à adolescência o Paco começou a se apaixonar por ela, mas ela ficou só na amizade. Mais tarde ela conheceu o Alberto, o meu falecido sogro, e o pobre do Paco foi jogado para escanteio. E ele devia gostar da Lolita de verdade, pois nunca se casou.

Quando o meu sogro morreu, o Paco apareceu no velório, foi ao enterro, foi na missa do sétimo dia e na missa de mês, sempre muito atencioso com a Lolita. Na missa de ano ele também compareceu. Depois da missa de ano, as pessoas de nossa família vieram aqui para casa, meu marido as tinha convidado para o jantar. E aqui, nesta mesma sala, minha cunhada falou para a Lolita, falou alto acho que até de propósito para todos ouvirem: *Mãe, o Paco está afim de você.* Minha sogra deu de ombros e falou que era bobagem. Mas uma semana depois o Paco deu para telefonar todo o dia para a Lolita, e um mês depois a convidou para saírem, para jantarem juntos.

Minha sogra aceitou e, durante o jantar, o Paco lhe propôs casamento, e lhe pediu que não desse a resposta na hora, que pensasse uns dias a respeito. Falou que ela devia considerar que ele faria tudo para fazê-la feliz, essas coisas... Você sabe...

Isso foi há uns 3 anos atrás; naquela época a Lolita morava no apartamento da minha cunhada, e quando ela chegou em casa a filha e o genro ainda estavam acordados, assistindo televisão. Aí ela falou para eles que ia aceitar casar com o Paco, e os dois deram a maior força. Na manhã seguinte ela me telefonou me contando, eu fiquei até contente, eu falei que era uma boa, que o Paco ia fazê-la feliz. Mas quando a Lolita, logo depois, telefonou para o escritório do meu marido e lhe contou, o Alfredo armou o maior *charivari*; perguntou onde estava o respeito pela memória do pai dele, essas coisas... Pior foi a reação do meu sobrinho, o filho de minha cunhada, que na época tinha uns doze anos. Quando ele soube, o garoto teve um *troço*, nem te conto menina! Precisou até de fazer psicoterapia. Aí a minha sogra desistiu. Desistiu do casamento, mas não de se encontrar com muita frequência com o Paco. O que rolou nesses encontros a gente não sabe... ”

Ana Maria calou-se, e depois de um intervalo de cerca de 20 segundos a Inês comentou:

“É, eu acho que foi uma pena”.

“Mas não foi? E olha, Inês, cerca de 3 meses depois a Lolita sofreu aquele acidente, ficou parálitica das duas pernas. Nessa ocasião o Paco foi um grande amigo. Visitava a Lolita diariamente no hospital levando flores, estava sempre à

disposição para o que fosse preciso. Quando ela saiu do hospital, ela veio para a minha casa; você sabe, o apartamento de minha cunhada é duplex, e portas de apartamento moderno são estreitas, não dando passagem a cadeiras de rodas; e para quem tem de usar uma cadeira dessas a minha casa é mais apropriada: além dela ser toda térrea, com portas internas bem largas, nós ainda temos o nosso grande jardim. Aí o Paco começou a visitar a Lolita aqui em casa. Fez um arranjo com o sócio dele: às segundas, quartas e sextas não vai mais na empresa na parte da tarde e vem para cá, aí pelas 3 horas da tarde, e sai antes do Alfredo chegar em casa. Aos sábados e domingos o Paco nunca vem, também para não se encontrar com o meu marido. Não entendo a ojeriza do Alfredo, o Paco tem sido muito bom para a mãe dele; ele conversa com ela, faz companhia, é prestativo, - precisa ver!

"Quer dizer que o Paco não desiste?" Interveio a Inês.

"Não, Inês, ele não desiste".

"Então eu acho que ele vai acabar conseguindo. Estou até admirada que a Lolita tenha resistido tanto".

"Olha Inês, com todo esse convívio a Lolita adora o Paco. E ele continua afim da coroa, mas, coitado, não vai conseguir; e eu vou te explicar porquê: a minha sogra é muito vaidosa, mas muito mesmo, um poço de vaidade. Você deve ter reparado, ela está sempre sentada na cadeira de rodas com uma colcha dobrada sobre as pernas, cobrindo-as da cintura para baixo. Depois que suas pernas paralisaram, elas começaram a definhar. A Lolita nunca tocou nesse assunto comigo, mas eu acho que ela nunca casará com o Paco só para nunca permitir que ele a veja deformada... você sabe..."

Houve um silencio na sala, depois a Inês falou: "Mas eu acho isso uma bobagem da Lolita".

"Eu também". Falou a Ana Maria. "E digo mais: eu, no lugar da Lolita, abria os braços para o Paco e falava: vem meu amor!".

As duas riram e, nesse momento, a empregada entrou na sala e falou: "Com licença, Dona Ana Maria; O lanche está servido na copa, como a senhora mandou".

Quando o Paco entrou na sala da televisão, Lolita levantou os olhos do livro que estava lendo e sorriu. Era uma mulher entre 55 e 60 anos de idade, loura, lindos olhos azuis, pele clara, rosto ainda muito bonito apesar de já começar a mostrar os estragos do tempo nos *pés de galinha* no canto das órbitas e na flacidez da pele sob o queixo. Era uma mulher *fausse maigre*, e os homens, só de olhar para ela, tinham a impressão de que ela seria macia e excitante ao ser tocada. O comprimento de suas unhas guardava simetria com o tamanho de suas mãos, estava muito bem manicurada, muito bem maquilada e muito bem penteada. Tinha-se a impressão que cada fio de seu cabelo tinha sido arrumado com uma pinça, até ficar numa posição esteticamente perfeita. Paco se aproximou, segurou uma das mãos de Lolita com as suas duas mãos, curvou-se sobre a cadeira de rodas e lhe deu um beijo na face, demorando-se um pouco no contato do seu rosto com o dela. Depois falou: "Boa tarde, querida. Como passou de anteontem?".

"Bem, meu caro Paco. E você?"

"Com muita dor... de saudade. Mas agora já está passando".

Lolita deu uma risadinha e falou: "Galanteador! Vá, senta aqui do meu lado, quero te contar uma coisa. Olha, estou lendo o livro *Novelas Ejemplares* de Cervantes que você me emprestou. É o primeiro livro em espanhol que eu leio, estou gostando e estou entendendo praticamente tudo. Você vê, realmente eu aproveitei o curso de espanhol em *mini-cassette* que você comprou para mim, e que me tem ocupado as manhãs nestas últimas semanas. E é como você disse: uma nova língua é uma nova janela para o mundo".

"A frase não é minha, Lolita".

"Pode ser, mas foi de você que eu a ouvi, e eu concordo plenamente com ela. Estou contente, Paco. Você sabe, presa nesta cadeira de rodas, das atividades de lazer que me são possíveis só me restaram algumas, e é importante diversificá-las para fugir à monotonia. Quando você não está aqui, é claro. Quando estás, nada é monótono, és uma companhia maravilhosa".

"Obrigado querida. Agora és tu que estás sendo galante. Mas tu tens outras companhias: os teus filhos, a nora, o genro e os teus netos..."

"Olha Paco, deixa-me te dizer uma coisa: o meu filho se preocupa demais com os seus negócios e a minha nora é uma doçura, mas deve achar uma chateação eu estar aqui na casa dela; as minhas netas são uns amores, mas são crianças e há entre nós um hiato de duas gerações, o mundo delas ainda é um mundo de brincadeiras, e, ludicamente, uma avó parálitica não lhes oferece muitas possibilidades; minha filha tem que cuidar da casa dela, vem aqui no máximo uma vez por semana; o meu neto me adora, ele me beija, me abraça, fica segurando na minha mão, mas ele tem companhias de sua idade, tem os seus estudos; o meu genro, você sabe, tem um temperamento fechado; imagine, ele me trata por Dona Lolita, coisa que nem os meus filhos fazem".

Houve um breve silêncio, depois Paco pegou na mão de Lolita e falou:

"Olha, Lolita, eu não preciso mais de trabalhar, faço um acerto com o José, fico como sócio comanditário da firma. Casa comigo Lolita, passaremos juntos o resto de minha vida, vamos viajar, vamos para a Europa ou para onde você quiser".

Lolita sorriu e falou: "Chega mais perto, Paco".

Paco se inclinou, Lolita colocou uma mão em sua nuca, o que o deixou todo arrepiado, e puxou a sua cabeça até que o seu rosto ficasse ao alcance dos seus lábios, e lhe deu um beijo na face. Paco sorriu e perguntou: "O beijo é pela proposta?"

"Não, Paco. Pela proposta de casamento eu fiquei até na dúvida se não deveria te dar umas palmadas. O beijo foi por que eu te acho uma pessoa maravilhosa. Sei que eu estou sendo egoísta, mas a nossa relação tem que ficar como ela é, eu acho que é o melhor para mim. Por favor, não fica triste, - está bem?"

"Como você quiser, querida", suspirou Paco.

Nesse momento uma empregada veio andando pelo corredor, empurrando um carrinho de chá. Parou antes de assomar à porta da sala e falou: "Com licença, Dona Lolita".

Lolita respondeu: "Pode entrar Aldalice".

A empregada entrou com o carrinho, com xícaras, pratinhos, talheres, bule, açucareiro, torradas, biscoitos, e queijo em pasta contido em uma bisnaga. Deixou o carrinho na sala e se retirou. Paco serviu Lolita, e depois se serviu.

Ambos passaram a tomar chá em pequenos e espaçados goles, de vez em quando comendo um biscoito, ou uma torrada com queijo. Era como se ambos quisessem prolongar o tempo gasto naquele lanche, e era evidente que eles valorizavam os momentos daquela refeição compartilhada. Conversaram sobre diversos assuntos: livros e autores, programas de televisão, notícias recentes de jornais, até que chegou a hora de Paco se despedir.

Quando Paco ia saindo da casa, e antes mesmo de chegar ao portão do jardim, ouviu na rua o som de um realejo. Era a mesma melodia que ele ouvira muitas vezes quando criança, tocada num realejo que costumava passar no bairro em que ele morava.

Quando ultrapassou o portão, aberto pela mesma empregada que o recebera, procurou o realejo com os olhos, e o viu perto da esquina e logo se encaminhou em sua direção. O homem que estava acionando a manivela parou, e falou com sotaque lusitano: "Vai tirar a sorte patrão?".

"Não" falou Paco, "eu não quero tirar a sorte. Só quero que você toque a musica para mim de novo". Enfiou a mão no bolso lateral da calça, retirou um maço de dinheiro cuidadosamente dobrado, todas as notas com a efígie impressa para o lado de fora, e dele retirou duas notas de 10 cruzados que entregou ao português. Este sorriu, contente, e agradeceu: "Obrigadinho, patrão". E logo começou a girar novamente a manivela, tocando a musica inteira por duas vezes. Paco aí falou: "Muito obrigado, já chega; uma boa tarde". E fez menção de voltar em direção ao seu carro, mas o português falou: "Por favor, patrão, não se vá já. O passarito vai lhe tirar uma boa sorte e o patrão não vai precisar pagar mais nada, eu faço questão. O patrão vai me magoar se não aceitar".

Paco sorriu e esperou.

Sobre o realejo havia uma gaiolinha, dentro da qual se via um periquito. A pequena gaiola tinha uma abertura em forma de umbral que dava para uma caixa contendo dois grupos de envelopes, uns azuis e outros cor de rosa. Com um lápis, o português deu umas batidinhas na caixa do realejo, o periquito saiu da gaiola e pegou, com o bico, um envelope azul, puxando-o para fora da caixa. O homem do realejo pegou o envelope do bico da ave, a recompensou com uma sementinha, e logo entregou o envelope ao Paco. Este o abriu, e logo passou a ler, divertido, o papelzinho que encontrou dentro do envelope, cujo texto lhe dizia que estava chegando ao pináculo da sorte em sua vida, lhe prometendo muita saúde, a realização de seus melhores desejos para breve, uma viagem maravilhosa, prolongados anos de felicidade.

Paco não acreditava nessas coisas, mas despediu-se do português e colocou o papelzinho e o envelope azul no bolso do seu paletó e sentiu um contentamento, uma emoção muito agradável invadi-lo. Caminhou para o seu carro assobiando a melodia que acabara de ouvir, sentou-se em frente ao volante e partiu rumo ao seu apartamento.

Eram cerca de dez horas da manhã, Paco estava sentado, lendo o jornal, quando a sua governanta assomou à porta e falou: "Dr. Paco, o seu motorista já chegou". "Por favor, diga a ele para esperar um pouco, eu vou só acabar de ler o jornal. Mande a empregada lhe servir um café".

"Sim senhor" falou a governanta, e se retirou.

Aquele era o dia do 65º aniversário do Paco, ele e seu sobrinho José tinham decidido não abrir a empresa e dispensar os empregados. Dali a pouco Feliciano, no primeiro dia como seu motorista particular, o levaria até à casa de seu sobrinho onde almoçaria, e onde os seus parentes e alguns amigos se reuniram para festejar o seu natalício.

Acabou de ler o jornal, dobrou-o cuidadosamente e o colocou num porta-revistas. Depois chamou a governanta e pediu que mandasse o Feliciano descer para a garagem, pois ele iria em seguida.

Quando ele chegou na garagem Feliciano abriu a porta do carro e falou: "Bom dia Dr. Paco. Parabéns e muitas felicidades".

"Bom dia, e muito obrigado Feliciano", retorquiu Paco; e entrou no carro, sentando-se no banco traseiro.

No caminho para a casa do sobrinho Paco se sentiu mal, começou a gemer. Feliciano, alarmado, reduziu a marcha do carro e ajeitou o espelho retrovisor, e viu que Paco estava caído de lado, sobre o banco. Na primeira oportunidade Feliciano encostou no meio fio e parou o carro. Debruçou-se sobre o encosto do banco dianteiro e chamou: "Dr. Paco! Dr. Paco! O que é que o senhor está sentindo?" Paco não respondeu, estava caído sobre o banco, a mão em garra sobre o peito, os olhos fechados. Feliciano lembrou que passara em frente a uma clinica, ou casa de saúde, ou coisa assim, a algumas centenas de metros atrás. Rápido, manobrou o carro, voltou até à clinica e estacionou no espaço marcado *reservado para ambulância*. Saiu correndo do carro e pediu socorro no balcão existente na portaria. No início houve uma certa confusão, a moça que o atendeu não sabia o que fazer, mas depois a telefonista emitiu um chamado através de um sistema de alto-falantes, e logo varias pessoas vestidas de branco saíram correndo com uma maca em direção ao carro. Uma médica constatou a parada cardíaca ocorrida no Paco, e houve uma frenética movimentação para remove-lo para a sala de emergência, enquanto que Feliciano, que queria acompanhá-lo, foi retido na portaria.

Algum tempo depois a medica saiu da sala de emergência, o estetoscópio dobrado e pendurado no pescoço, o rosto perolado de suor, chegou na portaria, fez um aceno para Feliciano e falou: "Você é o motorista dele?". "Sou", respondeu Feliciano. "Sinto muito, o seu patrão está morto. Tentamos reanimá-lo, mas o paciente não respondeu. Quando vocês chegaram aqui ele já estava morto há muitos minutos. Olha, se você quiser, pode telefonar para a família daqui mesmo da portaria".

Feliciano telefonou para a casa do Dr. José e contou. O ambiente festivo na casa se transformou em consternação. José logo se movimentou para as primeiras providencias para a obtenção do atestado de óbito e a remoção do corpo para um velório, e o enterro. Sua mulher se encarregou de telefonar para as pessoas amigas.

Quando a mulher do Dr. José lhe telefonou avisando-a da morte do Paco e informando-a que o enterro seria no dia seguinte às onze horas, Lolita sentiu uma terrível angustia, lágrimas lhe rolaram nas faces e lhe caíram ao longo do vestido e sobre a colcha em seu colo. Mas, aos poucos, a desorientação inicial foi se dissipando, ficando-lhe a dor e também a certeza de que não deixaria de ir ao enterro.

Telefonou para uma floricultura e encomendou uma coroa de flores. Depois telefonou para um salão de beleza e conseguiu marcar hora para o dia seguinte bem cedo, para penteado, maquiagem e manicure. Finalmente telefonou para o escritório do filho e taxativamente lhe comunicou que no dia seguinte ele a levaria, primeiro ao salão de beleza, e depois ao enterro do Paco.

No dia seguinte o Alfredo levantou mais cedo, foi na casa do cunhado pegar emprestado o Ford Landau, um carro grande. Depois foi para a casa da mãe, levou-a na cadeira de rodas até o carro, pegou-a no colo e a colocou no banco dianteiro. Dobrou a cadeira de rodas e a colocou no porta-malas. Levou a Lolita no salão de beleza, esperou-a, e finalmente a levou no cemitério. Tudo isso o Alfredo achou ser uma enorme, uma quase insuportável chateação. Mas o que o aborreceu de verdade, o que realmente o irritou, foi o ter visto com um olhar irado os coveiros colocarem sobre o tumulo do Paco a coroa de flores enviada por sua mãe. Nas fitas pretas, em letras douradas estava escrito:

Para o Paco com todo o amor e a imensa saudade da Lolita.

DÓLARES DE PRATA.

Conto de Luiz Alevato Grijó

James começou a acordar lentamente, sua consciência vinha como que subindo devagar dentro de um líquido denso. Ele se virou na cama, acordando aos poucos. Sua cabeça doía, e ele se lembrou do *Bourbon* que tinha tomado na noite anterior. Pensou que não deveria ter tomado aquela 2ª dose. Alias, pensando bem, não deveria ter tomado nem a 1ª daquele *Bourbon brilho de lua*. Sentou-se com dificuldade na cama, e após alguns minutos se levantou. Foi para o banheiro, esvaziou a bexiga, lavou a cara, escovou os dentes e passou um pente nos seus poucos cabelos. Foi para a cozinha, onde a sua mulher, como sempre, discutia com a nora. “Por Deus” pensou. “Ter que suportar isto”. Seu único filho tinha morrido muito moço, de um enfarte. Tinha acolhido a nora e o neto na sua casa. Sua mulher lhe preparou um café bem forte, e não o deixou comer *bacon* com ovos, e sim fê-lo tomar um copo de leite morno.

Pegou o jornal em cima do aparador e foi para a sala. Antes de se sentar para ler teve o pressentimento de que aquele seria um mau dia, e resolveu que, de manhã, não iria ao seu escritório imobiliário. Não tinha nenhum compromisso agendado.

Passaria a manhã lendo, primeiro o jornal, e depois o *Saturday Evening Post* do sábado anterior.

Na hora do almoço, seu neto John voltou da escola para casa todo sujo e machucado, e com um hematoma no rosto. Contou que, na saída da escola, discutira com o colega Richard, o filho dos vizinhos, e aí brigaram. O Richard, mais forte, levou a melhor e bateu muito nele.

James ficou irritado, e saiu para tomar satisfações, encontrando o vizinho no gramado em frente à casa dele, e logo o interpelou: “Senhor Mosley, o senhor sabe que o seu filho Richard, na saída da escola, bateu no meu neto, deixou-o muito machucado. O senhor precisa castigar o seu filho, ensina-lo a se comportar melhor”.

Mosley, de pronto respondeu: “James, o teu neto é uma pequena peste. Ele provocou e tentou agredir o meu filho. O teu neto é que precisava de uma lição, que recebeu do meu filho, e de graça”.

James ficou furioso e tentou agredir Mosley gritando: “Filho de uma cadela! Vou te ensinar...”.

Nem ensinou nada, nem terminou de falar. Levou um soco no queixo que o derrubou meio tonto. Levantou-se a custo, com os punhos cerrados e movimentando os braços em uma atitude agressiva. Levou um pontapé na canela e um murro no peito, e caiu de novo com muita dor e sem fôlego. Ficou caído no gramado, e Mosley entrou na sua casa e bateu a porta.

Depois de algum tempo tentou se levantar e não conseguiu. Rolou e ficou de bruços, depois de quatro, e aí se levantou com muita dificuldade.

Foi mancando em direção à sua casa, pensando: "Foi ridículo, um velho de mais de 60 anos tentando brigar com um homem quase 30 anos mais moço. Que idiotice". E se sentiu tremendamente frustrado.

A porta da sua garagem estava aberta. Quando passou em frente, olhou para o seu velho carro com desgosto. Ele já tinha 10 anos de uso, fora comprado novo em 1929. Agora, perdera a conta das milhas que nele tinha rodado, pois o velocímetro quebrara já há alguns anos e ele não mandara consertar. Sentiu um forte desejo de comprar um automóvel novo. E murmurou, consigo mesmo: "Depois do almoço".

Depois de almoçar, James entrou no seu carro e saiu guiando em direção à oficina do seu mecânico, Bob, seu amigo e antigo colega na escola primária. Entrou no pátio da oficina e estacionou. Bob apareceu, e trocaram cumprimentos. Depois James falou: "Quero me desfazer do Ford 29, vou comprar um carro novo".

Bob tirou o boné, ficou algum tempo com ele na mão, pensando, depois o recolocou na cabeça e falou: "Você deixa o carro, e me dá 10 dólares. O valor das peças aproveitáveis, mais os 10 dólares, só vão cobrir as despesas que vou ter para desmonta-lo e dispor das partes não aproveitáveis".

"Eu concordo. Mas você vai ter que desmontar o tanque de gasolina agora".

"Pra quê?".

"Bom, desde novo, antes de abastecer o carro, eu sempre jogava dentro do tanque um dólar de prata. Comprava os dólares e sempre tinha alguns em casa, e também no meu bolso. Fazia isso pensando no dia em que precisasse trocar de carro. Há necessidade de recupera-los, eles têm se valorizado muito, deve haver uma boa soma dentro do tanque".

Bob chamou dois de seus mecânicos, esvaziaram o tanque, e o retiraram do carro. Bob abriu no chão um saco de aniagem. Com a abertura para baixo, sacudiram o tanque até que a ultima moeda caiu no saco. Bob olhou o monte de moedas no saco e falou: "Bem, deve haver aí mais de 500 moedas". O saco e as moedas estavam molhados de gasolina. Bob deu um nó no saco, e o sacudiu dentro do meio tambor cheio de água que servia para encontrar furos nas câmaras de ar. Escorreram a água, James chamou um táxi pelo telefone do escritório da oficina. Depois pegou o saco e foi-se embora.

No fim da tarde James chegou em casa com um automóvel novo, modelo 1939.

No dia seguinte, John esperou Richard na saída das aulas. Quando o viu, estendeu para ele a mão direita com o dedo médio esticado, e os outros dobrados, e falou: "Aqui pra você. Vocês têm um carro velho, e o meu avô tem um carro novo, ano 1939".

Richard pousou no chão o amarrado com os seus livros e os seus cadernos, e, de novo, encheu o John de porrada...

O MEDICO QUE MORDEU A CACHORRA

Conto de Luiz Alevato Grijó

Logo que penetrou pela rua principal da vila, João Alfredo aliviou o pé no acelerador do jipe, e o ponteiro do velocímetro, que marcava 40, caiu e ficou pererecando abaixo dos 30. O ponteiro do marcador de gasolina estava caído para a esquerda, já próximo da letra "E". João Alfredo viu o posto de gasolina logo adiante, e dirigiu o jipe para lá. O posto tinha, além das bombas de combustível, uma espécie de bar: debaixo de um alpendre, 2 mesas com cadeiras, dessas que são cedidas por empresas que vendem cerveja. João Alfredo parou ao lado da bomba de gasolina e desligou o motor. Logo apareceu o frentista, muito simpático e sorridente, um homem alto e magro, porém forte, de pele bem escura, cabelo carapinho e barba rala, ambos ponteados de fios brancos. Chegou-se ao jipe e falou: "Bom dia! Eu sou o Véio João, um seu criado. Todo o mundo aqui em vorta me conhece como o véio João". "Bom dia!", respondeu João Alfredo; saltou do jipe e falou: "E eu sou seu xará, todo mundo me conhece como João Alfredo". E estendeu a mão. Ambos riram, e trocaram um aperto de mão.

"Vai completá patrão?"

"Sim, por favor. E veja também o óleo e a água".

"E é pra já, patrão. Entonces, o sinhô não qué sentá ali no bar e tomá alguma coisa enquanto eu cuido do jipe?"

"Mas é uma ótima idéia, xará. Por favor, me vê uma cerveja".

Sentado e servido o freguês, o frentista foi abastecer o carro, verificou o óleo, completou a água e lavou o pára-brisa. Depois voltou ao bar e falou: "Pronto patrão, tudo no capricho". João Alfredo acenou para a cadeira vazia a seu lado e falou: "Não quer sentar? Estou lhe convidando para tomar uma cerveja comigo. E, por favor, pega mais uma garrafa". "Mais é honra demais, patrão! E eu vô aceitá". O frentista pegou mais um copo, tirou mais uma garrafa da geladeira, trouxe tudo para a mesa e sentou-se ao lado do João Alfredo. E aí falou: "O sinhô vai me perdoá ainda que mar pergunte, mas o sinhô mexe com quê?"

"Eu sou engenheiro agrônomo".

"Ah! Entonces o sinhô é formado, home estudado. O sinhô é um doutô".

"Que nada, amigo João, não sou doutor coisa nenhuma".

"Mais que é, é. Engenharia é coisa de muito estudo, e por estas banda home estudado carece respeito".

"Como quiser, amigo João. Mas me diz uma coisa, será que pelas redondezas existe terra que se possa comprar? Coisa grande, entre 1.000 e 5.000 alqueires. É que eu trabalho para uma empresa muito grande que está interessada".

"Não, doutô. O sinhô não vai achá. O único que tem muita terra por estas banda é o doutô Fredegoso. As terra dele corre pelos vale, sobe nos morro, desce pru ôtro lado, sarta pra ôtra banda de rio, é um nunca acabá. Mas esse não vende.

Desde que nasci estô por estas banda, e nunca vi um Fredegoso vendê um parmo de terra.”

“Será que falando com ele, fazendo uma boa oferta, não haveria uma chance?”.

“Não, doutô. Os Fredegoso são gente isquisita”.

“Esquisita como?”.

“A cabeça dos Fredegoso, por dentro, não é iguar à das ôtras pessoa, é diferente. Deixa eu lhe contá uma estória, e o sinhô vai entendê. Quando eu nasci, meu pai era jagunço do coroné Fredegoso, que era o dono de todas essas terra. Ele tinha uma jagunçada da boa, não sobrô um inimigo dele vivo mais de 50 quilometro em vorta. O coroné se chamava José Mauricio Fredegoso, e só teve um filho, que ele pôs nome de José Mauricio Fredegoso Filho. Esse o coroné mandô pra Belo Horizonte pra istudá pra doutô advogado. Quando ele vortô formado, foi uma festa. Mas ele nunca trabaiou como advogado. Ficô por aí mêmo com o pai, até que o coroné morreu. Ele também teve só um filho, que pôs nome de José Mauricio Fredegoso Neto. Esse também saiu da fazenda pra istudá, e um dia se formô em doutô médico. Também quando o Fredegoso Neto chegô formado na fazenda, foi uma festa. No dia seguinte, pai e filho estavam andando perto do galinhêro, quando uma cachorra amarela saiu ditrais de umas gaiola de galinha e veio na direção. O pai falou – filho, essa cadela é meio arisca, tu é estranho ela vai querê te cheirá; tu fica quieto, não te mexe que ela não te morde. – O filho ficou ali, duro que nem um sordado. A cachorra veio direto nele, cheirô a perna direita dele assim... bem cheiradinha... e sem rosná, sem nada, mordeu. O dente pegô no osso da canela, e o mordido gritô de dô. A cachorra se assustô e saiu correndo, com uns moleque correndo atrais. Arguém gritô – mata, mata – mais aí o doutô médico gritô – ninguém faça mar à cachorra, ninguém faça mar à cachorra! Durante 14 dias quero ela aqui todo o dia de manhã pra eu vê se ela não tá doente – Aí o Fredegoso doutô médico foi pra casa grande curá a mordida, e o Fredegoso doutô advogado chamô um empregado e falô – Mané, tu pega a caminhonete e vai na cidade no Zé seleiro, e pede a ele pra fazê uma mordada de cachorro. Se ele aprontá hoje ele me fais um favô e eu fico gradecido. Tu cuida também de, todo o dia, trazê aqui a cachorra, amordaçada e na peia, pra o meu filho vê. – O Mané todo o dia trazia a cachorra. No segundo dia a bicha já conhecia o doutô médico, no quinto dia já lhe pegô amô. Já puxava pela peia, já queria avançá nele pra lambê. Já levantava a pata diantêra, já fazia reverencia, já abanava o rabo e se sacudia toda. No décimo quarto dia, o doutô médico falô que tava satisfeito, que agora tinha certeza que a cachorra não tinha doença de raiva quando o mordeu. O pai dele o segurô pelo braço e falô – Quero a cachorra deitada de lado na mesa em frente à churrasquêra, e peiada nas quatro pata, enquanto tenho um particulá com meu filho – a ordem foi cumprida, e todo o mundo se afastô pra não ouvi o particulá. Eu tava lá, tava longe e não podia ouvi. Mas parecia que o pai queria alguma coisa que o filho não queria. Mas no fim eles se acertaram, e foram para a mesa onde tava a cachorra. O pai mandô virar a cachorra, queria ela com as pata da direita vortada pra riba. Viraram ela, e o filho pegou na pata direita trasêra, e deu uma bruta mordida na canela. A bicha gritô mais e recramô mais que leitão quando a gente garra ele de repente... assim...quando ele tá disprivinado... Aí o filho quis ir embora, mais o pai o segurô. E falô – Eu conheço essa cadela; ela é muito da delambida e da

sem-vergonha, o corretivo foi pôco; dá mais uma mordida, filho. – O filho não queria, queria ir pra casa grande lavá a boca, estava com o sangue da cachorra na boca. Mas o pai falô – dispois tu lava. Agora morde – e o filho mordeu, mordeu mêmo com força. A cachorra ganiu, uivô e latiu todas as suas mágoa. Eu tava lá e vi corrê as lágrima dos oio dela. Aí o filho foi apressado pra casa grande, e o pai falô – Agora, não tirem a mordaga mas sortem ela. Essa filha de uma égua nunca mais vai nem pensá em cheirá perna de Fredegoso – sortaram a bicha, e ela saiu correndo com três patas, levando no ar a pata mordida. Mais o Doutô José Mauricio Fredegoso Neto, o médico, não ficô na fazenda. Foi pra Governadô Valadares, trabaiá num hospitá, é médico operadô, desses que corta as pessoa. Dizem que é muito bão. O pai já morreu fais anos, mas ele nunca vortô. As fazenda aqui fica tudo na mão dos capatais, num sabe. Bem que podia vendê as terra; mais, como o pai e o avô, encasquetô que não vende. Quarqué um vendia, mas ele é um Fredegoso...”

Houve um silencio no bar, depois o João Alfredo falou: “É, eu entendi”.

Nesse momento o Véio João levantou os olhos, e falou: “Ara, lá vem o meu cachorro, o Campeão. Todo o dia ele vai pras banda do rio, demora um tempão, dispois vorta”.

João Alfredo olhou ao longo da rua e viu vir vindo, longe ainda, um cachorro grande.

“O Campeão é um cachorro grande, mas podre de manso; se assartarem o posto ele é capais inda de ajudá os ladrão a carregá os roubo.

O sinhô doutô não carece se preocupá. Ele vai chegá e vai só lhe cheirá, é o jeito dele de dizê bom dia”.

O João Alfredo ficou olhando o cachorro vir vindo. O bicho trotava com um jeito malandro, se sacudindo todo. Quando o cachorro chegou mais perto ele pode ver bem o focinho dele. Não se viam os dentes, mas era um focinho risonho, parecia que o bicho estava rindo. Sem querer o João Alfredo pensou: “Mas não é possível! Esse cachorro está gozando com a minha cara”.

O cachorro chegou, foi direto no João Alfredo, cheirar a sua bota.

Sem tirar o focinho de perto da bota, ele movimentou rapidamente o seu traseiro num semicirculo; depois deu um passo à frente, levantou a perna traseira e...

O QUE HOUE COM AS CHALEIRAS?

Conto de Luiz Alevato Grijó

Silvio chegou em casa e encontrou a mulher preocupada. Depois de se beijarem, a Fernanda falou: "Silvio, a tia Maria passou mal hoje de manhã. Me telefonou, eu fui busca-la na casa dela e a levei no pronto socorro do convênio. Passamos lá a manhã inteira e o principio da tarde. Quando deu alta, o medico me falou que ela, mentalmente, está um pouco confusa e que não devia mais morar sozinha".

"Ela está aqui em casa?"

"Não, Silvio, ela está na casa dela".

"Ora, você devia ter trazido ela diretamente para cá. Depois que o Junior casou, o quarto dele está livre. Eu gosto muito da tia Maria; quando a tua mãe morreu você ainda era pequena e a tia te criou. É como se fosse minha sogra".

"Não fala em sogra, Silvio. Sempre ouvi dizer que os homens não gostam das sogras".

"Isso não é verdade. Para as noras, a sogra é veneno, e vice-versa. Mas para os genros, as sogras são geralmente uma segunda mãe. Todos os meus amigos adoram as sogras, um deles gostou tanto que largou a mulher e foi viver com a sogra".

"Esse teu amigo é um tarado, safado e *mascalzón*. Não quero mais que fiques andando com ele, e nem penses em convida-lo para um de nossos futuros churrascos. Mas muito obrigado, amor, pela tua compreensão. A tia Maria, a mãe e os meus outros tios vieram todos juntos da Itália com o *nono* e a *nona*. Todos foram sempre muito unidos, sempre houve muita solidariedade. Mas realmente a obrigação é minha, pois, concordando contigo, digo que ela é como se fosse minha mãe. Vou arrumar o quarto que era do Junior, tomar aí umas providencias, e dentro de 2 ou 3 dias poderemos trazer a tia".

Fernanda abraçou o marido, encostou a cabeça no seu ombro, e repetiu:

"Obrigado amor". E sentiu uma grande e gostosa ternura pelo Silvio.

Depois de passado um mês da data em que a tia Maria foi para o seu novo lar surgiu um problema. Quando o Silvio chegou à tarde em casa a Fernanda contou: -"Hoje de manhã a tia me chamou e falou que queria uma chaleira. No inicio eu não entendi, ela falava baixo, como que envergonhada".

- "E para que diabos a tia quer uma chaleira?"

- "Foi o que eu perguntei. No inicio ela não respondeu, mas eu insisti. Aí ela fez uma cara de choro, fez um bico como quem vai chorar, e falou que queria guardar no armário".

- "Coitada da tia. Está caducando. Mas isso não importa, ela vai ter a chaleira dela. Naturalmente não vamos deixar ela entrar na cozinha, do jeito que ela está seria um perigo ela mexer com fogo e com água fervendo. Mas nada impede que ela tenha uma chaleira para guardar no armário. Porque você já não comprou?"

- "Aí é que está o problema, Silvio. Já procurei no comercio aqui do bairro e não achei".

- "Ó chente! Como é que pode?. Chaleira é trem que tem em todo o lugar!".

- "Eu também achei estranho. Mas não achei chaleira para comprar".
- "Se aperreie não, bichinha. Amanhã é sábado, saio com você e compramos uma chaleira".
- "O problema é que no domingo passado a Edevildes trabalhou, pois demos aquele almoço para a família do teu irmão, e eu prometi dar folga a ela neste sábado".
- "Mas a Clarinha amanhã de manhã fica em casa. Em vez de ir para a casa de uma coleguinha para ficar lá não fazendo nada, ela fica aqui não fazendo nada e tomando conta da tia".

No dia seguinte o casal foi a um grande supermercado. Foram direto nas gôndolas que expunham peças avulsas, mas não acharam nenhuma chaleira. Ficaram decepcionados, mas o Silvio falou:

- "Não faz mal não; compramos um conjunto de panelas, desses que vêm em caixas de papelão com fotografias impressas na tampa das peças que vêm dentro. Separamos a chaleira da tia, e as panelas pômos no uso da cozinha".
- "Mas Silvio, os conjuntos de panelas não vêm mais com chaleira".
- "Não é possível. Nunca vi um conjunto de panelas que não viesse com chaleira".
- "Isso era antigamente. Hoje os conjuntos vêm com leiteira, vêm com panelas, vêm com frigideira, mas não vêm com chaleira".

Mas o Silvio não se conformou, e foram para as prateleiras onde se encontravam os conjuntos de panelas. Nenhum dos conjuntos tinha chaleira. E o Silvio falou: "Será que esses filhos de uma égua de fabricantes de panelas deixaram de fazer chaleiras e não avisaram ninguém?. Mas são uns cabras safados, juramentados na safadeza. Não se aperreie não, amor. Na Avenida Santo Amaro tem uma loja onde nós vamos encontrar. Para entrar é só uma portinha, mas lá dentro é muito grande, a loja alarga para os fundos. Eles lá vendem peças avulsas, é pratos, é xícaras, é panelas, tudo que se possa imaginar".

Saíram do supermercado e cerca de 20 minutos depois Silvio estacionou o carro numa transversal da avenida Santo Amaro. Seguiram a pé, e logo chegaram à loja que era exatamente como Silvio a descrevera. A loja era grande por dentro, e era inacreditável a quantidade de coisas diferentes que havia para vender. Não havia balcão, mas sim, em lugares diferentes, mesas de madeira que serviam como balcões. Pediram uma chaleira à vendedora, que foi busca-la e a colocou em cima de uma das mesas. Era uma chaleira robusta, bem confeccionada, de boa marca, mas não tinha bico. Em vez de bico tinha um rasgo no seu ombro, ou seja, bem no início da curvatura do alumínio que vai em direção ao buraco da tampa; a parte externa do rasgo era afeiçoada de modo a formar uma ponta, como se fosse uma pequena bica.

Fernanda pegou na chaleira e a rodou nas mãos, mostrando contentamento. Mas Silvio fechou a cara e perguntou se só tinha daquele modelo. A vendedora respondeu que sim, e que ela só tinha aquela e mais uma. E o Silvio falou: - "Desculpe, mas essa não serve".

Fernanda ficou perplexa, e falou: -“Mas Silvio, foi a única chaleira que encontramos, e, afinal, é só para a tia guardar no armário”. Mas Silvio foi categórico: - “Não, Fernanda, essa não pode; vou te contar: Há tempos comprei uma chaleira igual a essa e levei para o sítio. No primeiro churrasco que fizemos, a comadre Francisca foi fazer café e eu fervei água na chaleira. Quando fui despejar a água no coador, a água correu pela beirada da chaleira e caiu na minha coxa esquerda. Senti um ardor, uma dor do Cão. E imagine só, por pouco pouco a água fervendo não caiu em cima das minhas ferramentas de fazer menino. Fiquei pê da vida! Saí com a chaleira para o quintal e, com cuidado, despejei a água na terra. A comadre saiu na porta da cozinha e falou: *Ei Silvio! E a minha água quente?* Mas eu estava com a gota, eu fui grosso com a comadre: Tu te vira, esquenta água numa panela, porque esta chaleira eu vou, agorinha agorinha, jogar no lixo. Aí a comadre falou: *Joga não, Silvio; a chaleira tá novinha, dá ela pra mim.* Mas eu estava irado, e falei: Desculpe comadre, mas esta chaleira eu faço questão de jogar no lixo. Se a comadre quiser, depois pega. E foi aí que eu jurei que nunca mais uma chaleira dessas entraria na minha casa”. Os três ficaram olhando a chaleira que a Fernanda tinha de novo colocado em cima da mesa. E a vendedora falou: -“Bem, se é para ferver água, vocês podem usar uma leiteira. Todo o mundo usa. Eu tenho de diversos tamanhos, desde meio litro até um litro e meio”. Mas o Silvio falou: -“Desculpe, moça, mas nós precisamos mesmo é de uma chaleira. A moça foi atenciosa, e eu agradeço. Tenha um bom dia”.

No caminho de volta para o carro, o Silvio falou: -“Nós agora vamos no *shopping*; lá existem duas lojas grandes que vendem tudo que é de uso dentro de casa. Nós ainda vamos achar uma chaleira. Depois, almoçamos por lá mesmo”.

Foram, percorreram as lojas, e não acharam. E o Silvio falou: -“Se aperreie não, amor. Já tenho a solução para contentar a tia. Lá perto de casa tem uma lojinha que tem chaleirinhas muito bonitas, de alumínio anodizado, próprias para fazer chá, já vêm até com um coador pequeno, de alumínio. Não servem para ir ao fogo, mas não tem problema, pois a tia vai só pôr no armário. A loja é de um japonês que vende um monte de coisas importadas bonitas e baratas. Dizem que tudo que ele vende é de procedência duvidosa, mas eu nunca tive dúvidas, porque tudo que eu comprei dele vem marcado, ou made in china, ou made in Korea ou made in Taiwan, etecetera. Depois do almoço, a caminho de casa, passamos lá”.

A Fernanda ligou pelo celular para casa e avisou a filha que ia almoçar, e logo depois do almoço iria para casa. Antes de a mãe desligar a Clarinha falou: -“Sim, mamãe”. Depois que a mãe desligou ela falou: -“Saco!”.

Almoçaram e foram direto na loja do japonês. A Fernanda ficou encantada com as chaleiras que a loja tinha à venda. Escolheu uma e pediu para embrulhar para presente. Escolheram um papel muito bonito, entre os que o japonês vendia por folha. Escolheram duas fitas acetinadas muito bonitas, entre as que o japonês vendia por metro. Depois ficaram olhando as mãos hábeis do japonês fazendo o embrulho. Quando ele terminou, ele falou, fazendo uma mesura:

-“Bonito, né”. E outra medida, falando: - “Barato, né”.
O Silvio admitiu: - “Ficou um embrulho porreta!”.

Saíram da loja para um início de tarde muito bonito. A rua estava encharcada de sol, o céu estava azul, um céu de brigadeiro. Fernanda levava na mão esquerda a sacola com o embrulho da chaleira, o braço direito enfiado no braço do marido. E se sentia muito feliz ao caminhar pela calçada de braço com o Silvio.

Logo que chegaram em casa, a Clarinha veio correndo e abraçou a mãe, chorando. -“Mãe, mãe! A tia morreu! É certeza, mãe! Nosso vizinho, o doutor Alfredo, estava em casa e nós o chamamos. Ele confirmou e disse que vai dar o atestado de óbito. Não liguei porque não sabia como dar a notícia pelo celular”.

Fernanda se desvencilhou da filha e correu para o quarto da tia. Parou na porta e ficou olhando o corpo da tia estendido na cama. Uma figura patética, ali no umbral da porta, abraçando com os dois braços sobre o peito a sacola com o embrulho da chaleira, lágrimas lhe rolando no rosto e pingando do seu queixo sobre a sacola e a frente da sua blusa.

PORQUÊ O IRMÃO VILLAFORTE FOI MANDADO ÀS URTIGAS.

Conto de Luiz Alevato Grijó

(ad perpetuam rei memoriam)

Perto da pequena vila de Val das Vinhas, no norte de Portugal, existe um grijó(*) diferente da maioria das capelas e ermidas antigas que ainda hoje se vêem pelas herdades e pelas quintas desse país. A maior diferença está no tamanho, pois, com as suas duas torres e seus grandes sinos, sua área construída é aproximadamente igual a bem mais da metade de uma igreja normal de uma cidade portuguesa.

O grijó está agregado a uma mansão rural, um solar que foi sede de uma enorme herdade, e que foi construído há mais de 500 anos, antes mesmo da esquadra portuguesa comandada pelo almirante Pedr'alvares de Gouveia (**) ter descoberto o Brasil.

A mansão é típica das construídas pela antiga aristocracia rural portuguesa. Na frente, pouco acima do solo, e sobre uma soleira de granito, há uma enorme e grossa porta, com duas folhas, em carvalho maciço, chapeadas de ferragens pregadas com pregos de enormes cabeças. As portas abrem para um átrio, e dele parte uma larga escadaria em granito que leva ao primeiro andar. A casa é imensa, e toda a parte de baixo, com exceção do átrio e da escadaria, é destinada a depósitos e à guarda de instrumentos agrícolas. Em cima, toda a parte da frente consta de um grande salão; no meio da casa ficam os quartos, e nos fundos a cozinha. As paredes da cozinha, como, aliás, as de toda a casa, são construídas de blocos de pedra, e o chão da cozinha é forrado com grossas placas de granito não polido.

Não existe fogão; apenas, no centro da cozinha arde no chão um lume aberto sob uma enorme coifa onde são penduradas viandas a serem defumadas. Correntes de ferro pendem da coifa, e nelas são penduradas as panelas de ferro onde são preparados os alimentos. De cada lado dois bancos existem, onde é possível se deitar. Ali se aquecem durante algum tempo as pessoas que, no inverno, vêm de fora enregeladas.

No meio da casa, uma porta dá passagem para uma pequena ponte fechada que liga o solar ao grijó, desembocando numa saleta onde, através de uma treliça que resguarda a privacidade, a família pode assistir aos ofícios religiosos.

Antigamente as terras da herdade eram imensas, e do solar se comandava uma multidão de "servos da gleba" que realizavam as atividades ligadas à agricultura.

Aos poucos os tempos mudaram, servos da gleba passaram a não mais existir, sucessivas gerações venderam terras e o tamanho da herdade diminuiu. Nas vizinhanças cresceu uma pequena vila. Essa comunidade passou, com a autorização dos donos, a usar o grijó. Sempre que conseguiam um padre, era rezada ali a missa dominical. Quando não conseguiam, tinham que se deslocar por uma considerável distancia para o cumprimento da obrigação religiosa.

Um dia, uma comissão de moradores, tendo à frente o regedor, foi procurar o bispo e pedir que na vila fosse criada uma paróquia, argumentando que a igreja praticamente já existia. O bispo ponderou que a vila era pequena para ter um pároco, mas prometeu que conseguiria que um frade do mosteiro de São José da Sagrada Família, o qual fora recentemente ordenado padre e assim poderia rezar missa e ministrar os sacramentos, fosse todo o domingo para lá praticar os ofícios religiosos.

E, todo o domingo, para lá passou a ir Frei José de Villaforte, um frade jovem e bonitão, que tinha recebido os sacramentos e sido ordenado padre.

A mais fervorosa freqüentadora dos ofícios divinos passou a ser a Maria, rapariga que não era bonita de rosto, tinha cara de cavalo e dentes desacertados, mas um bonito corpo, e o lume que lhe ardia por dentro ardia nos seus olhos pretos e veludosos.

E como dizem que o diabo as arma, um domingo ficaram sozinhos na sacristia o frei e a Maria, e com as pesadas portas trancadas.

Atiraram-se um ao outro com muita fome. A Maria embora toda dolorida e aos ais, galhardamente não recuava do combate. E o frei, após um jejum prolongado além da imaginação, tirou a barriga da miséria.

Mas como tudo tem um limite, o frei teve que parar para tomar fôlego. A Maria estendeu a mão para o objeto do seu desejo e o encontrou flácido. E falou em um tom meio decepcionado: "Mas está mole! E eu que ainda há pouco cuidava que ele tinha um osso por dentro, e um osso muito duro!".

Nos sucessivos domingos, por artes e manhas e por manhas e artes os dois sempre acabavam conseguindo se encontrar, a Maria cada vez mais escolada e o frei cada vez mais aficionado ao nobre esporte.

Mas aí veio tudo por água abaixo! A Maria ficou grávida, a barriga começou a crescer, e chegou um momento em que ocorreram tumultuadas cenas na casa da sua família.

O pai, desesperado, procurou o bispo e falou: "Eu só não o mato, porque ele é um frade, mas Vossa Reverendíssima tem que tomar providencias".

E o bispo falou: "Fica tranqüilo, meu filho. Eu vou tomar providencias. Quanto ao frei, vou ordenar ao Prior que o coloque na clausura. Quanto à sua filha, vou arrumar uma tença para a criança quando ela nascer, e vou providenciar para que a Igreja cuide da sua educação. Tenha paciência meu filho, eleve o seu pensamento a Deus e peça que ele sempre te ilumine e te dê resignação cristã".

O pai deu ao diabo a paciência e a resignação, mas não era burro e viu que não tinha outro jeito.

O bispo chamou o prior do convento, e com ele teve uma longa conferencia. Depois o prior voltou ao convento, onde chamou frei José de Villaforte a quem pronunciou a sentença pelos seus pecados, e lhe deu os seus conselhos. E falou: "Foi muito grave o que fizestes, meu filho. Tens que rezar muito, com grande arrependimento, e pedindo perdão a Deus. Não usarás mais o teu sobrenome de família, e sim te chamarás frei José da Penitência; ficarás na clausura por prazo indeterminado. No fundo do quintal do mosteiro existe uma moita de urtiga. Dela colherás um molho, e o usarás como silício, principalmente nas partes imencionaveis e que deram origem a tão tristes sucessos".

O novo frei José da Penitência baixou a cabeça, e, com a licença do prior se retirou para a sua nova cela no interior da clausura, onde se pôs a pensar. Pensou que não tinha vocação nenhuma para se chamar José da Penitência, muito menos para viver na clausura, e ainda menos para usar urtiga como silício. Pensou que a Maria não tinha o rosto bonito, mas tinha outros predicados, e não pequenos. Mandou às urtigas o bispo, o prior e o convento, e fugiu. Procurou o pai da Maria, abastado negociante que comercializava principalmente azeite, vinho e azeitonas com os atacadistas das cidades da região, como, por exemplo, Bragança. Logo se acertou com o futuro sogro, e marcaram o casamento, no civil é claro. O bispo, quando soube, não gostou. Pensou em pedir a excomunhão do ex-frei, mas pensou melhor. É que o pai da Maria sempre era generoso com a Igreja. Limitou-se a amaldiçoar "in pectore" as leis portuguesas que tinham separado o Estado da Igreja.

Assim o senhor José de Villaforte se casou com a Maria. Não vou dizer que foram felizes para sempre, porque viviam às turras. Mas grande numero de casais também vive, e criam os filhos. E o José se dava muito bem com o sogro, eram muito amigos. Só uma vez ele brigou com o sogro, só uma vez ele saiu com o sogro por uma alça. Foi quando, as crianças já grandotas, o sogro lhe veio com uma conversa, falando que não havia nenhum padre na família, e quem sabe um dos netos...

* - Grijó (português arcaico) – Até cerca de 1930 os dicionários editados em Portugal tinham o verbete. Significa uma igreja sem pároco. Etimologicamente é uma corruptela de egrejola. Entre a cidade do Porto e a praia de Espinho existe

uma vila com esse nome, onde está situado o Mosteiro de Grijó, que
foi
construído em 1674.

** - Esse é o nome do descobridor do Brasil, o nome que consta da "Carta Régia" que o nomeou comandante da frota. Seu nome de família (Cabral) ele não podia usar, porque não era o primogênito. A Carta Régia está arquivada na Torre do Tombo, em Lisboa. Se duvidar, vá lá ver...

Nota final: O solar e o grijó, tal como são descritos no conto, existem em Portugal. Não naturalmente em Val das Vinhas, um nome inventado. Uma família que se dedica há agricultura, inclusive agricultura intensiva e moderna, o habita conservando-o tal e qual ele era há mais de 500 anos atrás. Não é fácil, porque o solar não possuía banheiros e, para não descaracterizá-lo, os donos não os construíram. Mas, todo o resto é pura ficção...

UM MAJOR ESPARTILHADO

Conto de Luiz Alevato Grijó

O major Zacarias era gordo, jovial e muito educado. Amável com todo o mundo, era muito estimado por toda a tropa. Era o subcomandante do quartel, mas estava interinamente no comando. O coronel comandante tinha tido um infarto. Levado às pressas para o Hospital Central do Exército, morreu.

Quando foi nomeado um novo comandante, na manhã em que chegou no quartel a mudança do coronel, na casa reservada ao comandante, o major foi lá e se apresentou, colocando-se à disposição.

O coronel era alto e magro, e usava um bigodinho "à la Hitler". Declinou dos serviços do major e falou que no dia seguinte estaria no edifício da administração às oito horas da manhã. O major bateu continência, pediu licença e se retirou.

No dia seguinte, um pouco depois das sete e meia, o major mandou o corneteiro dar o toque de "oficiais". A maior parte dos praças estava no refeitório tomando café, depois da ginástica e do banho. Alguns soldados, debochados, cantarolaram baixinho, acompanhando a musica do toque: "Parasita da nação...ção. Parasita da nação...ção".

O coronel chegou às oito horas, o major o estava esperando e o conduziu à biblioteca, onde os oficiais já estavam reunidos. Como de praxe, todos os oficiais se apresentaram um por um. Finda a apresentação o coronel os dispensou, e pediu ao major que o conduzisse ao gabinete do comandante. Lá chegando o coronel falou: - Major, entre e feche a porta. -

Fechada a porta, falou o coronel:

- Olhe para o senhor, major. O senhor está indecente. Gordo como um capado. Essa barriga enorme dentro da farda é uma vergonha. -

O major ficou apatetado, e o coronel continuou:

- Não creio que eu consiga transferi-lo, pois o senhor é primo do General Severiano. Assim tenho que eu mesmo tentar dar um jeito no senhor, ao menos para melhorar. O senhor vai sair daqui agora e vai na cidade, numa dessas lojas que vendem coisas para senhoras, e vai comprar um espartilho. O senhor está dispensado por hoje, mas amanhã deverá se apresentar usando o espartilho e com a barriga, pelo menos, bem diminuída. Agora pode ir, major. Quando sair deixe a porta aberta, e mande o oficial intendente vir ao meu gabinete. -
O major saiu, tremulo e baixeirado, vermelho de raiva e de vergonha.

Pouco depois o oficial intendente chegou na porta do gabinete, fez continência e se apresentou. O coronel falou:

- Á vontade, tenente. Entre e feche a porta. -

Fechada a porta, falou o coronel:

- Me diga, tenente, quanto os fornecedores pagam para ter o privilégio de nos ter como clientes? –

- Nada, meu comandante. –

- Como nada, tenente. Não me venha com conversa mole pra boi dormir, que eu baixo uma ordem para que o oficial de dia não mais confira as entregas. Eu mesmo vou conferir as notas fiscais e pesar as mercadorias. –

- Bem, meu comandante, como eu lhe disse os fornecedores não pagam para nos fornecer, mas fazem uma contribuição mensal. Para as benemerências do quartel, naturalmente. –

- Naturalmente, tenente, naturalmente. Mas, de agora em diante, eu mesmo cuidarei das benemerências do quartel. De quanto é essa contribuição? –

O intendente hesitou, depois falou:

- Quinhentos mil reis, meu comandante. –

- Quinhentos é pouco. Daqui pra frente, quero todo o mês oitocentos mil reis na gaveta da minha escrivaninha. Pode se retirar tenente, e mande chamar os capitães, vou fazer uma reunião com eles. –

O tenente bateu continência, caprichou na “meia volta” regulamentar, e saiu atarantado pensando:

- Bolas. Oitocentos é o que eles pagam. Tenho que cavar pelo menos mais cinqüenta mil reis para não ficar eu com as mãos abanando. –

Quando os capitães chegaram, todos se sentaram em volta de uma mesa existente no gabinete, e o coronel começou a rever com eles as praxes disciplinares do quartel e as escalas de serviço. O coronel determinou muitas modificações, todas no sentido de apertar a disciplina e diminuir as folgas. Quando chegou a hora do almoço, o coronel enunciou uma última determinação: Sob nenhum pretexto, ninguém poderá se retirar do quartel antes de ser dado o toque de “ordem”.

Um dos capitães se atreveu a perguntar:

- Como de praxe, o toque de “ordem” será dado no fim do expediente, às 16 horas? –

O coronel respondeu, brusco:

- O toque de “ordem” será dado na hora que eu mandar. –

E todos foram para o cassino dos oficiais para almoçar.

Depois do almoço, o coronel voltou ao seu gabinete. Antes de entrar deu ordem para não ser incomodado. Entrou, trancou a porta, depois olhou em volta satisfeito, pensando:

- Foi uma manhã proveitosa. É importante por ordem no galinheiro logo de cara, senão depois fica difícil controlar a bagunça. Agora vou tirar uma soneca, que passei parte da noite jogando biriba, e ninguém é de ferro. –

Pegou um despertador que mandara vir de sua casa, e o acertou para despertar dez minutos antes das seis horas da tarde. Depois, procurou se acomodar o melhor possível numa das grandes poltronas existentes no gabinete, e logo adormeceu.

Às dez para as seis o despertador tocou, o coronel acordou, se espreguiçou, foi no banheiro privativo do gabinete e lavou a cara no lavatório. Eram quase 6 horas quando ele saiu, mandou o corneteiro dar o toque de "ordem" e foi para casa.

No dia seguinte, no início do expediente às seis horas da manhã, o major chegou ao seu gabinete usando o espartilho. Não tinha podido esconder o fato da esposa; a mulher riu e ele ficou humilhado. A túnica do seu uniforme estava enrugada debaixo do talabarte, e as calças meio sanfonadas, mas a barriga visivelmente diminuída. As 8 horas o coronel chegou, e o major se apresentou. O coronel lançou um olhar sarcástico para a barriga do major e falou:

- Pelo menos diminuiu bem. -

O major passou um dia terrível. Ele se sentia apertado, e naquele calor do Rio de Janeiro suave muito, principalmente debaixo do espartilho. Esperava ansioso as 4 horas da tarde para ir para casa, tirar o espartilho e tomar um banho. Mas às 4 horas da tarde não foi dado o toque de "ordem", pois o coronel repetiu a rotina do dia anterior. Aquelas últimas 2 horas foram pior que o inferno para o major. E todo o dia era a mesma coisa, no fim de uma semana o major estava desesperado. Pensava como seria melhor estar na Itália na frente de combate do que estar ali. Pensava em conseguir uma transferência, qualquer coisa era melhor do que aquilo pelo qual estava passando.

Mas...

Naquela noite o coronel foi num jantar no Clube Militar e bebeu além da conta. Fez em voz alta referências muito desairosas ao general comandante da região, também uma pessoa gorda.

No dia seguinte, em seu gabinete, o major ao relancear os olhos pelo relógio, viu que eram quase 9 horas da manhã. Como não tinha sido avisado ainda da chegada do coronel, chamou o sargenteante, e reclamou da falta do aviso. Mas este respondeu que o coronel ainda não tinha chegado. O major achou estranho.

Às 10 horas começou a se achar na obrigação de ir na casa do coronel. Mas o contato com o coronel o repugnava, e ele remançou. Pouco depois o sargenteante o avisou : - Telefone, major. É o general comandante da região. -

- Você falou que o coronel não está? -

- Não senhor. Ele não quer falar com o coronel, quer falar com o senhor. -

O major atendeu pressuroso o telefone, e ouviu o general falar:

- Olha aí Zacarias, presta atenção. O negócio é o seguinte, o coronel foi exonerado; você como subcomandante assume imediatamente o comando, sem esperar que a exoneração "cante" no boletim. O coronel vai ser transferido, ele vai poder ocupar a casa durante até 30 dias, que é o período de "transito" a que ele tem direito, mas não vai apitar mais porra nenhuma no quartel. Estamos entendidos? -

O major fez um esforço e conseguiu balbuciar:

- Sim senhor.

O major reuniu os oficiais e deu a noticia. Os oficiais sorriram. Em poucos dias o coronel conseguira ficar bastante impopular.

Aí o major saiu apressado em direção à sua casa, foi para o seu quarto, tirou a farda, e tirou o espartilho que jogou no chão. Depois passou a pisoteá-lo freneticamente, xingando o coronel e a mãe do coronel. Finalmente, chutou o espartilho para um canto do quarto, vestiu a farda e foi para o quintal da casa. O jardineiro tinha feito um grande amontoado de gravetos secos e de folhas secas, e o major tocou fogo. O major voltou ao quarto, e pegou o espartilho. Quando voltou ao quintal o fogo estava nutrido, acelerado por uma brisa que soprava do Leste. Ele jogou o espartilho no fogo, e sentiu com prazer o cheiro ruim de borracha queimada que vinha da fogueira.